

É NOITE NA
RUA AUGUSTA

INSERÇÃO E EXPULSÃO DA PROSTITUIÇÃO (1970 - 2023)

ISABELA LEITE VALENTIM

mem nota 10
i ao Relax.

Executivos, empresários de nível, vão Relax Center. O relaxa ao resto... Por há uma grande diferença entre "ca de massagem e um Instituto Relax Masculin. O verdadeiro relax se faz com requintes que só uma empresa ofer

EQUIPE EXCLU
DE RELAX GIB

Relax Center

Nota 494 eq. A. Av. Acomodação
dos 1161 • Av. Pompeia 1022
eq. R. Augusta 1107 - das 12 as 2
manobristas. Av. Antares 11

Massagem Relax Club
renovação. Mas, estamos com as mais lindas
do pedaço. Rua Tabap
próprio). E Rua Augusta
boulevard.

Clube p/Cavalheiros

acionistas, acompanhantes, hortesses - Am.
Saunas, S. Repouso e Suites. Ambiente classe
A". Rua Augusta, 83. F.: 258-2840 após 14 hs.

Boite

BELO BRUMMELL

Sob nova direção Tony e Silva. Convidam você para
o penúltimo drink da madrugada - Música
mecânica.

Pista de dança - Cozinha internacional.

Rua Augusta, 160 — Telefone 257.3767.

BOITE EST. PLAZ

SHOWS AO VIVO DE 30
EM 30 MIN. DIVERSIFICADOS

RUA AUGUSTA, nº 124

Fone: **256-6073**

Polícia realiza operação
na Rua Augusta

É NOITE NA

RUA AUGUSTA

INSERÇÃO E EXPULSÃO DA PROSTITUIÇÃO (1970 - 2023)

ISABELA LEITE VALENTIM

autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho,
por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e
pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na Publicação
Serviço Técnico de Biblioteca
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo

Valentim, Isabela

É noite na Rua Augusta: inserção e expulsão da prostituição
(1970 - 2023) / Isabela Valentim; orientador Paula Santoro.
coorientador Paula Janovitch - São Paulo, 2023.

160 p.

Trabalho Final de Graduação (Bacharelado em Arquitetura
e Urbanismo) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da
Universidade de São Paulo.

1. Prostituição. 2. Rua Augusta (São Paulo, SP). 3.
Projeto Urbano. I. Santoro, Paula, orient. II. Janovitch,
Paula, coorient. III. Título.

Elaborada eletronicamente através do formulário disponível em:
<<https://fichacatalografica.fau.usp.br/>>

É NOITE NA
RUA AUGUSTA
INSERÇÃO E EXPULSÃO DA PROSTITUIÇÃO (1970 - 2023)

ISABELA LEITE VALENTIM

Trabalho Final de Graduação
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo
Universidade de São Paulo

Orientadora: Paula Freire Santoro
Coorientadora: Paula Ester Janovitch

Julho de 2023

1

BREVE HISTÓRICO DA PROSTITUIÇÃO EM SÃO PAULO

- I. DE 1924 A 1939 25
- II. DE 1940 A 1953 28
- III. DE 1954 ATÉ O INÍCIO DA DÉCADA DE 1970 31
- IV. DO FINAL DA DÉCADA DE 1970 ATÉ OS ANOS 1990 41
- V. DOS ANOS 1990 ATÉ 2023 47

AGRADECIMENTOS	9
INTRODUÇÃO	13

25

2

AS RUAS AUGUSTAS

- I. 1875 A 1960: Rua Augusta, Rua Augusta e rua augusta 53
- II. ANOS 1960, 1970 E 1980: Consolidação do lazer noturno na Augusta e arredores 75
- III. 1970 AOS ANOS 2000: Nunca é noite no mapa 81
- IV. ANOS 1990 a 2000: Da baixa para o Baixo Augusta 103
- V. ANOS 2010 ATÉ 2023: o caso Vision Paulista 114

53

CONSIDERAÇÕES FINAIS	139
NOTAS	142
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	144

139

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, Heloisa e Sérgio, e à minha irmã Paula,
por todo o apoio, não só durante a faculdade mas
durante toda a minha vida;

Ao Rafael, pela parceria de mais de cinco anos e por
toda a força e companheirismo durante
todo esse tempo;

Aos amigos de vida, Isabela, Gustavo, Letícia, Paulo
e Amanda, que sei que sempre torceram por mim
mesmo de longe;

Aos amigos da FAU, que transformaram a minha
graduação e a minha vida. Especialmente à Giovanna,
João, Marina e Yugo, que me acompanharam por
todo esse percurso e viveram intensamente muitos
momentos comigo;

Às "Paulas", Santoro e Janovitch, pelo suporte e
parceria nesse trabalho e em vários momentos da
minha graduação e por me introduzirem à temática do
gênero e cidade;

A todos os professores e funcionários da Faculdade de
Arquitetura e Urbanismo da Universidade
de São Paulo.

À Marina Harkot, pesquisadora exemplar e pessoa
incrível com quem tive o prazer de conviver desde
meus primeiros anos de FAU e que tanto me
inspirou e me ensinou.

INTRODUÇÃO

Qual a primeira coisa que vem à sua cabeça ao pensar na Rua Augusta? Para muitos talvez seja a vida noturna, as baladas, a diversidade, mas a Rua Augusta, em São Paulo, já passou por diversas transformações desde os primeiros registros de seu surgimento. Considerada hoje importante espaço da vida noturna dos jovens paulistanos, a Augusta de outros tempos foi um local conhecido pela prostituição, tanto na própria rua, o chamado *trottoir*, quanto em boates e outros estabelecimentos.

Este trabalho nasce da vontade de compreender melhor as dinâmicas da prostituição na cidade de São Paulo, as questões morais que atravessam o espaço público, os instrumentos de controle, as invisibilizações e os zoneamentos – oficiais ou não – que envolvem estes corpos, muito inspirado por trabalhos e vontades da pesquisadora Marina Harkot (2019)¹ e também pelas pesquisas de Paula Janovitch sobre a antiga Zona do Meretrício no Bom Retiro². A Rua Augusta surge como foco em um segundo momento, após um breve mapeamento de territórios de prostituição na cidade.

A escolha da rua Augusta se deu por se tratar de um local que passou e ainda passa por um extenso processo de transformação urbana com troca da população moradora e frequentadora, sendo capaz de mobilizar tanto uma pesquisa histórica quanto um trabalho mais investigativo do presente. Ainda, a Augusta representa para mim um local de envolvimento pessoal e afetivo, uma vez que comecei a frequentá-la há aproximadamente dez anos, para lazer, e hoje também trabalho lá.

A imagem que eu tinha da Rua Augusta não envolvia prostituição, estava basicamente ligada a um universo de ba-

Putá, substantivo feminino: profissão.
Mulher que vende o próprio corpo para prática de sexo.

Adjetivo: com muita raiva.
Pessoa nervosa, estressada, puta da vida, irritada.
Tomado ao pé da letra: mulher que vive da prostituição.
Mulher promíscua, desonesta, de vida fácil.

Putá, prostituta, meretriz, garota de programa, marafona, mulher da vida, messalina, mulher-dama, cortesã, rapariga... Putá. Independentemente do termo escolhido, ele pode tanto se referir a uma profissão quanto indicar a pior das ofensas às mulheres.

(PRADA, 2018)

ladas para jovens, porém quando fui lá pela primeira vez isso gerou um estranhamento por parte dos meus pais, já que no imaginário deles, a partir das experiências que tiveram em anos anteriores e também de uma construção da mídia, a Augusta a noite era um lugar extremamente perigoso, uma espécie de submundo da cidade de São Paulo. Em meados dos anos 2010, a rua já havia passado por diversas transformações, a prostituição, por exemplo, não tinha mais presença tão forte naquele momento. Mas também havia, e ainda há, um grande estigma sobre o local e sobre as prostitutas, principalmente quando se fala com pessoas que viveram o auge da prostituição.

Este acontecimento foi bastante marcante para mim e esse relato pessoal é bem representativo da ideia de “Ruas Augustas” desenvolvida neste trabalho. É realmente uma região da cidade onde, até hoje, há diversidade tanto de pessoas quanto de usos do espaço e também existem variadas ideias e percepções do que é essa rua. Ela é de extrema importância para São Paulo, não só em seus usos atuais, mas para história e memória da cidade e de várias pessoas que passaram por ela ao longo dos anos.

Este trabalho, então, tem como objetivo relatar e compreender as transformações urbanas da Rua Augusta, principalmente no trecho chamado de Augusta Centro (entre a Av. Paulista e a Rua Martinho Prado), tendo a prostituição feminina como fio condutor dessa história. Buscou-se entender os processos urbanos passados pela rua e suas particularidades, bem como sua relação com a cidade de São Paulo. O foco da pesquisa concentra-se dos anos 1970 aos anos 1990, quando a prostituição se insere e consolida na Augusta, entendendo também as dinâmicas mais atuais da rua e as mudanças que isso culminou nesse universo do sexo e diversões noturnas.

Entende-se a atividade da prostituição e as prostitutas como agentes que influenciaram e ainda influenciam a vida urbana de forma fundamental durante a história deste local. O processo mais atual de consolidação da Augusta como importante ponto noturno de São Paulo está intrinsecamente ligado à prostituição e, a partir disso, pretende-se, como coloca Gabriela Moura em seu trabalho:

[...] fomentar uma análise sobre a produção do espaço urbano pela prostituição, conforme um debate de gênero capaz de reconhecer o lugar das prostitutas cis e trans como usuárias e produtoras da cidade, assim como sujeitas reflexivas de sua realidade" (MOURA, 2021, p.5).

As frases de Gabriela Leite – prostituta, escritora e fundadora do movimento social de defesa dos direitos das trabalhadoras do sexo no Brasil – na entrevista dada à revista Caros Amigos em 2006 (VIANA, 2006, p. 28-31) também foram bastante instigadoras para esse trabalho. Gabriela aponta que as “Prostitutas sempre estão em áreas a serem revitalizadas. Quando vem a revitalização são as primeiras a serem expulsas”. Diana Helene (2017; 2022) também reforça sobre esse processo de expulsão em seus trabalhos, descrevendo a criação de zonas de tolerância em Campinas.

Uma transformação da Rua Augusta, justificada com a utilização de narrativas em torno de uma “revitalização” e “revalorização”, dá-se nos anos 2000 quando passa a ser denominada Baixo Augusta. Os novos empreendimentos de lazer e cultura se instalam na rua onde já existiam atividades ligadas à prostituição, e esse fato não afastou os interesses desses novos empresários alternativos, pelo contrário, o “imaginário do submundo” foi capturado para promover esses locais. A prostituição passa a ser vista como atrativo e passa a fazer parte dessa “nova Augusta” do Baixo Augusta, que começava a se desenhar.

Com o passar do tempo e o aumento do interesse do mercado imobiliário no local, por volta dos anos 2010, essa atividade passa a não ser mais vista de forma tão positiva e, consequentemente, se intensifica um processo de expulsão. Somado a isso, um local com tanto movimento e circulação de pessoas novas com interesses diversos, que muitas vezes não incluem sexo, também não é mais tão atrativo para o próprio trabalho da prostituição, que no geral requer uma certa discricção. Ainda assim, apesar de ser notável a diminuição de casas de prostituição na Rua Augusta e também do *trottoir*, que praticamente desapareceu, há algumas boas-tas que resistem, principalmente entre as ruas Costa e Marquês de Paranaguá.

Este trabalho busca, ainda, à luz dos processos de transformação da rua, compreender o processo de consolidação da prostituição na Augusta; seguido por uma aceitação e apropriação por parte de certos grupos da noite paulistana – o que talvez consista em uma etapa de um processo de troca de população, como outros descritos como gentrificação –; e por fim, uma expulsão principalmente devido ao avanço do mercado imobiliário, “revalorização” da rua e de mudanças na própria prostituição, que culminou nessa diminuição da atividade no local, sem eliminá-la por completo. A prostituição na Rua Augusta resiste tanto fisicamente quanto no imaginário dos paulistanos.

Ainda, falar sobre mulheres na cidade por si só já se apresenta como um desafio metodológico, uma vez que sua presença é apagada da história da cidade. Falar de mulheres prostitutas então, com todas as camadas de moralidade envolvidas, torna-se ainda mais complexo.

“[...] a relação da mulher com a cidade é apagada de forma sistemática, restando apenas poucos e breves relatos sobre figuras pontuais que, em sua maioria, estavam de

alguma forma ligada às elites ou a relações sociais domésticas, visto que, para as mulheres, a presença no recato e no lar era fundamental” (ROSIN, 2021, p.102).

Na Rua Augusta a questão do apagamento é bastante evidente, não só em relação às mulheres e à prostituição. Os grandes processos de demolição em curso na região consistem em apagamentos de tipologias, de modos de habitar e viver que existiam ao longo da rua, dentre eles a derrubada de bordéis que por muitos anos fizeram parte da noite de São Paulo. As lojas, restaurantes, baladas e bares presentes no local também estão em constante transformação e mudança.

Esse apagamento físico se soma a uma ausência de registros oficiais sobre o assunto, devido a questões de moralidade e tabu. Há um desinteresse e até desdém pelas atividades ligadas à prostituição, não reconhecendo sua presença no urbano.

Além disso, a cidade “oficial” é a cidade do dia, da clareza, muitas vezes não se relatam oficialmente as histórias de quando as luzes se apagam. Para o seu planejamento são considerados os deslocamentos diurnos, o trabalho produtivo que acontece das 8h às 18h, e a noite é lida como espaço da contravenção, da imoralidade, do perigo. Nas análises urbanas baseadas em binariedades o dia recebe uma conotação mais positiva que a noite, assim como a mulher que vivencia a cidade durante o dia: a mulher da noite é a puta – termo muitas vezes usado como forma de ofensa e não se referindo à profissão em si – que é tida como mulher pública, a mulher invalidada e promíscua; enquanto a mulher do dia é vista como a mulher correta, principalmente se estiver confinada no espaço privado, se for uma mulher que não se exponha à rua. Como lidar com esses apagamentos e estas narrativas que separam as mulheres em grupos antagônicos?

Para elaborar esse trabalho foi necessário recorrer a fon-

tes diversas, uma vez que apenas trabalhos acadêmicos e documentos oficiais não dariam conta de fornecer informações suficientes para traçar a história das transformações urbanas da Rua Augusta tendo a prostituição feminina como fio condutor. Há uma “escassez de estudos acadêmicos acerca das transformações urbanas na via e na região, principalmente no campo da arquitetura e do urbanismo” (PISSARDO, 2013, p. 16). Além disso, quando se soma à Rua a prostituição há menos trabalhos ainda.

Em um primeiro momento foram consultadas as Atas e Anais da Câmara Municipal de São Paulo, nas quais não foram encontradas muitas referências à Augusta e à prostituição no local. Apesar disso, o processo foi importante para a compreensão de como diferentes políticos tratam essas atividades e como a moralidade está envolvida no ato de transformar e regular a cidade e seus costumes. Foi possível também identificar referências a locais próximos à Rua Augusta e que têm influência sobre ela, como a Vila Buarque, conhecida nos anos 1960 como “Vila Boate”, ou a Rua Martins Fontes, que é na verdade uma continuação da Augusta em direção à Avenida Nove de Julho.

Outra fonte utilizada para tentar entender melhor tanto a Rua Augusta como a dinâmica geral da prostituição em São Paulo e compreender qual era a narrativa vinculada aos meios de comunicação ao longo do tempo foram os jornais. Além de pesquisas online diversas foram escolhidos os jornais O Estado de São Paulo e Notícias Populares para buscas mais aprofundadas. Para analisar O Estado de São Paulo foi utilizado o Acervo Estadão, disponível para consulta online, buscando-se por “Rua Augusta” e “R. Augusta” a partir de 1950. Já o jornal Notícias Populares, por não estar disponível online, demandou visitas à Hemeroteca da Biblioteca Mário de Andrade para consulta de exemplares dos anos 1970 até os anos 1990. Esse jornal foi escolhido por ser co-

nhecido como uma fonte de notícias sensacionalistas, que acreditávamos que poderia trazer assuntos que outros meios de comunicação não retratariam tão explicitamente, como o dito submundo noturno da cidade.

Além disso, foram entrevistadas algumas pessoas que frequentam, moram e/ou trabalham na Rua Augusta já há algum tempo e que vivenciaram algumas das transformações estudadas. Questões sobre como a prostituição é vista ou como as transformações urbanas são percebidas foram o eixo destas conversas. Nelas foi desafiador que as pessoas falassem sobre um assunto que ainda é tabu, que muitas vezes trata de experiências pessoais, e também por estarem falando com uma mulher. Quando entrevistados homens cisgênero heterossexuais, que estão entre os principais clientes das boates de prostituição da Rua Augusta, havia uma certa inibição nas falas. Assuntos como prostituição e sexo, são comuns em rodas de amigos, mas ainda há uma estigmatização e barreiras quando se sai deste círculo, quando há mulheres envolvidas na conversa e alguma formalidade.

A internet foi uma grande aliada na construção dessa base de dados para o trabalho. Como a prostituição na rua ainda era bastante forte nos anos 2000, principalmente no seu início, foi possível encontrar diversos relatos em fóruns online, como o GP Guia - Fórum de Acompanhantes e Garotas de Programa³, ativo até hoje. Foi possível aferir a relação muitas vezes violenta dos clientes com os estabelecimentos, com a rua e também com as profissionais, seja nas cenas retratadas ou no discurso. Estes fóruns, por garantirem anonimato dos participantes, fazem com que haja uma sensação de liberdade, quebrando a barreira encontrada nas entrevistas, sendo “quase como o bar da esquina, só que virtual, e com alguma ilusão de anonimato” (PRADA, 2019, s/ pg.). Mas em ambos os casos, e no caso de outros tipos de fontes de pesquisa também, mesmo que oficiais, há a cons-

trução de uma narrativa, havendo sempre parcialidade.

Por fim, também foi utilizado o Street View do Google Maps, que permite voltar até o ano de 2010, para poder visualizar as mudanças físicas na rua ao longo do tempo. Esse recurso fornece apenas fotografias tiradas durante o dia e como a prostituição ocupa principalmente a noite, não foi identificada de forma explícita nas imagens.

Foram realizadas diversas visitas à rua em horários e dias da semana distintos, a partir das quais foram feitas anotações e marcações de casas de prostituição e outros locais ligados ao universo do sexo na rua (sex shops, motéis/ hotéis, saunas) para dar início à produção de uma cartografia com pontos que têm relação com a atividade da prostituição, alimentado com as outras fontes de pesquisa citadas.

A partir destas análises foi possível entender melhor as dinâmicas, principalmente noturnas, deste território. Os territórios da prostituição são diferentes, a depender do local, momento histórico e contexto no qual estão inseridos. Influenciam e são influenciados pela cidade como um todo e se inserem em uma lógica de clandestinidade relativa, dentro de uma complexidade que alterna entre permissividade e repressão. Quando e em quais lugares da cidade é feita “vista grossa” em relação à prostituição? Por que isso se altera com o passar do tempo e a quais interesses isso está relacionado?

“As características relacionadas às práticas socioespaciais da prostituição na cidade, ao mesmo tempo em que ferem transgressivamente e arbitrariamente os padrões morais oficializados da sociedade, também são conformadas e toleradas. Ao passo em que a sociedade a expulsa, igualmente a chama e a admite, como também lhe usa.” (DEL VALLE, 2022, p. 8).

A fim de entender essas dinâmicas na Rua Augusta e ela

como território de prostituição inserido na cidade, este trabalho se inicia com um Breve Histórico da Prostituição em São Paulo. Neste capítulo a principal fonte utilizada foi a dissertação de mestrado de Sarah Feldman (1989), na qual a autora faz uma periodização da prostituição em São Paulo de 1924 até o início da década de 1970. A Augusta se insere exatamente no fim do último período estudado por Feldman, o que ajuda a compreender o início da prostituição no local, abrindo caminho para estudar os processos posteriores vividos na rua.

O segundo capítulo parte para a Rua Augusta propriamente dita, explorando o que foi chamado de “Ruas Augustas”. Coloca-se o nome no plural exatamente para reforçar o caráter mutável da rua ao longo dos anos e também a capacidade de agregar simultaneamente uma diversidade de usos e ocupações durante um mesmo período.

Esse capítulo foi subdividido em cinco itens dispostos em ordem cronológica:

- I. **1875 a 1960: Rua Augusta, Rua Augusta e rua augusta** - sobre o surgimento da via, sua consolidação residencial, sua transformação em pólo comercial de luxo e posterior abandono das elites;
- II. **Anos 1960, 1970 e 1980: Consolidação do lazer noturno na Augusta e arredores** - sobre o processo do aumento de diversões noturnas na Augusta e arredores, em especial na Praça Franklin Roosevelt, a partir da presença de jovens no segundo pós-guerra, com consolidação nos anos 1960. As diversões noturnas da cidade incluem a prostituição;
- III. **Anos 1970, 1980 e 2000: Nunca é noite no mapa** - sobre a inserção e consolidação da prostituição tanto na rua quanto em boates da Rua Augusta e sobre a formação do embrião do chamado Baixo Augusta;

- IV. Anos 1990 e 2000: Da baixa para o Baixo Augusta**
- sobre a consolidação do Baixo Augusta e a relação das novas festas e do novo público com as prostitutas da região;
- V. Anos 2010 até 2023: o caso Vision Paulista** - sobre o avanço do mercado imobiliário e os impactos tanto na baixa quanto no Baixo Augusta, a partir de três estudos de caso.

1 BREVE HISTÓRICO DA PROSTITUIÇÃO EM SÃO PAULO

[...] os territórios da prostituição não constituem, como afirma Reckless (1926: 483), uma "formação parasítica" que floresce "sobre a organização natural da cidade", o que confere à prostituição o sentido de um elemento estranho, apostro a organização social. Pelo contrário, a prostituição aparece como parte desta organização, se estrutura comercialmente em função das diferentes demandas, assim como os serviços urbanos em geral.

A lógica da territorialização da prostituição se insere na lógica de territorialização das diferentes camadas sociais da cidade.

(FELDMAN, 1989, p.47-48)

A prostituição está e sempre esteve inserida na vida da cidade de São Paulo e ainda que discursos e ações moralizadoras tentem negar ou controlar sua existência ela resiste, se reinventa e se recoloca no contexto urbano a depender do momento: "seu desenvolvimento, se é que podemos assim dizer, não acontece de forma gradativa, ou evolutiva, mas sim, subjetiva aos parâmetros sociais aos quais ela se insere" (DEL VALLE, 2020, p.3).

Segundo Feldman (1989), a prostituição faz parte da organização social urbana e se estrutura como qualquer outro serviço na cidade capitalista: seguindo lógicas de mercado. Para entender a territorialização da prostituição em São Paulo, a autora faz uma periodização pensando nos momentos importantes de mudanças nas estratégias de controle policial a esses corpos dissidentes. Ela aponta que "os territórios de prostituição se mantêm, por várias décadas, restritos a um mesmo setor da cidade, e se transformam em função das alterações do controle policial e das modalidades de estabelecimentos" (p.21), a partir disso, determina três períodos:

— de 1924 a 1939 - quando se institucionaliza o controle policial da prostituição feminina em São Paulo e as casas de tolerância passam a predominar enquanto estabelecimentos para desempenho da atividade;

— de 1940 a 1953 - quando se efetiva o confinamento da prostituição feminina;

— de 1954 até o início da década de 70 - quando predominam as formas camufladas de prostituição e de controle policial" (FELMAN, 1989, p. 24).

Utilizou-se também a pesquisa de Maíra Rosin (2021), que trata da prostituição em São Paulo no período que vai de 1905 a 1938, e comprova que as chamadas "formas camu-

fladas” da prostituição já existiam bem antes dos anos 1950 e que se disseminam como forma de contornar ações mais fortes de controle policial.

I. De 1924 a 1939

O primeiro período de Feldman é definido a partir de 1920 quando ocorre um crescimento da prostituição feminina. Em 1924 é instaurada a Delegacia de Costumes e Fiscalização de Jogos junto à 2ª Delegacia da Capital no bairro de Santa Ifigênia (Lei Estadual nº 2034/1924). Essa lei conferia a polícia um poder moralizador a partir de preceitos higienistas, e era aplicada principalmente na região central, onde se concentravam as atividades de diversões noturnas, dentre elas a prostituição. Rosin (2021, p. 118) aponta que nesse momento, e mesmo em momentos anteriores, “a vigilância e o combate à prostituição eram rigorosos e que as autoridades buscavam controlar tudo o que a legislação tentava combater. No entanto, eram inúmeros os casos em que, ainda que o controle existisse, as atividades ilícitas seguiam em pleno desenvolvimento”, ou seja, já havia uma ideia de clandestinidade relativa, uma vez que a fiscalização era aplicada de forma inconstante e muitas vezes os próprios agentes do poder público utilizavam dos serviços das prostitutas.

E, para além do núcleo principal Triângulo/Barão de Itapetininga e Brás apontado por Feldman, nesse período Sarah já identifica o subdistrito da Consolação, no qual se insere a Rua Augusta, como local onde se instalam estabelecimentos de prostituição. Porém, na Rua Augusta em si ainda não há registros de *trottoir* e nem de estabelecimentos voltados ao sexo. Nesse momento era um local basicamente residencial, com comércio voltado para o abastecimento local e também com presença de alguns colégios e clubes (PISSARDO, 2013). Já a área entre a Rua Nestor Pestana,

antiga Rua Florisbela – inaugurada em 1933 após a desapropriação do Velódromo – e a Praça Roosevelt, antiga Praça da Consolação, aparecem identificadas como locais com concentração de estabelecimentos de prostituição feminina. A relação da Augusta com a Nestor Pestana e com a Praça Franklin Roosevelt será explorada no item “Nunca é noite no mapa”, porém é importante ressaltar que estes locais fisicamente tão próximos à Rua Augusta já eram pontos relevantes no universo do sexo desde este período.

Nesse momento os estabelecimentos predominantes eram as chamadas “casas de tolerância”, mas também havia outros locais não registrados e menos controlados pela polícia, que funcionavam de forma camuflada, como casa de cômodos, ou até mais explicitamente, como hotéis e cabarés, por exemplo. “Casa de tolerância” porque a prostituição nesse período era tida como um mal necessário, que deveria ser tolerado para que pudesse ser mantida a ordem social na cidade. E essa visão persiste nos dias de hoje, na vertente chamada “Regulamentarista”, cuja ideia defendida é que a prostituição não deve ser proibida, mas que as prostitutas e os estabelecimentos voltados a esse trabalho devem ser controlados e vigiados constantemente, a fim de se manter uma desejada ordem e de se proteger as chamadas “famílias de bem”. A legislação brasileira, já desde o Código Penal de 1890, assume uma postura Abolicionista, criminalizando a exploração sexual e não a prostituição em si, porém, isso não impede que muitas ações de controle policial se deem mais em um viés Regulamentarista, em uma tentativa de controle das prostitutas na cidade e, por vezes, perseguição das mesmas.

Além do modelo Regulamentarista existem mais dois sistemas legais para lidar com a prostituição no mundo ocidental hoje: o Proibicionismo e o Abolicionismo. Como bem explica Diana Helene em seu trabalho: “O Proibicio-

nismo considera a prostituição como algo impraticável e por isso adota medidas de modo a extingui-la totalmente, sobretudo a partir de sua criminalização”, enquanto “A legislação abolicionista centraliza seus esforços na perseguição e punição da dona/o ou gerente de hotel/casa de prostituição, e não das prostitutas. [...] Nesse sistema, a prostituta é vista como uma vítima de um terceiro, explorador ou agenciador, que vive em função dos lucros obtidos por ela” (HELENE, 2015, p. 200).

Apesar de suas importantes diferenças, há uma simplória dicotomização entre bem e mal nos sistemas supracitados: supõe-se que as prostitutas se inserem em um universo pecaminoso, ilegal e vil, sendo elas vítimas ou culpadas; e do outro lado haveriam mulheres “de bem”, famílias, ordem social. Esse antagonismo, porém, é bastante ilusório, uma vez que esses dois universos que são colocados em confronto na verdade se unem e se complementam, e, mais que isso, muitas vezes se sobrepõem.

II. De 1940 a 1953

“Bordel é de um tempo em que você tinha um lugar para confinar a prostituição, botar lá naquele canto onde os homens iam, de preferência meio escondido, e esquecer. E nós, enquanto rede brasileira e rede latino-americana, e mesmo o movimento europeu, somos absolutamente contrárias às zonas confinadas. [...] Para que estigmatizar: lá estão elas e lá acontece qualquer coisa, é um lugar marginal. Nós somos contra. É gueto, e não queremos gueto” (LEITE, 2006, p.31).

Hoje no Brasil e na maioria dos países são adotados os ideais Abolicionistas, pelo menos na forma de se legislar (RAMOS, 2015), mas no segundo período de territorialização da pros-

tituição descrito por Sarah Feldman (1940 - 1953) o Regulamentarismo, seguindo ideias higienistas e sanitaristas, é adotado na prática. Cria-se a Zona do Meretrício, confinada entre as ruas Aimorés e Itaboca (atual Cesare Lombroso), sob o controle da Polícia de Costumes, no bairro do Bom Retiro. Estávamos no Estado Novo, ditadura instaurada por Getúlio Vargas de 1939 a 1945, e o então interventor federal de São Paulo, Adhemar de Barros, decretou a criação da Zona em 1940. A ideia era confinar esses corpos dissidentes, que não se adequavam ao ideal de cidade moderna que se queria transmitir no momento, retirando-os do centro e tentando passar uma imagem de limpeza e ordem para essa área, mas ainda assim os mantendo próximos o suficiente para não dificultar o acesso da clientela. Ainda sob a ideia de “mal necessário”, não seria possível expulsar as prostitutas completamente ou impedir seu trabalho, uma vez que isso era considerado prejudicial para os homens que precisariam de seus serviços e, conseqüentemente, para o equilíbrio das demais relações sociais, que girariam todas ao redor dessas figuras masculinas que seriam privadas de saciar seus desejos sexuais, e o trabalho das prostitutas também seria capaz de resguardar as “mulheres honestas” e proteger as famílias. “Em São Paulo, é fato que as obras do Plano de Avenidas do Prefeito Prestes Maia, nos anos 1940, deslocou os espaços de prostituição para a região do Bom Retiro [...]” (ROSIN, 2021, p.108).

Desde sua criação, a Zona gerou discussões, polêmicas e divergências, e decorrente inclusive de uma pressão dos moradores e comerciantes do bairro, em grande parte judeus, “após intensa campanha, o prefeito Jânio Quadros suspende, por decreto, todos os alvarás dos bares das ruas Itaboca, Aimorés, Ribeiro de Lima e José Paulino” (LOUREIRO, 2019 apud DEL VALLE, 2020, p.11). Em 1953, depois de 13 anos, a Zona chegou ao seu fim por decreto do então gover-

nador Lucas Nogueira Garcez, quando surge também uma vontade de tentar apagar este período da narrativa oficial. A mudança de nome da Rua Itaboca, para Cesare Lombroso é um exemplo desse apagamento institucionalizado: a escolha desta homenagem simbolizava a limpeza moral pretendida no local. Lombroso dedicou-se à criminologia a partir do viés do positivismo antropológico, teoria amplamente utilizada para justificar políticas higienistas. Mais especificamente sobre a prostituição, o autor, junto com Guglielmo Ferrero, escreveu o livro “La donna delinquente: la prostituta e la donna normale”, que tipifica e criminaliza mulheres que fugiam do padrão considerado normal e esperado socialmente, tendo a prostituta como degenerada.

Apesar de não existir em duplicata no Município a denominação “Itaboca”, opinamos favoravelmente à proposição, por considerarmos de toda a conveniência nesse caso, a alteração de denominação, uma vez que a citada via pública é lembrada por acontecimentos de triste memória.

Fonte: Atas e Anais da Câmara Municipal de São Paulo.
351ª Sessão Ordinária Realizada em 24 de Maio de 1958.

O fim da Zona não representou, porém, uma maior moralização da cidade, apenas do local, com a expulsão das prostitutas e seus locais de trabalho, além de bares e estabelecimentos também envolvidos com a vida noturna na região, e, conseqüentemente, das pessoas que os frequentavam. “Para a polícia, o fim da zona segregada significou o fim do domínio absoluto sobre um território.” (FELDMAN, 1989, p. 95).

III. De 1954 até o início da década de 1970

Inicia-se assim o terceiro período delimitado por Feldman (1989), de 1954 até o início da década de 1970, no qual há uma “[...] diversificação dos territórios de prostituição feminina relacionada ao processo de crescimento das classes médias brasileiras, as mudanças de comportamento, e as transformações da condição da mulher nas sociedades modernas.” (FELDMAN, 1989, p. 13). Nesse momento formam-se as chamadas “Boca do Luxo” e “Boca do Lixo”, territórios nos quais se desenvolvem, respectivamente, uma prostituição mais luxuosa e cara, voltada para homens de classes sociais mais abastadas e a uma mais barata, com valores mais acessíveis para os serviços das profissionais; como aponta Sarah Feldman, altera-se também a forma como se dá o controle policial nos diferentes espaços.

A chamada Boca do Lixo se desenvolveu entre Santa Ifigênia, Campos Elíseos e Brás: nela se dava principalmente a presença de mulheres nas calçadas, fazendo *trottoir*, e estabelecimentos de apoio, como hotéis e apartamentos, que serviam não só de local de trabalho como também de moradia para algumas das prostitutas (FELDMAN, 1989). Sobre essa área, sabe-se que era “permitida ao trânsito e à estada de: prostitutas e malandros”; [que] se encontradas em outras regiões da cidade seriam presos e teriam que explicar “o que faziam e o que pretendiam no lugar”. (JOANIDES, 1978 apud FELDMAN, 1989, p. 123).

“A partir de um confinamento velado, em resposta a um esquema policial repressivo, se constitui uma organização própria, de resistência, que vai interferir na organização da prostituição. A “malandragem” passa a dominar setores da exploração da prostituição, ao mesmo tempo que estabelece mecanismos próprios de controle. A prostituição se estrutura através de múltiplas estratégias de

camuflagem, utilizando hotéis, pensões e apartamentos. O "trottoir" completa o esquema, e o risco de prisão por vadiagem é controlado pelo pagamento da taxa de proteção à polícia. (FELDMAN, 1989, p.125).

Nota-se, então, a ação da polícia que tem ciência e controle dos locais de prostituição na cidade, escolhendo fazer “vista grossa” em determinadas áreas, permitindo a atividade prostitucional, além de explorando e lucrando ilegalmente sobre ela, enquanto em outras faz ações mais ostensivas para expulsão. A situação se modifica um pouco no final da década de 1950, início de 1960, “De acordo com Perlongher (1987, p. 51), até o início de 1959, a Boca de Lixo constituía

um território relativamente tolerado para a cidade, porém as contínuas ações policiais que restringiam à movimentação da prostituição na área causou o desabamento “das prostitutas e da sua corte de marginais”, novamente para a região do Arouche, invadindo, primeiramente, a “Avenida São João e ambos os lados da Duque de Caxias, depois para o Largo do Arouche [...] e a Rua Rego Freitas, que passaria a ser conhecida como a ‘Boca do Luxo’.” (DEL VALLE, 2020, p. 243). A repressão policial aumenta bastante e os esquemas de corrupção pelos quais a própria polícia lucrava sobre a prostituição são, em parte, expostos à público.

Como exemplo Feldman traz a data de 1966, na qual “[...] toma posse o delegado Liberatori, novo titular do 3º Distrito Policial, onde se inclui a área de Santa Ifigênia/Campos Elíseos, que assume a direção da repressão a malandros, prostitutas e hoteleiros da área, à revelia da Delegacia de Costumes, extinta um ano depois.” (1989, p.129).

E dentro deste contexto, a Boca do Luxo, também conhecida como “Boca do cartão de crédito” (KOSTCHO, 1979, p.18), se consolida a partir da década de 1960, nas regiões de Vila Buarque, Liberdade e na rua Nestor Pestana. Neste território, em geral, o contato inicial da prostituta com o cliente não acontece nas calçadas, como na Boca do Lixo, e sim em boates, e a partir daí se aciona a rede de estabelecimentos de apoio e a profissional vai com o cliente até um hotel ou apartamento (FELDMAN, 1989).

Nesse momento a visão abolicionista da prostituição, como está na lei brasileira desde 1890, é a que dita a maior parte das ações do poder público, concentrando o controle sobre o lenocínio – a exploração do trabalho sexual por terceiros. Mas nota-se um esforço policial de perseguição às prostitutas, além da vontade de confinar estes corpos trans-



A Geografia da Noite. Imagem ilustrativa para o Jornal da República. 1979. Fonte: CASTRO, 2020.

Govêrno quer coibir ‘trottoir’

Da Sucursal de Brasília

Para coibir o “Trottoir” e dar meios à Polícia para combatê-lo, o presidente Castelo Branco encaminhou ao Congresso projeto que acrescenta parágrafo à Lei de Contravenções Penais, (art. 59) a fim de estabelecer que, nas mesmas penas por crime de vagabundagem, “incorre quem, dedicando-se de modo exclusivo ou de forma eventual à prostituição, procura aliciar homens, em lugar público, para o comércio sexual, constrangendo ou importunando as pessoas presentes ou em trânsito pelo local”.

Fonte: O Estado de São Paulo, 10 de março de 1967.

As ruas de São Paulo estão mostrando com frequência cada vez maior um tipo de pessoa que até algum tempo atrás preferia esconder-se: as prostitutas. Na falta de policiamento, elas avançaram sobre os antigos limites dos **inferninhos** e estabeleceram novos domínios por quase toda a cidade.

Hoje, mesmo durante o dia, elas podem ser vistas nas ruas que sempre lhes foram proibidas. Roupas atrevidas, ar de deboche, rodopiando a bolsa, inconfundivelmente, transformaram-se numa paisagem comum, marcante, que destoa do clima de respeito que o paulista sempre quis dar à sua cidade.

Fonte: O Estado de São Paulo, 08 de agosto de 1971.

gressores não em uma zona específica, mas em estabelecimentos fechados, com um discurso de proteção da ordem e da moral da cidade. Ter uma “Boca do Luxo” mantendo as mulheres confinadas nos estabelecimentos, era de interesse do poder público e dos que consumiam os serviços da prostituição, especialmente os homens com rendas mais altas. As prostitutas que estavam na rua, à vista de todos, tinham seu trabalho mais coibido em relação às que estavam dentro de estabelecimentos voltados à prostituição, apesar de haver também batidas policiais em boates.

“A Boca do Luxo se estrutura como um espaço de especialização funcional, em que a prostituição é internalizada em estabelecimentos de diversão, legalmente instalados na cidade, e onde se diluem os sistemas de representação desvalorizantes da prostituição e da mulher prostituta” (FELDMAN, 1989, p.132-133).

A prostituição na Boca do Luxo, assim como também ocorria na Boca do Lixo – núcleo lúdico importante para cidade na época – se mesclava e por vezes se sobrepunha ao centro de diversões noturnas e boemia que se consolidava na região, centro nesse caso ligado às elites intelectuais. A Vila Buarque passou já na década de 1960 a ser conhecida como “Vila Boate” (ATAS E ANAIS DA C MARA MUNICIPAL, 1966).

“Gradativamente, as casas noturnas “chiques” foram transformando-se em pontos de prostituição [...]; outros fecharam suas portas [...]. Nesse processo expansivo, a boate La Licorne, criada em 1967 a partir de um grande investimento de capital, constituiu um marco. Localizada na extremidade da rua Major Sertório, que faz limite com Higienópolis, o La Licorne inaugurou um novo padrão de boate: um espaço para 650 pessoas e cerca de cem

Por trás de todo esse complexo, porém, está a prostituta, e tentando coibir sua atividade a Polícia, que se vê obrigada a soltar a mulher no dia seguinte, porque não é crime vender o corpo. O problema, diz um policial, é que não se pode enquadrar a prostituição como crime; a lei precisa mudar. O problema, dizem os relatórios, os estudos do mundo inteiro, é que a prostituta deve ser amparada, recuperada por assistentes sociais e não atacada como criminosa. Este o dilema em que São Paulo se debate desde 1.º de janeiro de 1954, quando a chamada "Zona" foi fechada.

Fonte: O Estado de São Paulo, 08 de agosto de 1971.

prostitutas à disposição. Essa casa noturna introduziu a fase de ouro do prazer articulado ao profissionalismo no mercado erótico. Na sequência, surgiram outras boates de padrão semelhante, instaladas próxima ao hotel Hilton. Essas casas eram frequentadas por executivos de grandes empresas que, ao passarem por São Paulo, não deixavam de ir ao La Licorne, por exemplo, tornando-se assíduos fregueses. Em 1968, concentravam-se na Vila Buarque cerca de oitenta "inferninhos" e outros tantos hotéis" (CARMO, 2011, p. 279-280 apud DEL VALLE, 2020, p. 245-246).

Com o passar dos anos a Boca do Luxo acaba perdendo o seu prestígio e se popularizando e a Vila Buarque perde parte da sua importância como local de boates já nos anos 1970. Os núcleos lúdicos se expandiram e se multiplicaram pela cidade, formando novas centralidades, e a prostituição,

como parte desse universo, também passa a não se concentrar mais de forma tão forte no centro tradicional e nem em uma só localidade⁴. "A organização da prostituição vai, finalmente, se adaptar à ocupação extensiva da cidade, utilizando os eixos viários valorizados como locais de passagem pelo crescimento do uso de automóveis e ônibus a partir dos anos 50" (FELDMAN, 1989, p. 131). Esse processo vai se intensificando cada vez mais:

"Nos anos 70, hotéis, casas de massagem, casas noturnas e motéis passam a se instalar de forma dispersa no espaço da cidade, assim como o "trottoir" das mulheres passa a ocupar as calçadas dos principais eixos viários que se ramificam a partir do centro em todas as direções. Neste momento, a concentração espacial dos estabelecimentos de prostituição, embora se mantenha nas proximidades dos núcleos tradicionais, não constitui mais estratégia dominante na territorialização da prostituição feminina" (FELDMAN, 1989, p. 24).

A Augusta se insere neste contexto no final do período destacado (de 1954 ao início dos anos 1970) mas sua localização sempre foi bastante próxima, fisicamente e também em um sentido de relações urbanas e sociais, com ambas as "Bocas", o que provavelmente facilitou a inserção intensa da prostituição no local. Em 1971, por exemplo, foi encontrada uma notícia no Jornal O Estado de São Paulo a qual demonstra a relação direta entre a boate La Licorne e a Rua Augusta: a dona da boate levava as mulheres que trabalhavam no local para uma loja na Augusta, também de sua propriedade, a fim de fazê-las adquirirem itens de luxo para o trabalho. Consequentemente, elas acabavam contraindo dívidas com Laura: "O problema é que a 'menina' contraía uma dívida nem sempre pagável e, para escapar da responsabilidade, às vezes precisava fugir da boate La Licorne (VEJA, 2016, s/pg).

Nos anos 1970 a Boate La Licorne, conhecida por alguns como “Lali” (VANNUCHI, 2018), era extremamente famosa, até fora de São Paulo, e Laura Garcia, dona e cafetina junto com seu companheiro Herclício Paiva – o “gravatinha” –, eram também figuras carimbadas da noite paulistana, e esse estabelecimento influenciou o surgimento de outros que tentavam seguir os mesmo padrões. O Belo Brummel, também chamado de “Belo Bruno” (OPINIÃO RJ, 1979), na Rua Augusta 160, por exemplo, surgiu no começo dos anos 1970 e aparece também como uma boate de luxo, assim como a La Licorne, porém aparentemente pouco mais barata (JORNAL DA REPÚBLICA, 1979).

BUTIQUE

“Além disso — diz o promotor na denuncia — na butique “La Roulerrie”, à rua Augusta, 956, de propriedade de Laura, e no seu apartamento à rua Major Sertório 671, 7.o andar, vende às mulheres que frequentam as suas boates, por altíssimos preços, mas a prazo, artigos de luxo como perfumes, casacos de pele, roupas, calçados, e mercadorias estrangeiras. Dessa forma, explora também as meretrizes que, endividadas, têm maiores dificuldades em abandonar a prostituição”.

Fonte: O Estado de São Paulo, 05 de novembro de 1971.

“O La Licorne introduz “a fase do supermercado, do profissionalismo absoluto, numa São Paulo onde só havia as quitandas noturnas do semi-amadorismo do início dos anos 60” (Jornal da República, 18/1/1979 apud FELDMAN, 1989, p. 138).

“Passei a fase de office-boy e lá pela década de 1970 me tornei motorista de táxi [...] Fui em direção do centro de São Paulo e a porta traseira de repente bate com força: uma mulher morena muito maquiada, com um cabelo armado pavoroso, pede que eu toque para o La Licorne. Não havia entendido o nome e muito menos onde ficava. A mulher retrucou: - Tá mangando de mim, como você trabalha de noite e não conhece o Lali. Pedi desculpas e disse minha história, porque na verdade estava esticando a minha primeira noite. Ela sorriu generosamente e se apresentou: -Meu nome é Marisa Bahiana, trabalho lá na viração. Fiz cara de desentendido e ela emendou: sou puta! Levei um choque, mas engoli devagar o engasgo” (VANNUCHI, 2018, s/ pg.).

Ainda, há indícios de que a boate La Licorne teria sido na verdade inaugurada na Praça Roosevelt antes de ir para a Major Sertório. Laura Garcia teria vindo de Londrina, no Paraná, onde já estava trabalhando no mesmo ramo e ganhando muito dinheiro com a exploração de mulheres, e aberto em São Paulo algumas casas de prostituição de luxo, dentre elas a La Licorne inaugurada no final da década de 1960 na Roosevelt e, posteriormente transferida para a esquina das ruas Major Sertório com Doutor Vila Nova. Depois da desapropriação para as reformas da Praça Roosevelt a boate foi substituída pela sede do BNH - Banco Nacional de Habitação, edifício localizado na esquina das ruas João Guimarães Rosa e Gravataí (O ESTADO DE SÃO PAU-

dedicavam-se a procurar comunistas debaixo da cama” (KOSTCHO, 1979, p. 18).

No fim dos anos 1970, durante a ditadura militar, há uma escalada da violência policial e da repressão à prostituição, principalmente a que se desenvolve nos espaços públicos em São Paulo, e às travestis. Nas pesquisas no jornal Notícias Populares, por exemplo, neste período há diversos anúncios de boates e de mulheres que trabalhavam nestes locais, tendo o jornal inclusive uma coluna exclusivamente dedicada à isso chamada “A Noite é uma Criança”, com um apêndice dominical chamado “Edição Maravilhosa”, no qual há fotos e nomes de mulheres. Enquanto isso, a prostituição de rua aparece com menor frequência e mais sob um viés policial, muitas vezes nas colunas dedicadas a esse assunto, indicando uma diferença de tratamento. Os cinemas e teatros eróticos também eram bastante propagandeados, sem muito julgamento moral, mais sob o viés do divertimento.

Dessa perseguição resultou também uma resistência dessas mulheres, que se uniram em protesto contra a violência que sofriam, e, posteriormente, também se associaram para se defender e proteger seus direitos. Parte das prostitutas da Boca do Lixo se unem nesse momento também como forma de proteção coletiva aos ataques do chamado “Maníaco do Brás”, assassino que perseguia essas mulheres, frente à ineficiência e falta de ação da polícia.

“[...] Nós tivemos um problema em 1979 em São Paulo, o delegado Wilson Richetti, da 3ª Delegacia, no centro da cidade, que era ligado ao delegado Fleury, da ditadura, baixou uma ordem de que as prostitutas não podiam andar na rua. Eles ficavam na porta dos prédios e das boates, e quem saísse ou entrasse eles prendiam, e elas eram torturadas. Morreu uma garota e outra desapareceu. Aí

Travesti morreu lutando pelo seu ponto na “Boca”

Nota-se também um tratamento bastante transfóbico e homofóbico em várias notícias veiculadas no Jornal Notícias Populares, condizendo com a mentalidade da época, como na notícia acima na qual se referem a travesti Monique no masculino e a vinculam ao seu nome de registro. Nota-se a presença de mulheres cis, trans e travestis na prostituição na cidade. Fonte: Jornal Notícias Populares, 09 de julho de 1982, p. 8.

José Roberto Ramos apresenta:

A NOITE É UMA CRIANÇA

BARRAKA'S: UMA GRANDE EQUIPE PARA SERVIR

A boite "Barraka's" continua oferecendo o que há de melhor aos seus frequentadores na sobreloja da Galeria do Centro, Rua Don José de Barros — defronte do Cine Bruni. Evandro e Roberto comandam uma grande equipe de profissionais. Abreu é o correto maître. José Carlos se esmera na escolha e na apresentação de mais de quatro dezenas de excelentes bailarinas, todas fazendo belas coreografias e vestindo roupas de luxo. O serviço de luz e som é dos mais perfeitos e está confiado ao João Vitor. Bom uísque e números de desbom e strip tease ao longo da noite, das 19 às 4 da manhã fazem de "Barraka's" um dos melhores endereços da cidade.

HOJE TEM CONCURSO DE STRIP A MEIA-NOITE NO BARRAKA'S

A boite "Barraka's" realiza logo mais à meia noite mais um concurso de strip tease, com a participação das melhores strippers da casa e das boites amigas. As vencedoras receberão prêmios de mil e quinhentos cruzeiros, oferecidos pelo Barraka's. A direção da prova é de Evandro e Roberto. A coordenação pertence ao Zé Carlos. Como sempre, Afonso Crispim é o relações públicas da prova. João Vitor é o responsável pelo som.



MANÓELA, do Barraka's
Foto: Paulinho

NORMA, do filme "Quando as mulheres tinham rabo".

A coluna “A Noite é uma Criança” ficava no final do Notícias Populares, próxima aos anúncios de cinema e teatros (muitas vezes de filmes e show eróticos). A coluna deixou de existir por volta do fim de 1981, começo de 1982. Fonte: Jornal Notícias Populares, 27 de fevereiro de 1980, p. 15.

500 mil prostitutas na cidade (Final da série de 4) Represália da Polícia é deixar mulheres sem hotel

NELSON TOWNES DE CASTRO.

FOTOS DE JOSÉ AUGUSTO CINDIO

Trinta dos 84 hotéis do Brás estão sindicados no 8.º Distrito Policial por terem “desvirtuado” suas finalidades, isto é, se converteram em hotéis de alta rotatividade para uso exclusivo das prostitutas em seus programas. Cerca de dez já foram cassados, embora alguns tenham reaberto as portas após impetrarem mandados de segurança.

Segundo as autoridades, a cassação de hotéis de alta rotatividade é a melhor providência que a Polícia pode tomar contra a exploração do lenocínio em São Paulo. “Sem hotéis — diz um delegado — as prostitutas abandonam o bairro, procurando outro local na cidade onde possam prosseguir o comércio do próprio corpo.”

É evidente que a medida somente atinge as mundanas do tipo “profissional — ladra”, que constituem a maioria das que fazem ponto nos paredões. E junto com elas, se afastam também os rufiões e ladrões aos quais estão ligadas.

As prostitutas dos tipos “profissional” e “amadora” — esta caracterização é feita pela Polícia — naturalmente que continuarão suas atividades normalmente e, em princípio, a Polícia não pode se opor a elas, pois a prostituição em si não é crime. Elas continuarão existindo provavelmente em todos os hotéis da cidade, desde os mais luxuosos. Entre essas, a única diferença, diria Juca Chaves, será o preço.



Sem hotéis de alta rotatividade as mundanas se afastam do bairro

caindo aos pedaços, estava “arrendado” ao

Fonte: Jornal Notícias Populares, 04 de abril de 1978, p. 14.

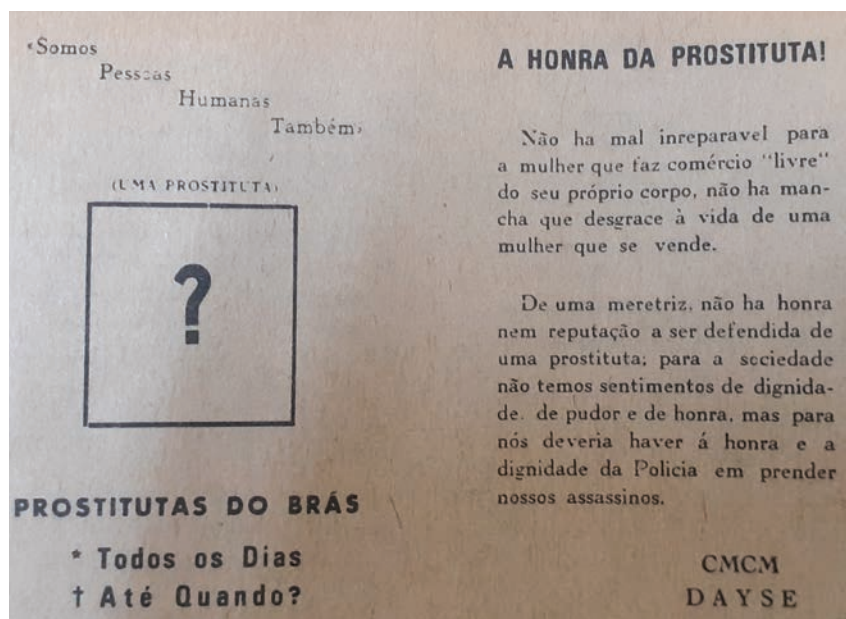
a gente começou a fazer um movimento, fez uma passeata no centro da cidade, resolvemos botar nossa cara a tapa. E conseguimos afastar esse delegado. Ele não foi expulso nem nada, mas a vida voltou ao normal e, como em qualquer momento, as pessoas também arrefeceram. Aí eu senti que dava para ter um movimento. O que me enchia o saco era que todo mundo falava sobre a nossa vida e nunca ninguém vinha perguntar pra gente. E eu tive um sonho um dia, que a sociedade para falar sobre prostituição tinha que ver o que a gente estava pensando, como sujeitos políticos da nossa própria história. A gente

sempre não existiu. A gente sempre foi vítima. A gente sempre foi as coitadinhas, vivendo uma vida degradada. Mas não era necessariamente o que a gente pensava [...]” (LEITE, 2006, p. 29).

Ainda, outro fato importante no mundo do sexo, já nos anos 1980 e de forma mais proeminente nos anos 1990, foi a explosão dos casos de HIV/ AIDS. As prostitutas foram inseridas no chamado “grupo de risco”, junto com usuários de drogas injetáveis e homossexuais, e passa a pairar mais um estigma sobre essas mulheres além do estigma da puta: o estigma ligado à doença, à soropositividade (RAMOS, 2015). Mas nesse contexto elas acabam sendo enquadradas “[...] como prioritários para programas e políticas públicas especiais, que acabaram, mesmo com todas as contradições, contribuindo também para fortalecer a interlocução entre as prostitutas e auxiliar a criação de espaços associativos entre elas” (idem, p. 71). Novamente aparece a ideia da associação de prostitutas, o que se fortaleceu bastante com o ativismo de Gabriela Leite já a partir dessa época.



Fonte: Jornal Notícias Populares, 10 de junho de 1982.



Fonte: Jornal Notícias Populares, 10 de junho de 1982.

Com esses fatos, somando-se a crise da AIDS a repressão da ditadura militar, mesmo que já em processo de abertura política (1974-1988) – ditadura esta que trouxe consigo um discurso bastante moralizador – observou-se o um processo bastante similar na cidade de São Paulo ao que aponta a urbanista Diana Ramos sobre uma associação ainda mais forte da figura da prostituta ao crime no Jardim Itatinga em Campinas: “Aparentemente, depois do temor à Aids, as notícias depreciativas sobre o bairro passam a se concentrar na questão do crime” (RAMOS, 2015, p.111). Em São Paulo, até o início dos anos 1980 a coluna “A Noite é uma Criança” do Jornal Notícias Populares vigorava, mas depois disso a prostituição começa a aparecer na coluna “Violências que acabam mal”, a parte policial do jornal. Os ataques da mídia também parecem se intensificar ainda mais quando se tratam de prostitutas trans e travestis.

E é exatamente neste momento que a prostituição na Augusta se consolida no imaginário sobre o território e ela passa a ser conhecida como “rua das putas” de São Paulo, com suas boates que vão aumentado exponencialmente, assunto que será mais detalhado oportunamente.

POLÍCIA ACABA COM OS TRAVESTIS NA ZONA SUL

Fonte: Jornal Notícias Populares, 23 de setembro de 1982.

V. Dos anos 1990 até 2023

Da entrada nos anos 1990 até os dias atuais algumas mudanças significativas também ocorreram no universo do sexo e da prostituição, não só em São Paulo, mas globalmente, devido às inovações tecnológicas advindas do avanço da internet. A prostituição assume o que Del Valle (2020) chama de “Território Abstrato”, incluindo os “territórios online” que permitem tanto a divulgação dos trabalhos das profissionais como também a venda de seus trabalhos e de fantasias sexuais pela internet, sem necessariamente precisar do contato físico propriamente dito, ou seja, o mundo virtual é capaz de ser um substituto do encontro que antecede o ato sexual, seja na calçada ou dentro de uma boate, mas também é capaz de substituir o próprio ato sexual físico, o transformando em objeto virtual. É importante ressaltar que esse território, que se apresenta como novidade, não exclui as territorializações anteriores, que ainda continuam existindo nas formas tradicionais por toda a cidade.

“E ainda que muitas pessoas associem o uso da internet na prostituição ao que chamamos de prostituição de luxo

e considerem esse fenômeno algo recente, é preciso lembrar que o primeiro fórum de avaliação de atendimento de clientes de prostitutas já completou 18 anos - e que sites de anúncios de serviços sexuais já existiam quando ele nasceu. E antes dos sites, já havia os chats. A presença das trabalhadoras sexuais não é, portanto, fenômeno recente. Usamos sim as redes sociais, e é assim que vamos nos construindo, putas feministas e ativistas, lendo umas às outras, trocando ideias sobre o que é ser puta aqui, ou o que é ser puta ali, e o que é ser puta do outro lado do mundo” (PRADA, 2019, s/ pg.).

A internet foi capaz, portanto, de conferir diversificação e alcance para as trabalhadoras sexuais, fossem elas já prostitutas ou novas nesse universo, e também proporcionou uma rede mais extensa entre elas, fortalecendo o movimento ativista, e também, por vezes, garantindo maior liberdade quanto às relações de trabalho (PRADA, 2019, s/ pg.).

A pandemia de Covid-19 também interferiu diretamente com a prostituição, principalmente a que se dá fisicamente e, consequentemente, fez com que ainda mais profissionais, e seus clientes, aderissem a serviços online.

“No caso dos brasileiros que são profissionais do sexo e utilizam as ruas para exercer seus trabalhos, a antropóloga Elisiane Pasini (2020) apontou que durante o período pandêmico a maioria esteve sem trabalhar, principalmente com o desaparecimento de clientes das áreas urbanas de prostituição, deixando-os com enormes dificuldades financeiras. Enquanto outros, conscientes dos riscos e de suas necessidades, persistiram nas ruas fazendo suas próprias sortes, ou, então, quando em melhores situações financeiras migraram aos serviços de prostituição on-line e a outros métodos de trabalho sexual virtual, como webcam, etc.” (DEL VALLE, 2020, p. 420-421).

No caso da Rua Augusta, assim como em várias outras vias da cidade e do resto do mundo, o movimento foi significativamente reduzido durante a pandemia, fazendo com que muitos estabelecimentos fechassem as portas, em alguns casos até definitivamente. Alguns locais, porém, permaneceram em funcionamento mesmo que de forma ilegal, ainda que estivessem decretadas medidas sanitárias de isolamento. No caso das boates de prostituição, como explicita o trecho abaixo, houve casos de casas funcionando clandestinamente e também é possível notar no depoimento das prostitutas entrevistadas que havia medo em trabalhar, porém a necessidade acabava se sobrepondo a isso.

“Outro bar que costumava lotar as calçadas é o Ibotirama. Na última sexta-feira, tudo que se via por ali eram duas prostitutas aguardando clientes. A prostituição sempre fez parte de uma espécie de charme decadente da região, mas a maioria das casas masculinas também estão de portas fechadas. “Algumas estão funcionando clandestinamente, mas a gente prefere vir para rua e evitar a aglomeração”, diz uma delas. As duas estavam de máscara” (FOLHA DE SÃO PAULO, 2020).

A prostituição, portanto, vai ao longo do tempo se redefinindo e se redesenhando a partir dos processos passados pela cidade e faz parte também destes processos. O trabalho das prostitutas é definido e também ajuda a definir os espaços, seguindo a lógica da metropolização de São Paulo que, por sua vez, acompanha tendências e processos mais amplos, globalizados. De acordo com a moralidade vigente na época e com anseios mercadológicos, imobiliários e financeiros, e a partir de leis e de acordos tácitos, muitas vezes ilegais e que em diversos momentos envolvem inclusive o poder público, o trabalho das prostitutas vai se posicionando e reposicionando na cidade, assim como acontece com outras profis-

sões. A Augusta, acompanhando esses processos, também se redesenha com o passar dos anos e se molda com as mudanças urbanas; e seus usuários, juntamente, fazem parte desse processo, influenciando e sendo influenciados pelo espaço.

2 AS RUAS AUGUSTAS



A Augusta mudou. Colocar o nome dessa rua tão importante para a cidade de São Paulo no plural faz com que seja evocada a história do local, ainda contida na rua, apesar de apagamentos, e também na memória dos paulistanos que a frequentaram e ainda a frequentam ao longo de todos esses anos. A Rua Augusta para se transformar no que é hoje passou por diversos processos e contém várias “ruas augustas” dentro de si, com diferentes fases, usos, construções e frequentadores.

Hoje a Rua Augusta é tida como local de pluralidade e encontro de pessoas diversas, contendo, além da influência das “ruas augustas” de sua história, uma junção de usos e pessoas no presente. Ainda hoje, cada um tem uma experiência diferente na Augusta a depender do que vai fazer no local, da hora que passa por lá, se vai a pé ou de transporte, se vai a trabalho ou a lazer, se frequenta o “lado centro” ou o “lado jardins” e se viveu mais de uma das fases desta rua.

Para compreender como a prostituição se consolidou no local e como ele mudou a partir daí e se transformou no que é hoje é necessário também retomar a história da Augusta, desde os primeiros registros que se tem de sua criação, passando por sua consolidação como rua essencialmente residencial, rua de comércio, centro de diversões, “rua das putas”, Baixo Augusta até, finalmente, chegar na conformação atual.

I. 1875 a 1960: Rua Augusta, Rua Augusta e rua augusta

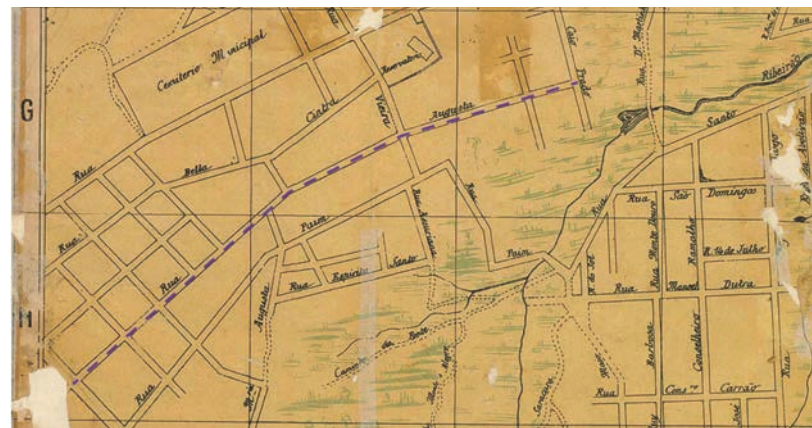
Augusta, que saudade,
Você era vaidosa,
Que saudade,
E gastava o meu dinheiro,
Que saudade,
Com roupas importadas

Segundo o Dicionário de Ruas do Arquivo Histórico de São Paulo: “As primeiras referências encontradas sobre esta rua datam de 1875. Naquela época ela era apenas uma triilha de terra batida que começava na entrada da Chácara do Capão (altura da Rua D. Antonia de Queiroz) e seguia até o topo do Morro do Caaguaçu, local onde hoje se desenvolve a Avenida Paulista”, e sua urbanização “[...] teria ocorrido entre 1890 e 1891 [...]” (c2023, s/ pg.), quando há também seus primeiros registros em mapas. A Augusta tem sua oficialização em 1903.

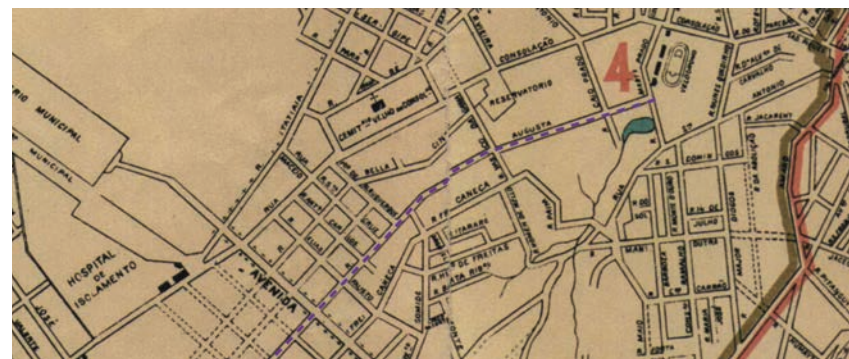
Analisando os mapas da cidade de São Paulo, disponíveis no site da Secretaria Municipal de Urbanismo e Licenciamento (SMUL), do Arquivo Histórico Municipal (AHM) e no GeoSampa, podemos ver a evolução do traçado da rua ao longo dos anos. No mapa de 1881, da Companhia Cantareira de Esgotos, ainda não há a presença da Rua Augusta, uma vez que ainda não havia ocorrido a sua urbanização, no entanto já é possível identificar a Rua da Consolação, indicada em verde no Mapa 1. Mas já no mapa de 1895 (Mapa 2) a Augusta aparece aberta e se desenvolve entre a Rua Caio Prado e a Avenida Paulista. Em ambos os mapas está representada a Paróquia Nossa Senhora da Consolação, que data de 1799 (AZEVEDO, 2018), nos permitindo, no primeiro caso, uma identificação mais imediata de onde posteriormente seria aberta a Rua Augusta e onde se desenvolveria a praça Roosevelt. No Mapa 2 nota-se que a Rua Martinho Prado já estava parcialmente aberta, mas a Augusta ainda não a alcançava.

Em 1897 (Mapa 3) essa situação muda e a Augusta avança em direção ao Centro da cidade, chegando até a Rua Martinho Prado, onde já havia sido construído o Velódromo

em 1895 em um pedaço do terreno de propriedade de Dona Veridiana Prado e que, posteriormente, se tornaria o primeiro estádio de futebol da cidade (PISSARDO, 2013). Neste mapa, o chamado “Lado Jardins” (hoje da Avenida Paulista até a Rua Estados Unidos) já está representado, mesmo que com apenas três quarteirões no momento, diferentemente dos mapas anteriores analisados. Esse prolongamento teria sido oficializado apenas em 1914 (DICIONÁRIO DE RUAS, c2023).



Mapa 2A: Planta da Cidade de São Paulo 1895 - recorte. Tracejado em roxo feito pela autora. Fonte: Histórico Demográfico do Município de São Paulo - SMUL.



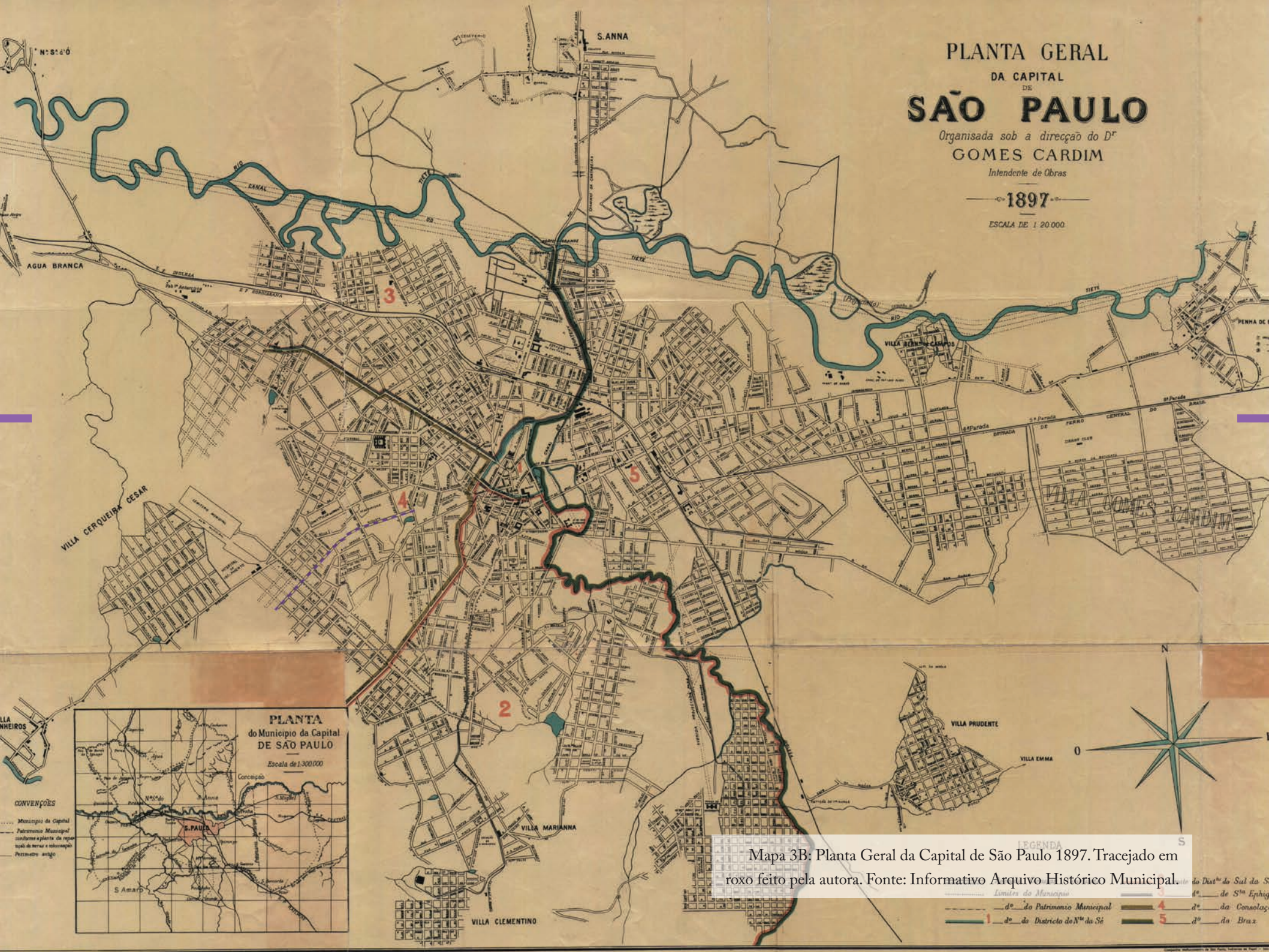
Mapa 3A: Planta Geral da Capital de São Paulo 1897 - recorte. Tracejado em roxo feito pela autora. Fonte: Informativo Arquivo Histórico Municipal.



Mapa 1: Planta da Cidade de São Paulo levantada pela Companhia Cantareira de Esgotos. Linha verde feita pela autora.
Fonte: Histórico Demográfico do Município de São Paulo - SMUL.



Mapa 2B: Planta da Cidade de São Paulo 1895. Traçado em roxo
feito pela autora. Fonte: Histórico Demográfico do Município
de São Paulo - SMUL.



PLANTA GERAL
DA CAPITAL
DE
SÃO PAULO

Organizada sob a direcção do D.^o
GOMES CARDIM
Intendente de Obras

1897
ESCALA DE 1:20.000

Mapa 3B: Planta Geral da Capital de São Paulo 1897. Tracejado em roxo feito pela autora. Fonte: Informativo Arquivo Histórico Municipal.



LEGENDA

1	2 ^o do Distrito do N ^o da Sé	4	2 ^o da Consolação
2	2 ^o do Patrimônio Municipal	5	2 ^o do Brás

A São Paulo do final do século XIX e começo do século XX crescia, acumulava capital e recebia imigrantes em grande escala e, com isso, as chácaras e grandes terrenos vinham sendo loteados a fim de formar novos bairros para as elites. O vetor Sudoeste (VILLAÇA, 2001) começa a se desenhar, primeiro com o loteamento de Campos Elíseos em 1879, seguido pelo loteamento do bairro de Higienópolis e, depois, pela abertura da Avenida Paulista em 1891 (ROLNIK, 2022).

“Nesse episódio se esboça o fundamento de uma geografia social da qual até hoje não se conseguiu escapar. O setor sudoeste, que se constituiu a partir do percurso Campos Elíseos-Higienópolis-Paulista e depois se completaria, até os anos 1950, com os loteamentos da Companhia City no Jardins e outras localidades, configura uma centralidade da elite paulistana, o espaço que historicamente concentra os valores imobiliários mais altos, o comércio elegante, as mansões, os apartamentos mais opulentos, o consumo cultural da moda e o maior volume de investimentos públicos” (ROLNIK, 2022, s/ pg.).

A Rua Augusta se insere neste contexto apesar de, em um primeiro momento, a Rua da Consolação ser a principal via do eixo sudoeste, uma vez que a Augusta ainda não se conectava de forma mais direta ao centro, era, como coloca Pissardo (2013, p. 29): “um acesso intermediário entre bairros e a cidade”.

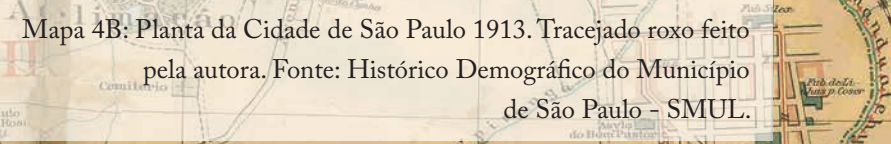
No Mapa 4, de 1913, já se vê uma indicação do prolongamento da Augusta até a Rua Álvaro de Carvalho e, no mapa de 1916 (Mapa 5) ainda não parece estar construído; sabe-se que sua oficialização foi em 1927 (DICIONÁRIO DE RUAS). No Mapa 5 também está indicada a Rua Florisbela, provavelmente a ser aberta, que depois mudaria de nome virando Nestor Pestana, Carlos Azevedo (2018, p. 42) aponta que o Velódromo teria sido desapropriado em 1914



Mapa 4A: Planta da Cidade de São Paulo 1913 - recorte. Tracejado roxo feito pela autora. Fonte: Histórico Demográfico do Município de São Paulo - SMUL.



Mapa 5B: Planta Geral da Cidade de São Paulo 1916 - recorte. Tracejado roxo feito pela autora. Fonte: Histórico Demográfico do Município de São Paulo - SMUL.





Mapa 5A: Planta Geral da Cidade de São Paulo 1916. Tracejado roxo feito pela autora. Fonte: Histórico Demográfico do Município de São Paulo - SMUL.



Mapa 6: Mappa Topographico do Município de São Paulo, 1930 - SARA Brasil. Tracejado roxo feito pela autora.
Fonte: GeoSampa, Prefeitura de São Paulo.

e demolido em 1915 para a abertura desta rua. Além disso, outro ponto interessante a ser ressaltado neste mapa, por possuir indicações de edificações construídas, é a presença do Colégio Des Oiseaux, colégio feminino de elite inaugurado em 1907.

Então, dentre os mapas disponíveis para consulta, apenas conseguimos identificar o Rua Augusta com sua extensão máxima no levantamento SARA Brasil de 1930 (Mapa 6). O trecho que vai da Rua Martinho Prado à Rua Álvaro de Carvalho ainda fazia parte da Augusta e teria sido desmembrado, tornando-se Rua Martins Fontes, apenas em 1942 (Decreto Lei n.º 153/1942), segundo o Dicionário de Ruas do Arquivo Histórico Municipal.

Ainda analisando o Mapa 6, vemos que a Praça da Consolação (que viria a se chamar Praça Franklin Roosevelt na década de 1950) ainda não estava construída. Segundo Azevedo (2018, p. 47), na década de 1930 a família de Dona Veridiana teria entregado ao poder público a área remanescente de sua chácara a fim de “resolver a questão de contaminação do esgoto da propriedade, no reservatório” (ibidem, p. 47) e, então, a praça teria sido feita no local.

A Rua Augusta e seus arredores vão se transformando e, aos poucos, tomando um desenho bastante parecido ao que conhecemos hoje e com problemas que atualmente ainda encontram consonância, como é o caso do trânsito. Ela passa por diversas transformações no que se refere aos meios de locomoção ao longo de seus 40 anos iniciais, mas o fato é que já “a partir do meio da década de 1910, percebe-se um princípio de mudança na forma de locomoção na Rua Augusta com o aparecimento do automóvel” (PISSARDO, 2013, p.41) e já em 1920 começam a surgir reclamações de trânsito na via.

“Com a expansão da metrópole, principalmente no vetor sudoeste, a Rua Augusta passa a ocupar um papel estratégico de conexão entre os novos bairros que surgiam ao centro da cidade, como Higienópolis, Consolação, Cerqueira César, Jardim América e Jardim Europa. Sua topografia facilitou a instalação de equipamentos de transporte público e a circulação dos próprios transeuntes, tornando-se um objeto comum de reivindicação na imprensa da época por melhorias infraestruturais e de acesso à cidade. No curto período de 40 anos, [do seu surgimento] até a década de 1930, a rua passou por transformações físicas em função de três diferentes meios de transporte – bondes de tração animal, bondes elétricos e automóveis – que ao mesmo tempo em que conviviam, entravam em constante conflito” (PISSARDO, 2013, p. 33).

Além disso, a ocupação residencial da Augusta e a diversidade de classes sociais que conviviam naquele espaço foram identificadas por Pissardo (2013). O autor afirma que, pensando no trecho entre Rua Martinho Prado e Av. Paulista, perto da Paulista se concentravam os palacetes das elites, perto da rua Martinho Prado os colégios e algumas casas de famílias de classe média-alta e “na parte intermediária da rua (entre a Antônia de Queiroz e a rua Mathias Ayres) as edificações de uso misto e casas de classe média, média-baixa e de operários.” (idem, p.45). É principalmente nesse trecho intermediário que, posteriormente, irão se concentrar as boates de prostituição.

Até os anos 1940 a Augusta era, portanto, uma via bastante residencial, mais horizontal, com presença de clubes de esporte e instituições educacionais – como o Des Oiseaux –, e um comércio mais voltado para o abastecimento interno e dos bairros próximos (ibidem), porém a rua, seguindo a lógica de metropolização da cidade como um todo, passa a

se verticalizar e recebe um forte vetor comercial vindo do Centro, sobretudo na década de 1950.

Como coloca Rolnik (2022): “o padrão de crescimento da cidade também mudou, principalmente a partir da década de 1940, com a verticalização nos bairros centrais e a consolidação da região Centro-Sudoeste da cidade como polo privilegiado de centralidade, concentrando os bairros residenciais de alta renda [...] e os principais centros de comércio e serviço” (ROLNIK, 2022, s. pg). No caso do comércio de luxo, o mercado acompanha o deslocamento das elites para os novos bairros e a Rua Augusta surge como local para isso, permitindo alcançar mais facilmente os consumidores, formando um novo centro das elites, especializado em boutiques e lojas de decoração (FELDMAN, 1978).

Começa, então, um processo de inauguração de diversas lojas, com muitos anúncios em jornais, e vende-se junto com os produtos um estilo de vida moderno e sofisticado, o qual só a Rua Augusta seria capaz de proporcionar. De uma rua mais pacata e menos movimentada, passa a abrigar a maior parte do comércio de luxo da cidade e aos poucos isso vai tomando uma proporção maior, e a rua passa a tornar-se também um pólo cultural e de divertimento da cidade, com galerias de arte, lanchonetes, cinemas. Rapidamente as feições da rua se transformam, para a infelicidade de algumas pessoas que já moravam lá há algum tempo:

“A ruaugusta deixou de servir para morar ou para viver. Devorada pela Grande Transformação, transforma-se numa simples faixa comercial feita apenas para se ganhar ou gastar dinheiro, babel tumultuada, pretensiosa Quinta Avenida, que chegou a inspirar um mofino - com o perdão da palavra - rock-balada” (O ESTADO DE SÃO PAULO, 23 de janeiro de 1972, p. 192).

A música em questão é “Rua Augusta” de Ronnie Cord, lançada em 1964, que retrata bem o clima da rua no momento, trazendo, por exemplo, a forte presença dos carros e a glorificação desse meio de transporte (“Entrei na rua Augusta | A cento e vinte por hora”) e o comércio (“Parei a quatro dedos da vitrine”). A música faz parte do universo da Jovem Guarda, do segundo pós-guerra e da influência norte-americana no estilo de vida dos jovens. Dentro disso, a rua tornou-se também conhecida pela presença de muitos jovens, pela rebeldia e pela “paquera motorizada” nas décadas de 1960 e 1970, que aumentava ainda mais o trânsito na região, principalmente aos finais de semana.

Um turbilhão de acontecimentos ocorria na Augusta e dos anos 1950 aos 1960 ela se consolida como ponto de referência da cidade de São Paulo. Fortalecia-se cada vez mais a região Paulista/ Augusta e a força que a avenida ia ganhando também alimentava o movimento e desenvolvimento da rua. A Augusta vivia seus anos dourados do consumo, entretanto, a aglomeração de pessoas gerava descontentamentos e reclamações por parte da população: o problema do trânsito era constantemente abordado nos jornais e o poder público se sente compelido a tomar medidas para amenizar a situação, como por exemplo retirando as vagas de estacionamento da via, o que, por sua vez, gera reclamações dos comerciantes.

Iniciou a D.S.T fiscalização intensiva do trecho comercial da rua Augusta visando tornar efetivas as proibições de estacionamento de veículos naquela rua á procura de desafogo para o trânsito.

O comércio local já se reuniu e manifestou o receio que essas limitações venham provocar o afastamento da sua clientela e, por conseguinte, prejudicar seus interesses. Alegaram ainda o caráter de utilidade que tem o centro comercial criado na rua Augusta, pela contribuição que traz á descentralização da cidade, cuja necessidade é hoje ponto pacífico.

Reportagem sobre a Operação Augusta, para controlar o estacionamento e trânsito na via.

Fonte: O Estado de São Paulo, 01 de março de 1959.

Ora, esse comércio de primeira ordem, que produziu até mesmo uma associação de classe, está sendo seduzido por autoridades inescrupulosas, desejosas de extorquir dinheiro de negociantes de boa fé, sob a promessa da concessão de vantagens. É o caso, por exemplo, da anunciada permissão de estacionamento de automóveis de um dos lados da rua, que acaba de ser proclamada pelo presidente da entidade que reúne os comerciantes da Augusta.

Fonte: O Estado de São Paulo, 31 de maio de 1966.

A centralidade da rua Augusta como pólo de comércio de luxo já começa a decair no final da década de 1960, e há uma nova mudança no padrão de comércio que também mexe com a rua como locus do comércio de luxo: inaugura-se o primeiro shopping center de São Paulo, o Shopping Iguatemi, em 1966. Apesar da Rua Augusta possuir diversas galerias, que precederam os shoppings centers, estes, com suas extensas áreas de estacionamento, corredores cobertos e grande variedade de lojas, acabaram por, com o passar do anos, cair nas graças dos consumidores.

“Aos 64 anos, o comerciante Vidal Veicer ainda se lembra da primeira vez que viu de perto Chico Buarque de Holanda, Nara Leão e Chico Anísio juntos: 28 de novembro de 1966. Não que ele estivesse muito interessado na trupe artística naquele dia. Estava lá para conferir, ao lado de outras 5.000 pessoas, a festa de inauguração do Iguatemi, o primeiro shopping center do Brasil. [...] Mas a maior dificuldade, segundo Veicer, foi fazer com que as

pessoas trocassem o hábito de compra "de rua" pelo novo tipo de conceito de compras "indoor", dentro de um local fechado.” (FOLHA DE SÃO PAULO, 25 de novembro de 2003).

As lojas da Augusta começaram primeiro abrindo filiais no Shopping e depois acabaram por fechar suas portas na rua (PISSARDO, 2013). Então, principalmente a partir da década de 1970, a classe média-alta e as elites começam a abandonar a Rua Augusta. E para tentar conter esse processo a Associação dos Comerciantes da Rua Augusta (ACRA) passa a concentrar seus esforços no lado dos Jardins, promovendo ações para melhorar a imagem deste lado da rua em contraste com o trecho central, que também era o com mais problemas de infraestrutura.

“Apesar dessas diversas tentativas, o comércio de luxo não conseguiu ‘re-atrair’ seus consumidores, implicando, na década de 1970, no fechamento de diversas lojas tradicionais, abrindo espaço para uma forma de comércio mais popular que se dissemina na rua a partir do meio da década de 1970” (PISSARDO, 2013, p. 111).

II. Anos 1960, 1970 e 1980: Consolidação do lazer noturno na Augusta e arredores

O deslocamento das atividades concentradas no Centro da cidade não envolve só o comércio, mas também as atividades de lazer. A prostituição acompanha e compõe esse núcleo, especialmente no que se refere às diversões noturnas e, assim, a consolidação do lazer noturno na Augusta e arredores também significa uma abertura para a entrada do mundo do sexo no local.

Em seu levantamento dos estabelecimentos e edificações da rua Augusta, Felipe Pissardo afirma que nos anos

1930 e 1940 “não existiam estabelecimentos exclusivamente voltados para o lazer noturno, com a exceção de pequenos botequins que vendiam bebida alcoólica. No entanto, eram comuns as festas dadas por associações e clubes em alguns salões de festas da rua (...)” (PISSARDO, 2013, p. 121). Mas já na década de 1950 a situação começa a mudar com a forte presença de jovens e a efervescência do rock’n’roll no pós Segunda Guerra Mundial.

“Em São Paulo, o primeiro espaço urbano que se transformou em um ponto de encontro importante da juventude no pós-guerra, foi a Rua Augusta, com seus três quilômetros de extensão, dezoito travessas e o cruzamento com a Avenida Paulista — via mais importante da cidade” (YOUSSEF, 2019, p.43).

Havia diversos cinemas, lanchonetes, galerias e espaços que ficavam lotados de jovens por toda extensão da rua, e é também neste momento que começam a surgir bares e boates que irão marcar a história da noite paulistana. Esse movimento acontecia na Augusta em ambos os seus lados: do lado Jardins com boates e bares como o Hi-Fi; e do lado Centro nas proximidades da Praça Franklin Roosevelt, local de grande destaque cultural, com influência vinda do centro da cidade. O cenário do rock’n’roll e da rebeldia, e, nos anos 1960, da bossa nova paulistana, formaram um local ímpar em São Paulo, o que estimulou diretamente a Augusta, juntamente com a presença de teatros e cinemas.

“O lado centro era o preferido da cena artística da cidade e, as noites mais disputadas aconteciam em casas noturnas como o Farney's do cantor Dick Farney, o Moacyr Bar, do também cantor Moacyr Peixoto e na boate Chicote” (YOUSSEF, 2018, p.44).

HI-FI BAR Rua Augusta, 2.194
DRINKS DE ALTA CLASSE.
Música de alta fidelidade. — Barman: Pedro.
Das 18 às 2 da madrugada. (Fech. às 2.as-feiras),

Fonte: O Estado de São Paulo, 23 de julho de 1958.

Portanto, as décadas 1950 e 1960 foram essenciais para consolidar a Augusta como ponto da vida noturna e cultural da cidade, para além do já firmado movimento de compras durante o dia. E, como colocado anteriormente, essa movimentação dos núcleos de diversão na cidade também significa uma movimentação da prostituição que já nos anos 1970, apesar da concentração ainda estar nos núcleos tradicionais, começa a se dispersar pela cidade.

Além disso, a partir de 1960, a Augusta e região começam também a se firmar como território LGBTQIA+ na cidade. Como exemplos, o Hi-Fi, citado anteriormente, ficou conhecido como point gay (PORTAL UOL, 2017) e em 1961 é inaugurado o Ferro's Bar, na Rua Martinho Prado 119, que era frequentado por “comunistas, jornalistas e artistas, mas já no fim da década de 60 passou a ser referência para a comunidade lésbica” (MEMORIAL DA RESISTÊNCIA, c2023, s/ pg.). Ainda, em 1971 abre as portas a boate Medieval, na altura do número 1600 da Rua Augusta, próximo à Avenida Paulista: tratava-se de um local luxuoso, com festas temáticas que mobilizavam multidões e conta-se até que em uma dessas festas em 1976, com o tema Noite da Broadway, a vedete Wilza Carla chegou à boate montada em um elefante.



Fonte: Folha de São Paulo fotografia, 20 de maio de 2016.

O aumento do movimento, porém, junto com uma questão estrutural da cidade em relação ao trânsito de automóveis, fez com que cada vez mais os engarrafamentos se tornassem problemáticos. Neste contexto, a Praça Roosevelt passa por uma enorme obra que começa em 1968, sendo completamente reformulada, para que possa ser feita a ligação da Radial Leste-Oeste. O Elevado Costa e Silva, hoje Elevado João Goulart (o “Minhocão”), no qual desemboca essa ligação feita sob a Praça Roosevelt, seria inaugurado no início de 1971.

A obra gera diversas e significativas modificações na praça, mas alguns estabelecimentos ao redor da Roosevelt ainda se mantêm funcionando, mesmo com mudanças de público. No pós-reforma inauguram-se também novos pontos:



Praça Roosevelt em 1957, antes da reforma, era muito usada para estacionamento de carros dos jovens que frequentavam os bares e boates envoltórios da Praça e também da Augusta. Na foto vê-se também a Rua da Consolação e a Amaral Gurgel, antes de haver o chamado Minhocão. Fonte: Acervo da Folha de São Paulo apud AZEVEDO, 2018.

“(...) no começo da década de 1970 as ruas envoltórias da praça Roosevelt (Nestor Pestana, Martinho Prado e Avanhandava) passam a se configurar como uma pequena mancha de lazer noturno. Diferente do prestígio que os estabelecimentos da Roosevelt na década de 1960 tinham, esses novos bares são apontados como ‘mal-frequentados’ e antros de violência e ‘gracejos inconvenientes’” (idem, 31/10/1971)” (PISSARDO, 2013, p.123).

"E o grande risco que a praça está correndo agora, ficando assim, inacabada, sem iluminação adequada, é de acabar virando um novo antro, dentro da cidade, de prostitutas e marginais" (O ESTADO DE SÃO PAULO, 1970).

Também surgem na cidade novos espaços de lazer da juventude, bairros boêmios, com bares, boates e também teatros e cinemas, como é o caso da Vila Madalena, Pinheiros e Bixiga (PISSARDO, 2013). Forma-se, então, um cenário que, junto ao abandono das elites e classe média-alta do comércio de rua, como citado anteriormente, muda substancialmente as características da Augusta e arredores. Mas nem a Roosevelt e nem a Augusta estiveram completamente abandonadas, o abandono progressivo foi especialmente das elites e das classes médias, mas ainda eram locais bastante movimentados com o passar dos anos. Nos anos 1980, por exemplo, a rua consegue se estabilizar "como uma das manchas de comércio popular na cidade" (PISSARDO, 2013, p.180).

Outro fato que influencia diretamente a Rua Augusta neste momento é a consolidação da Avenida Paulista como centro comercial-financeiro. Dos anos 1960 para os anos 1970 instalam-se na Paulista grandes empresas, principalmente instituições financeiras (SHIBAKI, 2007) e isso fortalece a presença de executivos – dos quais grande parte são homens devido a desigualdade de gênero nessa área de atuação – tanto na avenida quanto nos seus arredores.

A Augusta, então, também recebe esses novos frequentadores e é influenciada por esse novo cenário. Nos trechos mais próximos à Paulista surgem ou são readequados edifícios para receber escritórios e nos trechos intermediários do Lado Centro surgem hotéis para atender essa nova demanda: no ano de 1977 já estão funcionando cinco hotéis de alto padrão – Caesar Park, Augusta Boulevard, Delphin São Paulo, Ca'D'oro e Brasilton (PISSARDO, 2013).

"A partir da década de 1980, disseminaram-se também na rua hotéis com um preço de hospedagem mais acessível e uma oferta de serviços e comodidades mais limitada em comparação aos hotéis de alto padrão da rua. É possível, no entanto, notar uma clara segmentação entre eles: Os hotéis mais sofisticados, rankeados entre 3 a 4 estrelas, especializaram-se no público corporativo, recebendo eventos empresariais em seus salões de convenções; enquanto outros hotéis, principalmente os de alta rotatividade, receberam uma demanda de público grande da prostituição, um negócio bastante forte na rua na década de 1980" (PISSARDO, 2013, p.134).

Então, dado o cenário apresentado, é nos anos 1970 que a prostituição parece começar a se inserir na Rua Augusta e também em seus arredores.

III. Anos 1970 aos anos 2000: Nunca é noite no mapa⁵

"O modo como nossa sociedade lida com sexo e dinheiro é contraditório: são dois bens venerados e perseguidos ao extremo, mas a ideia de que possam andar juntos assusta" (PRADA, 2019, s/ pg.).

Os primeiros indícios da prostituição na Rua Augusta Centro datam dos arredores dos anos 1970, com o a inauguração do Belo Brummel e a presença de casas de massagem e relax centers, além disso há também um relato do zelador da Galeria Le Village (Augusta nº 1492) ao pesquisador Felipe Pissardo (2013) no qual conta da existência de inferninhos na Galeria já na virada dos anos 1960 para os anos 1970. Porém, nos arredores da rua é possível encontrar registros das prostitutas em momentos bastante anteriores, o que certamente tem influência sobre o estabelecimento delas na Augusta lado Centro.

A primeira referência que se encontrou de prostituição mais próxima ao lado estudado da Augusta, como apontado no primeiro capítulo, foi a de Feldman (1989) à área entre a Praça da Consolação, atual Praça Franklin Roosevelt, e a rua Florisbela, atual Nestor Pestana. A autora identifica esse local como uma das manchas de concentração de prostituição feminina em São Paulo de 1924 a 1939, possivelmente com casas de tolerância, estabelecimentos mais comuns no momento. Em seu segundo mapa, de 1940 a 1953, período de implantação da zona confinada do Bom Retiro, essa área some e volta a aparecer entre 1954 ao início de 1970. Feldman ainda aponta que nesse terceiro momento a Nestor Pestana fazia parte dos territórios da Boca do Luxo, com suas boates como local de estabelecimento do contato inicial das prostitutas com os clientes. No ano de 1964, por exemplo, inaugurava na Nestor Pestana o Jussara Drinks, tido como um “inferninho familiar”, que funcionou até 1976 (JORNAL DA REPÚBLICA, 1979).

Quanto à Rua Martins Fontes, continuação da Augusta em direção ao Centro, já no final da década de 1950 há registros de presença de “inferninhos”. No ano de 1957, o vereador Coryntho Balduino usa sua fala na Câmara dos Vereadores para tratar da multiplicação de inferninhos e boates em São Paulo, citando a boate Siroco na Avenida Nove de Julho número 1263, e fala sobre a necessidade do combate a esse tipo de estabelecimentos também na Rua Martins Fontes.

Como mostrado no “Breve Histórico da Prostituição em São Paulo”, a famosa boate La Licorne teria sido inaugurada na Praça Roosevelt antes dos anos 1970, onde se manteve por pouco tempo até a grande obra do local, entregue em 1970, e só então mudou-se para a Major Sertório, endereço no qual fez sua fama. A fixação desse estabelecimento na Roosevelt, mesmo que por um breve período, reafirma

Que sejam cassados os alvarás de funcionamento por parte da Secretaria de Segurança dos “inferninhos” e “boates” indecorosas! Que a Delegacia de Costumes contribua para a moralização desta cidade cristã desde os seus primórdios! Que não se cruze os braços diante da imoralidade que perambula pela metrópole ciclópica!...

Que a polícia de São Paulo reaja e se faça presente!

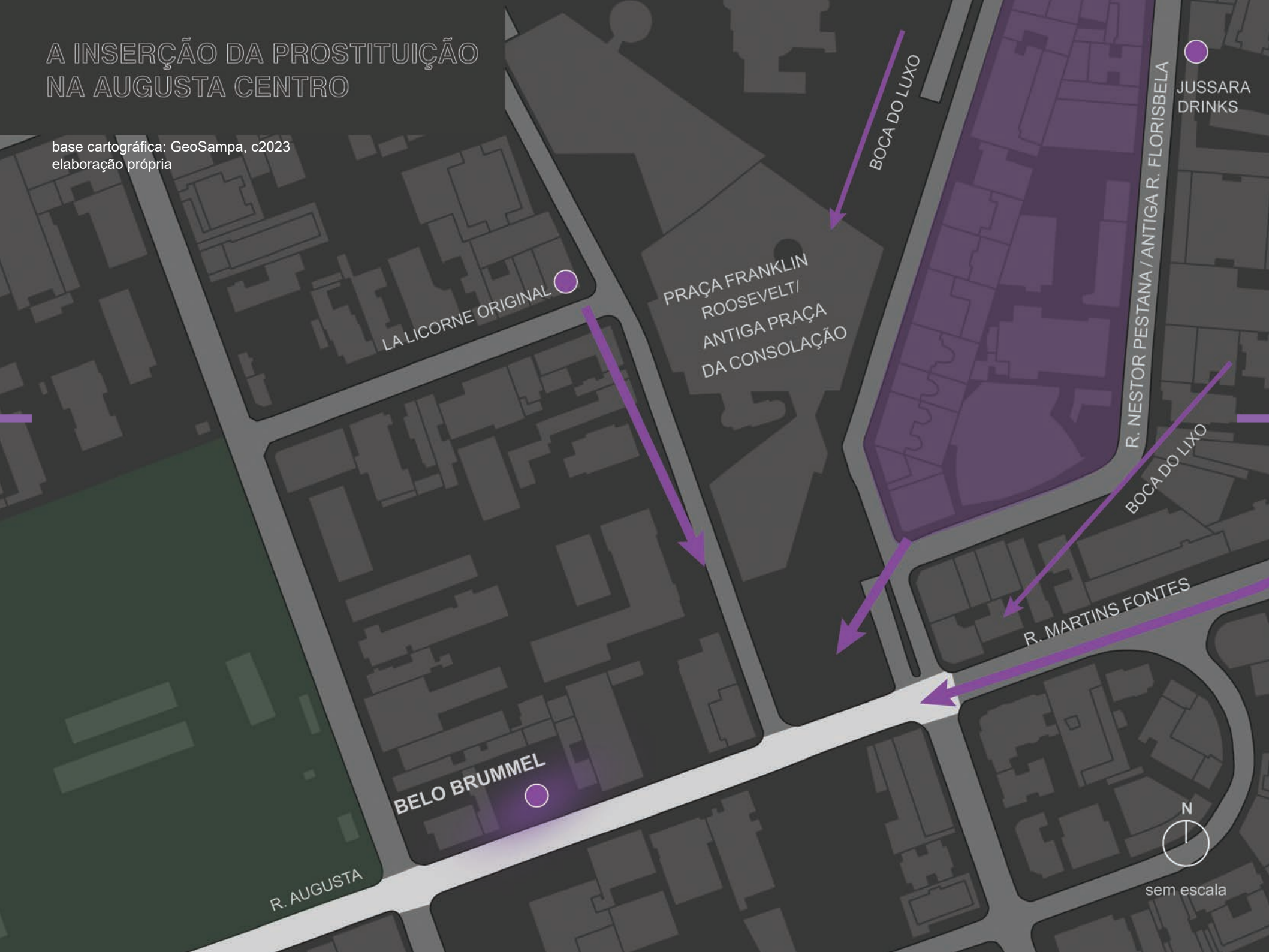
Fonte: Atas e Anais da Câmara Municipal de São Paulo
291ª Sessão Ordinária Realizada em 11 de Novembro de 1957.

Nesta consonância transmitimos daqui ao Sr. Governador do Estado o nosso apêlo para o combate efetivo a êstes inferninhos, chamem-se êles “Siroco” ou “Vagalume” da rua Martins Fontes, a fim de que a cidade sinta a presença do govêrno através da presença necessária da polícia de São Paulo que alguém já indaga: E a polícia de São Paulo? Ora, a polícia civil e militar de São Paulo se encontra confrontada com meretrizes e marginais, na “esquina do pecado” da Avenida São João com a Avenida Ipiranga, conforme já foi evidenciado há tempos em grandes e sensacionais reportagens do “Diário da Noite” e de outros órgãos da imprensa.

Fonte: Atas e Anais da Câmara Municipal de São Paulo.
291ª Sessão Ordinária Realizada em 11 de Novembro de 1957.

A INSERÇÃO DA PROSTITUIÇÃO NA AUGUSTA CENTRO

base cartográfica: GeoSampa, c2023
elaboração própria



LA LICORNE ORIGINAL

PRAÇA FRANKLIN
ROOSEVELT/
ANTIGA PRAÇA
DA CONSOLAÇÃO

JUSSARA
DRINKS

R. NESTOR PESTANA / ANTIGA R. FLORISBELA

BOCA DO LIXO

R. MARTINS FONTES

BELO BRUMMEL

R. AUGUSTA



sem escala

o fato da prostituição fazer parte dos núcleos de diversões noturnas da cidade, uma vez que a praça era na época uma centralidade muito importante nesse sentido e as prostitutas já estavam ali desde essa época.

Ou seja, antes dos anos 1970 já é possível apontar a presença de pelo menos três espaços de prostituição que surgem nos arredores diretos da Rua Augusta, além de outros pontos um pouco menos próximos mas ainda muito relevantes, como a Vila Buarque, Boca do Luxo dos anos 1960 mas que já se configurava como área de prostituição antes desse período (FELDMAN, 1989). Levanta-se a hipótese de que os estabelecimentos voltados à prostituição possam ter adentrado a Augusta Centro, considerando o contexto já mencionado da rua na época, por estes locais e por suas influências, principalmente porque sabe-se que a Boate Belo Brummel, que ficava no número 160 da rua, foi uma das primeiras a inaugurar ali, ainda nos início dos anos 1970 (REVISTA VEJA, 1973, apud DEL VALLE, 2018), podendo apontar um possível vetor de inserção da atividade prostitucional na Augusta.

No início dos anos 1970 eram abertas cada vez mais boates na região e a Rua Nestor Pestana recebia muitas delas, inclusive a Kilt, de 1971, local que ficou marcado na memória de muitos paulistanos por seus shows eróticos, mas também por se parecer um castelinho em meio a cidade. Conta-se que Tânia Maciel, a dona do estabelecimento, teria sido a “[...] maior vendedora de uísque da marca Black & White no Brasil” o que lhe “rendeu um convite da empresa para conhecer a sede da destilaria na Escócia”, a inspirando a reformar a fachada e a parte interna do estabelecimento (SÃO PAULO ANTIGA, 2012). Em 2012, porém, a boate foi demolida sob alegações da Prefeitura de que era importante ter uma rotatória naquele local, integrando a Praça Roosevelt ao Teatro Cultura Artística, como parte

de sua recuperação após um incêndio. A boate mudou-se em 2013 para a mesma rua, porém no número 189, sem o estilo característico



Foto da Boate Kilt nos anos 1980.

Fonte: Notícias Uol, maio de 2023.



Foto da Boate Kilt antes da demolição de 2012.

Fonte: São Paulo Antiga, 2012.

“A prefeitura garante que a demolição da Kilt é um importante passo para a revitalização da região, mas será que era realmente necessário demolir a boate? Ou ela no chão atende a outros interesses? A destruição da boate Kilt Shows parece mais um gesto de elitização da região do que de revitalização. [...]” (SÃO PAULO ANTIGA, 2012).

Ainda sobre os anos 1970, além da boate Belo Brummel, sabe-se que na Augusta deste momento e da entrada dos anos 1980 estavam se estabelecendo diversas casas de massagem, relax center, saunas mistas e american bars, termos esses que na época, no geral, designavam locais relacionados ao sexo. Ressalta-se aqui que a localização destes pontos foi feita principalmente por meio de anúncios veiculados no jornal O Estado de São Paulo e que usualmente não têm nenhuma referência explícita à prostituição, lida-se com a invisibilidade e clandestinidade de muitos dos estabelecimentos e, por isso, levantam-se hipóteses diante da lógica que se colocava na cidade e no momento e, nos locais inaugurados mais recentemente, se vale também da memória e depoimentos de frequentadores.



Até que enfim uma casa de massagens com terceiras intenções!

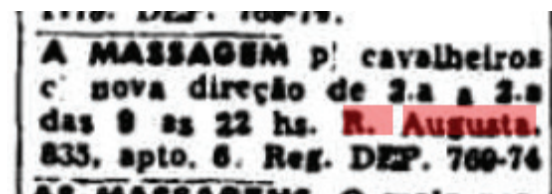
A primeira intenção é fazer você entrar num ambiente de sonho: climatizado, bem decorado, original, gostoso. A segunda, é oferecer serviços reais, que ninguém tem: saunas dinamarquesas, banhos exóticos com sais aromáticos, suítes de massagem relax, show “alive” com drinks afrodisíacos. E a terceira é ter sempre a mais luxuriante equipe de “hostesses” e massagistas... Todas essas ótimas intenções custam menos do que você pensa. E são muito mais interessantes...

Relax Center

- Rua Pires da Mota, 494 (eq. Av. Aclimação)
- Praça Roosevelt, 47 (eq. R. Augusta) - aberto inclusive aos domingos
- Av. Pompéia, 1022

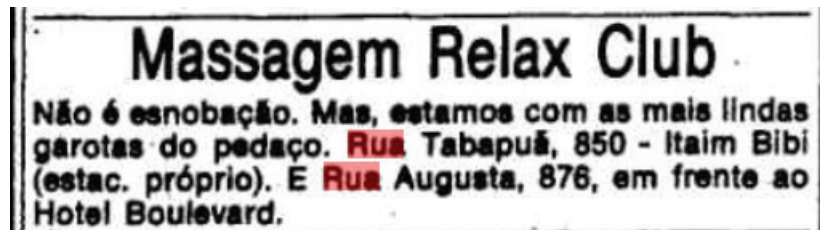
Das 12 hs. à 1 da manhã. Estacionamento com manobristas. Aceitamos todos os Cartões de Crédito.

Fonte: O Estado de São Paulo, 27 de dezembro de 1979.



A MASSAGEM p/ cavalheiros
c/ nova direção de 2.a a 2.a
das 8 às 22 hs. R. Augusta.
835, apto. 6. Reg. DEP. 760-74

Fonte: O Estado de São Paulo, 02 de abril de 1975.



Massagem Relax Club

Não é esnobação. Mas, estamos com as mais lindas garotas do pedaço. Rua Tabapuã, 850 - Itaim Bibi (estac. próprio). E Rua Augusta, 876, em frente ao Hotel Boulevard.

Fonte: O Estado de São Paulo, 03 de março de 1982.

Com esse grande aumento no número de casas que aparentemente são voltadas ao sexo, mas de forma mais camuflada, na Rua Augusta cresce também o número de boates eróticas, dedicadas a shows mas que na maior parte dos casos também envolviam a prostituição feminina. Para identificar esses estabelecimentos dos anos 1970, 1980 e 1990 usou-se principalmente o jornal Notícias Populares (NP) e um exemplar da publicação erótica SP Só Para Maiores – O Jornal do Pecado. No NP a maior parte das casas que aparecem encontram-se na chamada Boca do Luxo, como é o caso das boates La Licorne, Louve e Boite Michel, todas na Rua Major Sertório, ou da Studio 2000, na General Jardim.



Conheça São Paulo, conhecendo a noite da Augusta.

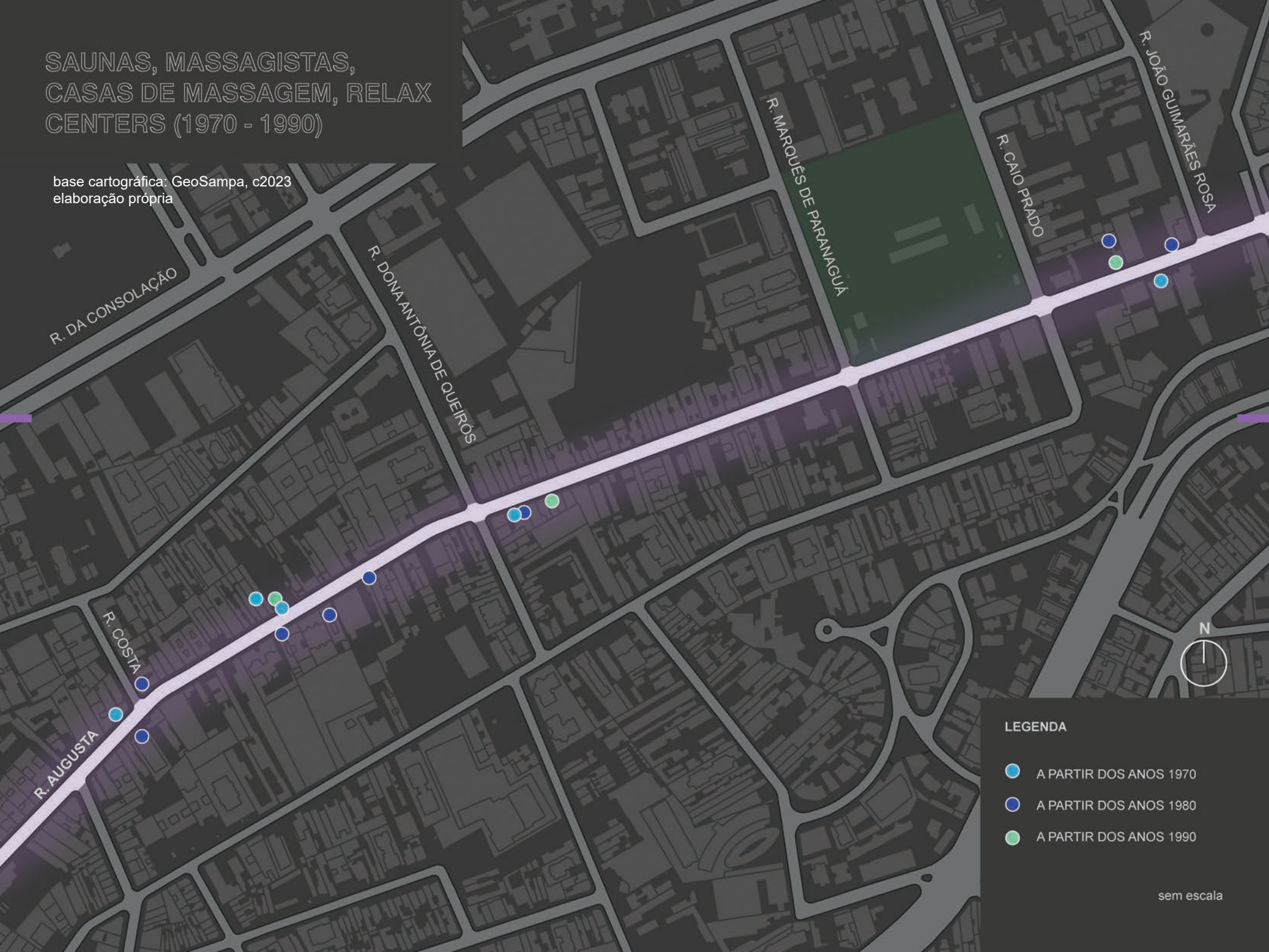
GOLDEN BELL'S

Shows. Garotas. Música ao vivo.
Rua Augusta, 723.

Fonte: Notícias Populares, 28 de setembro de 1980.

SAUNAS, MASSAGISTAS, CASAS DE MASSAGEM, RELAX CENTERS (1970 - 1990)

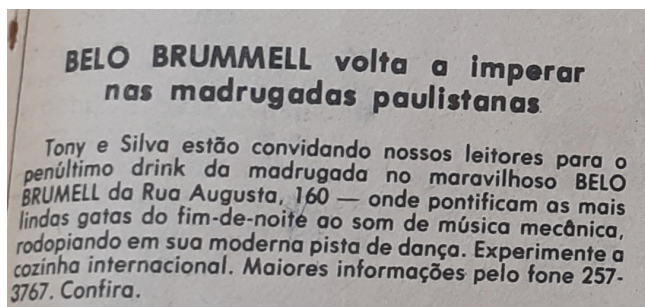
base cartográfica: GeoSampa, c2023
elaboração própria



LEGENDA

- A PARTIR DOS ANOS 1970
- A PARTIR DOS ANOS 1980
- A PARTIR DOS ANOS 1990

sem escala



Fonte: Notícias Populares, 16 de dezembro de 1980.

Dentro de algumas dessas boates é importante também reconhecer a presença das travestis e mulheres trans, além de no *trottoir*, atividade a qual geralmente é associada a elas. No geral, é mais comum encontrar notícias, muitas vezes em tom preconceituoso, sobre o trabalho dessas profissionais nas calçadas da cidade e não dentro das boates, mas na Boite Michel, por exemplo, foi possível identificar um anúncio de um show de strip-tease de travestis em 1980.



Fonte: Jornal Notícias Populares, 04 de setembro de 1980.

Pensando no *trottoir*, especialmente no caso da Rua Augusta, Youssef aponta que ela “[...] se diferenciava de outros locais de prostituição por não delimitar as calçadas – como era tradição em outras zonas do tipo – onde travestis e mulheres podiam se exibir pela via pública. Na Augusta desde sempre foi tudo junto e misturado” (YOUSSEF, 2019, p.

52). Entretanto, apesar dessa “mistura” entre mulheres cis, trans e travestis não pode-se dizer que há maior igualdade ou que não haja opressão.

“Enquanto as mulheres cisgêneras podem exercer seu trabalho sexual em casas e boates, o espaço reservado às travestis é quase sempre o da prostituição precária nas ruas, o que possivelmente contribui para aumentar o o risco de agressões e a insegurança” (PRADA, 2019, s/ pg.).

As opressões, preconceitos e a estigmatização se dão de forma interseccional, ou seja, há uma interação entre os sistemas de opressão que atuam sobre os corpos e, com isso, raça, classe e gênero se articulam. A partir dessa perspectiva, é possível compreender um pouco melhor as camadas envolvidas na experiência das prostitutas trans e travestis na cidade e nos seus locais de trabalho, além dos fatores raça e classe que também exercem papel importante. Ao falar do estigma da puta é preciso também considerar essas outras identidades envolvidas. Assim, foi possível encontrar notícias de jornais que mostram uma parte da violência aplicada sobre esses corpos na época e que, infelizmente, tem consonância nos dias atuais.

Plumas e sangue na guerra dos travestis em S. Paulo

Fonte: Jornal Notícias Populares, 12 de julho de 1982.

“[...] aí de repente descubro que isso é a talvez a única profissão que, enquanto travesti, terei fácil pela frente. Sou tratada igual puta bem antes de me assumir puta, quase uma tatuagem na testa: bastou me verem travesti e já começa o assédio, assédio de que nunca tive notícia enquanto eu posava de homem” (MOIRA, 2016, p. 28).

Apesar dos preconceitos, as mulheres trans e as travestis, prostitutas ou não, assim como mais pessoas da sigla LGBTQIA+, estão inseridas de forma mais facilmente identificável na vida e na história da Rua Augusta pelo menos desde a década de 1960, como já demonstrado. E por mais que haja fortes violência e apagamentos, essas pessoas também se inserem no contexto de diversões noturnas e prazeres que habita a Augusta. E as prostitutas, sejam mulheres cisgêneras, trans ou travestis, também compõem esse contexto, não devendo e nem podendo ser colocadas apenas em uma posição de vítimas.

"Como construir uma luta quando, no imaginário social e mesmo para os setores mais engajados da sociedade, ela está irremediavelmente atrelada a tudo que existe de mais perverso em termos de violência? A questão faz com que muitas vezes se discuta a possibilidade de, seguindo o que já é usual no cenário internacional, substituir a palavra "prostituição" por "trabalho sexual" como forma de forçar a sociedade a reconhecer que somos apenas e não somente pessoas (adultas e capazes de consentir) que tiraram seu sustento do sexo. Trabalhadoras, portanto, e não crianças ou pessoas prostituídas, traficadas, mantidas em situação de cárcere e/ou vítimas de estupro constantes. É óbvio que existem pessoas vivendo nessas condições; falar delas, porém, é falar de crimes que precisam e devem ser combatidos, e não de um trabalho, o nosso, e da luta para torná-lo mais seguro" (MOIRA, 2018 apud PRA-DA, 2018, s/ pg.).

Atenta-se para o fato de que há, assim como em qualquer profissão, uma gama de pessoas distintas envolvidas com a prostituição e, consequentemente, experiências diversas, que podem envolver violência. Mas as tentativas de apagamento e colocação destes indivíduos em uma posição de vítimas

inseridas na clandestinidade, como se não estivessem dentro das lógicas da sociedade e da cidade como um todo, são bastante generalizadas. O discurso moralizador e, por vezes, de salvação acaba desconsiderando a agência das prostitutas e suas experiências e influências na cidade.

No caso da Rua Augusta de meados dos anos 1970 sabe-se que a prostituição já estava bastante firmada, mas não se percebe, pelo menos nos jornais analisados e nem nas discussões de vereadores – nas Atas e Anais da Câmara Municipal –, uma grande preocupação e nem uma intenção moralizadora no local, talvez porque a área era considerada decadente para as elites e, consequentemente, desprezível na visão de muitas pessoas, inclusive do poder público. Um fato interessante sobre o surgimento de *inferninhos* na Rua Augusta é que na verdade o primeiro do qual se encontraram registros era na verdade no Lado Jardins (Augusta nº 2800): por conta da época (anos 1960) e por estar no lado mais elitizado, mais próximo dos bairros Jardins, há uma movimentação do poder público para coibir a atividade. Já no Lado Centro da Rua, nem nos anos 1980, quando havia sabidamente uma grande concentração de estabelecimentos de prostituição, nota-se esse discurso.

O SR. PRESTES FRANCO — Sr. Presidente, Srs. Vereadores:

Recebi de vários munícipes uma carta, cuja leitura irei fazer e que peço seja enviada a nossas autoridades, ao Sr. Secretário da Segurança e ao Sr. Prefeito Municipal, a quem fala muito de perto.

Diz a carta: (Lê) "Sr. Dr. Prestes Franco, cordiais saudações. Reclamam os moradores de Vila América, nesta Capital, contra a existência de uma casa de diversão, se assim se pode chamar o "inferninho" existente à rua Augusta, n. 2.800.

Fonte: Atas e anais da Câmara Municipal

319ª Sessão Ordinária, 17 de Setembro de 1962.

Sr. Presidente, encareço a V. Exa., chefe que é de uma honrada família, que seja encaminhada cópia deste discurso ao Sr. Secretário da Segurança Pública e ao Sr. Prefeito Municipal. Trata-se de “inferninho” nas imediações de casas de família e de colégios. São cenas amorosas que se passam a céu aberto no meio da rua, a infelicitar, a macular toda uma população.

Fonte: Atas e anais da Câmara Municipal
319ª Sessão Ordinária, 17 de Setembro de 1962.

O que parece, portanto, é que na Augusta já a partir dos anos 1970, especialmente no seu Lado Centro, quando começa a fase considerada por muitos como de degradação do espaço, não há interesse em tentar expulsar a prostituição do local, que se firma, se fortalece e se multiplica, principalmente ao longo dos anos 1980 e 1990. O abandono da Augusta pelas elites, classes médias e médias-altas e a desvalorização imobiliária da rua fez com que ocorresse também um aparente abandono por parte do poder público, da polícia, em sua tida função moralizadora. Se estabelecem na rua, além da prostituição, moradias irregulares, cortiços, jogos de azar e comércio ambulante ilegal e, além disso, com o fortalecimento do eixo Faria Lima no começo dos anos 1980 para os anos 1990 muitos dos empresários que trabalhavam na região, e também consumiam, se deslocam (PISSARDO, 2013). Entretanto, essa situação vai se alterando conforme novos interesses na Augusta vão surgindo e crescendo.

“A expressão [ausência do estado] camufla o fato de que se o estado, como provedor de serviços essenciais era ausente, sua presença era muito notável na forma de policiais que acobertavam, ou mesmo se envolviam, nos negócios ilegais, fiscais municipais que faziam das vistas grossas para liberação de alvarás um ganha pão” (YOUSSEF, 2019, p. 52-53).

Em meio a esse cenário da prostituição começava também a emergir um movimento artístico que, tendo esse contexto como pano de fundo, produzia filmes, fotografias, literatura (PISSARDO, 2013; YOUSSEF, 2019). Nos anos 1980 surgia também uma nova cena musical e cultural bastante forte na Rua Augusta, especialmente no local onde hoje se localiza o Parque Augusta.

Em 1974 o casarão que antes abrigava o Colégio Des Oiseaux é demolido e, com isso, o enorme terreno, em cujo plano inicial era construir um parque, virou estacionamento por um tempo. Depois disso houveram propostas para construir complexos hoteleiros - que manteriam a área verde -, hipermercado, museu, prédios residenciais (ACERVO ESTADÃO, 2021), mas o terreno ficou sem nenhuma construção e em meio a embargos até a implementação do Parque Augusta em 2021. No decorrer desse processo o terreno recebeu nos anos 1980, mais especificamente em 1985, o chamado Projeto SP: tratava-se de uma lona de circo, com capacidade para 3500 pessoas, que acolheu show diversos, inclusive internacionais, atraindo grandes públicos (YOUSSEF, 2019). O Projeto, porém, mudou para a Barra Funda em 1987.



Projeto SP, anos 1980.

Fonte: Acervo Estadão, 2021.

Anteriormente, em 1980, surge também na Augusta o Spazio Pirandello – bar, restaurante, galeria –, no número 311, atraindo intelectuais e artistas e gerando uma nova movimentação cultural na região. Era tido como espaço de diversidade, frequentado no geral pela esquerda e elite intelectual paulistana.

“Próximo à 4ª Delegacia, o Baixo Augusta era ponto certo de travestis, prostitutas e michês. Pouco tempo depois de inaugurarem o Pirandello, Soares e Maschio criaram a Calçada da Glória. Nela, nomes ilustres imprimiam suas mãos e assinatura no cimento fresco. E era exatamente esse hi-lo que tornava tudo mais interessante” (GLAMURAMA UOL, 2015, s/ pg.).

Nota-se a formação de um público nestes locais que não se importava com o estigma underground da Augusta, inclusive muitas vezes era atraído por ele, o abraçava e, assim, participava da já famosa noite da rua. A escusa noite da Rua Augusta tornava-se cada vez mais popular e as prostitutas faziam parte do atrativo e das diversões daquele local. Era noite na Rua Augusta e agora também era noite no mapa, no mapa da juventude alternativa paulistana. A rua não estava mais no circuito de vários jovens de São Paulo, porém, aos poucos, com esse apelo do underground, do diferente e do curioso, a situação muda. Começa-se a consolidar uma ideia de “charme decadente” da Rua Augusta (FOLHA DE SÃO PAULO, 2020, s/ pg.).

“[...] tudo é conjunto, justaposição, mistura. Passa-se de maneira absolutamente normal e contígua de famosos hotéis de cinco estrelas, que têm as melhores cozinhas da cidade, a casas meio arruinadas, a pequenos palacetes nos quais es anunciam as aventuras e os tabus mais promíscuos: saunas mistas, somente para adultos, massagens

only for me. E ao seu lado, sem pausa para respiração, escolas elementares ou médicas que, quando fecham, à noitinha, fazem com que o inocente público de suas estudantes misture-se na rua com o das mocinhas prostitutas também de sua idade” (CANEVACCI, 1993, p. 196 apud FRÚGOLI JR, 2018, p.35).

Além disso, outros dois fatos também ajudaram a firmar essa nova e diversa movimentação na rua, sendo eles: a renovação de alguns cinemas e teatros; e os encontros de motoqueiros.

Sobre os motoqueiros, esse grupo passou a frequentar a Rua Augusta a partir do final da década de 1970 e se manteve até pelo menos meados dos anos 1990. Segundo Pissardo (2013) os motoqueiros voltaram a realizar a chamada “paquera motorizada”, que antes era feita por jovens em seus carros, e apesar de se concentrarem mais entre a Avenida Paulista e a Rua Colômbia também se movimentavam rumo ao lado Centro, onde estavam majoritariamente as prostitutas. Inicialmente o grupo era composto por jovens de classes mais altas, mas a partir da segunda metade dos anos 1980 isso se altera e passam a frequentar a rua “jovens das classes populares vindos principalmente de zonas periféricas da cidade” e os “jovens de classes mais abastadas passam a migrar da rua Augusta e vão em busca de diversão em estabelecimentos fechados nos Jardins, além de outros bairros da região sudoeste” (PISSARDO, 2013, p. 147).

Em relação aos cinemas e teatro, como falado anteriormente, a Augusta já constituía uma mancha de diversões e cultura pelo menos desde os anos 1950, 1960, porém com reformas em alguns desses equipamentos e com a implantação de outros, a partir dos anos 1970 e 1980, a Augusta e a região voltam a atrair um maior público de classes-médias e elites culturais e também classes mais populares. Felipe

Pissardo (2013) explora em seu trabalho o caso dos teatros Cultura Artística (reaberto após reforma em 1977 na Nestor Pestana), Record (reinaugurado em 1969 na Rua Augusta 973 e depois substituído pelo teatro Acrópole), Teatro-Auditório Augusta (1973) e o Auditório ALS (1986); sobre os cinemas fala do Cineclube Elétrico (1990) e do Espaço Banco Nacional de Cinema (inaugurado em 1993 no lugar do antigo Cine Majestic). A Rua Augusta e a Roosevelt se reafirmavam cada vez mais como parte do circuito cultural e artístico paulistano e, consequentemente, outros estabelecimentos como restaurantes e bares também se multiplicavam ao seu redor.

Com isso, a vida tanto diurna quanto noturna da Augusta começa a se alterar, à noite as interações com os prostitutas são inevitáveis naquele momento e se tornam cada vez mais intensas. Dos anos 1990 para os anos 2000 se fortalece cada vez mais uma espécie de fetiche da juventude em conviver com a ilegalidade e o submundo da Augusta em meio a bairros ricos, o que “fazia da pseudo ousadia uma experiência protegida e segura” (YOUSSEF, 2019, p. 58).

“Foi surgindo uma tendência de festas organizadas em busca de aventuras mais ousadas na noite da cidade. Jovens promotores, artistas a procura de novos espaços de difusão para sua arte, grupos de estudantes universitários, alugavam as casas de prostituição e promoviam eventos diferentes dos convencionais em busca de novidades em meio ao ambiente transgressor. A juventude das classes média e alta da cidade buscava um cenário mais ousado pra sua diversão e um espírito mais cosmopolita para seus empreendimentos culturais” (YOUSSEF, 2019, p. 57).

Ao mesmo tempo, a Augusta já começava a ser enxergada sob um viés de “revitalização” pelo poder público e a partir das discussões de requalificação das áreas centrais da cidade

iniciou-se um movimento de intervenções no centro e arredores. A revitalização, no entanto, era voltada para quem? Certamente não para as prostitutas, uma vez que essas ações muitas vezes carregam ideias de limpeza, embelezamento e caráter moralizador, no geral não incluindo classes mais baixas ou corpos marginalizados.

“Embora algumas ações neste sentido tenham surgido na década de 70 e 80, somente nos anos 90 a “revitalização” se tornaria uma ideia dominante na esfera pública, notadamente em função da atuação de uma organização não governamental surgida também nesta década, a Associação Viva o Centro. A partir de então, as iniciativas do poder público passaram a ser acompanhadas de discursos sobre a revitalização do Centro, e apostavam na atração do setor privado como caminho para reversão da degradação” (JOSÉ, 2010, p.13).

Somado à volta de um maior movimento das classes médias, principalmente jovens, para a Augusta Centro, surgem também ações governamentais em prol de mudanças no local, desde o governo da prefeita Luiza Erundina (1989-1992) são propostas intervenções na região (PISSARDO, 2013). A Rua passa então a receber diversos investimentos e iniciativas tanto do poder público quanto do privado e, aos poucos, a Augusta vai se transformando.

A Augusta, estando em meio à Paulista e ao centro da cidade, ambos no foco da “revitalização”, passa por mudanças significativas. Alguns dos pontos explicados por Pissardo (2013) ajudam a entender o cenário que se estabelece no local, o autor fala, por exemplo, sobre melhorias em infraestrutura e transporte público (como a inauguração da Estação Consolação do Metrô em 1991 e, posteriormente, da Estação Paulista da ViaQuatro, em 2018); e de ações de combate aos camelôs e da pirataria, principalmente durante

a gestão Marta Suplicy. Além disso, são realizadas operações policiais constante na região em busca de ilegalidades e é na gestão Serra-Kassab que as investidas especificamente contra a prostituição na Augusta se intensificam.

As medidas, em tese, eram tomadas para garantir: segurança, identificando estabelecimentos sem alvará de funcionamento ou sem medidas de proteção adequadas; a não exploração, especialmente de menores de idade, nas boates; e identificar atividades ilegais, como o consumo de drogas ilícitas. Entretanto, sabe-se que essas ações têm, na maior parte dos casos, cunho moralizador acima de outras pretensões e também não se leva em consideração os direitos de trabalho da prostituta, os quais já são reconhecidos por lei desde 2002 pelo Ministério do Trabalho. Ou seja, em grande parte dos casos a intenção não é propiciar um ambiente mais seguro para clientes e trabalhadoras, mas sim tentar expulsar esses estabelecimentos, e também profissionais que fazem *trottoir*, para espaços mais marginalizados, com menos interesse de mercado, cenário que já não era mais exatamente o da Augusta em processo de “revitalização”.

Penso que esta Casa não pode deixar isso passar da forma como está acontecendo. Aqui, bem pertinho de nós, menores são aliciadas para servir tipos, talvez, como esse Diogo Mainardi, homens casados que procuram casas de prostituição exigindo que a profissional de sexo seja menor de idade. Isso foi relatado pela TV Record e fiquei muito constrangida, muito indignada porque pensava que a prostituição infantil estava, em maior número, em cidades do Nordeste, em que fiquei horrorizada. Mas, pasmem os senhores, aqui na Rua Augusta, o fulano, geralmente casado, boa pinta e tal, enrola a mulher, chega e diz que quer ser servido por uma menina de 14, ou 15, ou 16 anos.

Aí, fiquei imaginando: será que homens desse tipo, devem ter filhas? Obviamente, não pensam quanto é violento uma criança, que apesar de já ter o corpo de mulher, devido, sei lá, a fatores genéticos - não sei como se explica isso -, ter de servir sexualmente um homem. É de uma violência absurda. E não podemos nos calar, é aqui na cidade de São Paulo, na Rua Augusta. Aí, nobre Vereadora Tita Dias, penso que, não sei de que forma, deveríamos acionar os Conselhos Tutelares.

233ª Sessão Ordinária, 2003

Fonte: Atas e Anais da Câmara Municipal de São Paulo.

É de extrema importância o combate à problemas como a exploração sexual de crianças, ou exploração de mulheres, tráfico de pessoas, ou até mesmo a falta de segurança nas casas noturnas, entretanto, é importante que não se caia em discursos moralizadores anti-prostituição como argumento, criminalizando também prostitutas que exercem seu trabalho consensualmente e de acordo com a lei.

“A lei brasileira estabelece que o trabalho sexual não pode ser exercido por menores de 18 anos ou por maiores de idade que estejam sob coação ou ameaça. A expressão “prostituição infantil”, portanto, não se aplica aqui, mas a exploração de crianças e adolescentes, sim. O que para alguns pode parecer apenas um capricho semântico, para nós tem importância crucial [...]” (PRADA, 2019, s/ pg.).

IV. Anos 1990 e 2000: Da baixa para o Baixo Augusta - apropriação e expulsão da prostituição

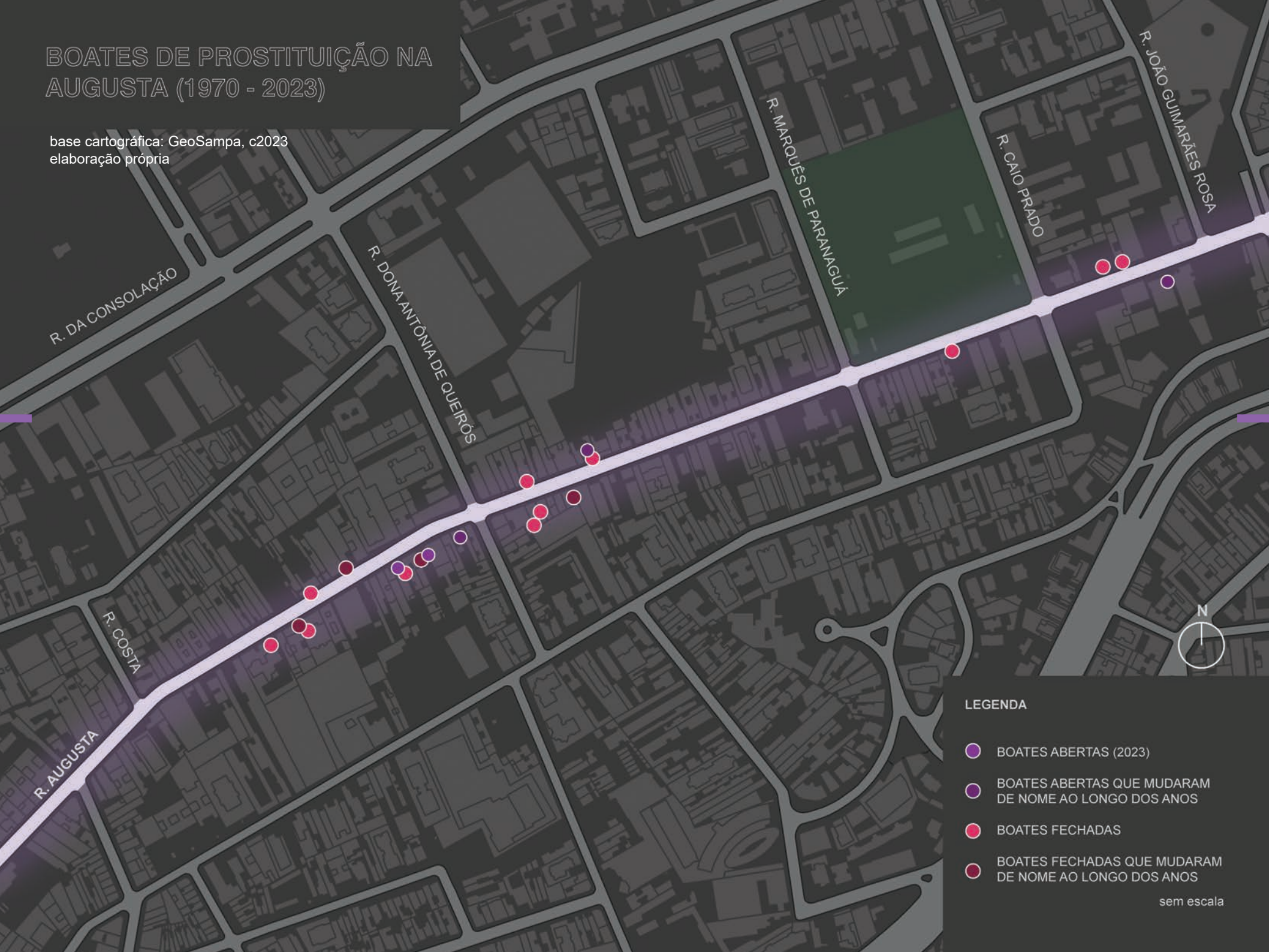
“Prostitutas sempre estão em áreas a serem revitalizadas. Quando vem a revitalização são as primeiras a serem expulsas” (LEITE, 2006, p. 30).

A baixa Augusta, dos números mais baixos da rua por sua proximidade com o centro, mas também o lugar da “baixa-ria”, da prostituição, do submundo, vai se transformando aos poucos no chamado Baixo Augusta. Aos olhos do poder público, do mercado e de uma grande parcela dos paulistanos a baixa Augusta não era interessante, pelo contrário, se tratava de um lugar em constante degradação, mas o Baixo Augusta, por outro lado, vai se tornando cada vez mais valorizado. A passagem da crônica de Caio Fernando Abreu, de 1994, exemplifica o olhar sobre a baixa Augusta:

“[...] escolhi a mais modesta e refrescante das saídas - tomar uma cerveja num bar da Rua Augusta. Esclareço:

BOATES DE PROSTITUIÇÃO NA AUGUSTA (1970 - 2023)

base cartográfica: GeoSampa, c2023
elaboração própria



nem sequer da baixa Augusta, perto do Centro, mas daquele pedaço razoavelmente civilizado, próximo à Paulista" (ABREU, ESTADÃO, 1994).

Em 2003 sabe-se, segundo contabilização da polícia, que na Rua Augusta existiam 22 casas de prostituição funcionando (FOLHA DE SÃO PAULO, 09 de junho de 2013) e, as ações contra esses locais vinham se intensificando cada vez mais. Contando as casas de massagem e saunas dos anos entre os anos 1970 e 1990 pode ter existido um número ainda maior de estabelecimentos ligados ao sexo funcionando simultaneamente na rua, além da prostituição de rua, dos locais de apoio, como hotéis, e de apartamentos de prostitutas que atendiam em casa; além também das diversas boates funcionando na Nestor Pestana desde os anos 1970, bastante próximas à Augusta. Segundo Xico Sá (FOLHA DE SÃO PAULO, 02 de junho de 2012) a Rua "Chegou a ter 80 puteiros, entre boates e saunas. Era a febre da selva desta Babilônia".

Durante este trabalho foi possível identificar, dos anos 1970 até os dias atuais, 24 endereços de prostituição na Rua Augusta, estando 17 deles já fechados e 7 ainda funcionando; deles apenas foram encontradas 2 boates do Lado Jardins, estando uma ativa atualmente, no número 2028. Ainda, algumas das boates foram assumindo o lugar de antigas, ou seja, o estabelecimento mudou de nome e/ou de dono ao longo dos anos, se contarmos essas mudanças chegamos em um total de 29 casas. Além disso, como visto no mapa das páginas 89-90, dos anos 1970 aos anos 1990 foram encontrados 16 espaços de massagem, saunas ou relax centers na rua. No total, portanto, foi possível reconhecer 45 espaços relacionados à prostituição na Rua até os dias de hoje.

A maior parte das casas se localizava, e ainda se localiza, entre as ruas Costa e Marquês de Paranaguá, um dos pri-

meiros pontos de casas noturnas e baladas na Augusta dos anos 2000. Aparentemente, quase nenhum estabelecimento, mesmo nos momentos de maior "degradação" da rua, conseguiu se firmar nas proximidades da Avenida Paulista, exceto por um ponto na Galeria Le Village nos anos 1960, 1970

"As lojas da galeria eram voltadas bastante para esse jovem da época. Havia muitas lojas de couro, que faziam sapatos, cintos, entre outras coisas feita de forma mais artesanal. Havia aqui dentro, também, 3 ou 4 "inferninhos" e "barzinhos" frequentados por eles também" (TILLELI, [entrevista concedida a] PISSARDO, 2013, p. 107).

Talvez por estarem dentro da Galeria esses inferninhos tenham conseguido, de certa forma, passar despercebidos pelo controle moral, por estarem mais camuflados, em uma época na qual praticamente não foram encontrados registros de outros pontos como estes na Augusta.

Nos anos 2000 a Augusta ainda era a chamada "rua das putas" e isso consegue se estender um pouco, adentrando os anos 2010. O início do chamado Baixo Augusta convive, engloba e adere às boates de prostituição do local.

É a partir dos anos 1990 que se nota uma movimentação que culminaria no Baixo Augusta, mas é nos anos 2000 que a região se consolida como tal. No início dos anos 2000 começam a se multiplicar espaços culturais e casas noturnas na região, misturando "o estilo roqueiro, a cultura gay e fashion, as expressões da música negra e o surgimento de uma nova cena musical brasileira" (YOUSSEF, 2019, p. 62). A Boate Vegas, inaugurada em 2005, talvez represente realmente o ponto de virada dessa transformação da rua.

A Boate Vegas, casa noturna dos empresários Facundo Guerra e José Tibiriçá Martins, foi capaz de unir muitos universos culturais em seu espaço fazendo "referência aos

anos 2000 e à todo esse movimento musical que estava emergindo naquela época, tendo a música eletrônica como ponto de intercessão entre os diversos estilos” (YOUSSEF, 2019, p. 68), se destacando por ser um local bastante democrático e diverso. Com isso a casa conseguiu se firmar na vida noturna de São Paulo, influenciando a inauguração de várias outras baladas ao seu redor e também de outros tipos de estabelecimentos (lojas, restaurantes, bares), gerando cada vez mais novos olhares para a Augusta, dentre eles o da mídia. O local viria a ser conhecido como Baixo Augusta apenas em 2008, mas agora o processo de mudança da baixa para o Baixo Augusta estava definitivamente iniciado.

“Rapidamente, portanto, a casa deixou de ser assunto apenas nos cadernos culturais específicos, para entrar no imaginário da cidade, inclusive das publicações mais conservadoras de circulação nacional e que não costumavam abrir espaço para esse tipo de clube mais alternativo” (YOUSSEF, 2019, p. 72).

Outro ponto importante sobre a Vegas foi o fato de, sobretudo em seu início, manter relações diretas com a prostituição da rua. Além de sua localização, na Rua Augusta número 765, próximo à Rua Dona Antônia de Queirós e à maior concentração das boates de trabalho das prostitutas, o estabelecimento valeu-se da temática, mesmo que glamourizada, da prostituição em suas festas e eventos (PISSARDO, 2013).

Rolava, inclusive, uma pulseirinha para galera acessar o puteiro vizinho, o Casarão. Isso fortalecia um sentimento de desbravar um local antes desconhecido. “Várias amigas vinham e ficavam muito animadas para ir lá, brincavam que nunca tinham ido a um e queriam conhecer. Outros

curtiavam só com a ideia de poderem ir, mas nem chegavam a tanto”, lembra Naira. (VICE, 2015, s/ pg.).

A partir do trecho acima percebe-se que o fetiche em se conviver com a ilegalidade (YOUSSEF, 2019) que se iniciou já nos anos 1980 estava completamente consolidado na relação dos usuários com a Augusta, ou seja, a curiosidade de estar diante de um mundo tido como proibido e perigoso fazia com que muitas pessoas se deslocassem para a Rua. Em 2006 foi concebida a ideia do VegasFest, festival voltado à comemoração de um ano da casa, no qual a compra de ingresso garantiria o acesso não só à balada, mas também à pistas de dança organizadas nos clubes Balneário, Nova Babilônia, Café Paris e Blue Night Show (O ESTADO DE SÃO PAULO, 05 de maio de 2006). Entretanto, o então subprefeito da Sé, Andrea Matarazzo, decretou o fechamento das boates por falta de alvará de funcionamento, cancelando a festa (VICE, 2015, s/ pg.).

À festa prometia. O Vegas, pico encravado numa área depreciada de boates de strip-tease, entrara em acordo com quatro boates vizinhas para celebrar 1 ano de atividade com uma noite e 25 atrações entre DJs e bandas. No hotel em frente, o Pan Americano, os VIPs se concentrariam (bebida na faixa).

No entanto, a CPI do Licenciamento – criada depois que três jovens morreram no show do grupo RBD em fevereiro no Shopping Fiesta – requisitou à Prefeitura uma vistoria em cima da hora. Fiscais apareceram e embolaram a organização.

Fonte: O Estado de São Paulo, 10 de junho de 2006.

Entretanto, o Clube Vegas, além desse viés de curiosidade, promoveu uma real integração e até valorização das prostitutas da Augusta. Há relatos de que as profissionais iam para a Vegas depois que paravam de trabalhar, para se divertir e dançar (O ESTADO DE SÃO PAULO, maio de 2006), mas o momento mais marcante dessa relação se deu quando o Clube recebeu o primeiro desfile da Daspu em São Paulo.

Em 2006 a marca carioca Daspu, ligada à ONG Davida, organizou um desfile que saía do Hotel Panamericano (Augusta número 778) em direção à Boate Vegas, no qual as modelos eram seis prostitutas e uma dona de bar da região e mais três mulheres da Davida vindas do Rio de Janeiro. O objetivo era divulgar e vender camisetas da ONG Davida para arrecadação de dinheiro, mas também acabou virando um evento que marcou a rua. Gabriela Leite, fundadora da Davida e da Daspu, que começou a ser prostituta nessa região de São Paulo (HELENE, 2022), estava presente e chorou afirmando a importância do evento: “A gente sempre batalhou. Sabe o que é estar aqui na Augusta, sendo respeitada?” (LEITE, 2006 apud LENZ, 2008, p. 133). Com a repercussão do evento, ainda em 2006 a Daspu recebeu mais um convite do Vegas para um novo desfile, porém acabaram aceitando o convite de outro estabelecimento: o Clube Glória (R. Treze de Maio, 830). O casting das modelos foi novamente realizado na Augusta (LENZ, 2008, p. 159).

“Você podia imaginar a paulistana Gabriela com todos esses holofotes, luzes, badalação total, a classe média paulistana fashion se rendendo aos pés das putas? É vingança do destino, todas as mulheres brasileiras vestidas de camiseta “sou má, virando filhas-da-puta com o maior prazer, dizendo 'é isso aí que eu queria para a minha vida” (RAGO, 2008 apud. LENZ, 2008, p.159).

Nesse momento o cenário da Augusta, da “rua das putas”, já não era o mesmo. Além do novo e frenético movimento de jovens, que gerava dispersão de clientes do *trottoir* por falta de discrição, entra em vigor em 2007 a Lei Cidade Limpa, na gestão Kassab, o que fez com que os luminosos de neon, tão característicos das casas de prostituição da Augusta tivessem que ser retirados ou significativamente reduzidos.

“Os tiozinhos ficaram com medo de encontrar, por exemplo, uma filha sua na balada. Passaram a ter cerimônia de fazer o tradicional rolê de carro para escolher uma garota” (SÁ, BLOG DA FOLHA, 2006, s/ pg.).

A Augusta fica cada vez mais valorizada e seus arredores também estão passando por transformações no mesmo sentido, como é o caso da Praça Roosevelt. Surgiram diversas reclamações sobre a praça depois da obra de 1970, tanto sobre a infraestrutura construída como sobre as pessoas que teriam se instalado no local.

“Os questionamentos acerca da manutenção da Praça Roosevelt continuaram e neste período é possível reconhecer o aparecimento das pressões exercidas por moradores requisitando medidas para retirada dos novos ocupantes do espaço. “Desocupados, marginais”, “tarados”, entre outras designações para uma parcela da população que utilizava as instalações precárias da praça ao passo que a outra se retirava (FOLHA DE SÃO PAULO, 1980. Apud. YAMASHITA, 2013)”. (AZEVEDO, 2018, p. 75).

A praça passa, então, por diversas novas reformas ao longo do tempo, mas é nos anos 2000, assim como acontece na Augusta, que a ideia de revitalização do local se instaura efetivamente. Com a inauguração da sede paulistana da Companhia Satyros, em 2000, “a mídia passa a chamar a atenção para uma “revitalização” da praça promovida pela

mancha de pequenos teatros que se forma na região” (PISSARDO, 2013), a Folha de São Paulo chega a dizer que a Roosevelt nasceu com os teatros alternativos (08 de janeiro de 2005). O Satyros, assim como a Boate Vegas, buscou incluir as prostitutas em suas ações e produções, assim como outras pessoas marginalizadas:

“A praça era um dos focos por causa da degradação. Tínhamos o desafio de revitalizá-la. Até por causa da característica do nosso trabalho”, conta Cabral. “Quando chegamos, era um espaço inabitável, cheio de traficantes, prostitutas e travestis. A gente foi inserindo esse povo. Não nos interessava tirá-los daqui, pelo contrário, queríamos que participassem.” (FOLHA DE SÃO PAULO, 08 de fevereiro de 2005).

Em um processo interdependente ao que estava ocorrendo na Augusta, o movimento no local se modifica, cresce e cada vez mais surgem ações de revitalização, tanto vindas do poder público – como a inclusão da Roosevelt no PRO-CENTRO, pelo governo Marta Suplicy (2001) – quanto de ONGs como a Ação Local, e multiplicam-se as demandas por uma nova reforma no local. Com isso, aumentam as discussões para a construção de uma “nova praça Roosevelt” a partir de 2005 “em função de sua deterioração física e, principalmente, da “frequência” de mendigos, prostitutas e usuários de entorpecentes” (PISSARDO, 2013, p.185).

No ano de 2012 é entregue essa “nova praça Roosevelt”, somada aos prédios que a iniciativa privada vinha construindo desde os anos 2000 e a um aumento do policiamento no local, expulsando de forma cada vez mais intensa as pessoas marginalizadas. A prostituição, bem como outras atividades e pessoas, passa cada vez mais a não se encaixar nesse novo cenário, não ser mais vista como pertencente, aumentando o desejo de expulsão por parte dos moradores

e do poder público

“O governo, em parceria com a iniciativa privada, garantiu que as classes médias pudessem se reapropriar da rua tanto no lazer. [...] A atenção exagerada da mídia à mancha de lazer noturno e à diversidade de jovens existente ali ajudou a mascarar o processo de gentrificação, sendo esse atribuído como uma consequência “natural” e, de certa forma, benéfica da ocupação do lazer noturno na rua” (PISSARDO, 2013, p.186).

A prostituição vai passando a ser cada vez mais vista sob um ótica negativa e higienista na região: o mesmo que acontece na Roosevelt em 2012 parece acontecer também na Augusta principalmente a partir dos anos 2008. Neste ano o Studio SP, casa de shows e lançamentos musicais que se localizava na Vila Madalena desde 2005, muda-se para a Rua Augusta dando, como coloca Alê Youssef, um dos fundadores do projeto, um “salto rumo a São Paulo underground” (YOUSSEF, 2008, p.85), inaugurando a segunda onda de ocupações de novas casas noturnas na rua e região (PISSARDO, 2013). Essa segunda onda envolve também a inauguração de alguns locais como o salão de cabeleireiro Retrô Hair (2009) – inspirado na Augusta dos anos 1950 e 1960 – e a loja colaborativa Endossa; além disso, começa a se intensificar o processo de valorização imobiliária da rua.

“A chegada do Studio SP e sua cena na Rua Augusta, solidificou o processo que já vinha sendo estruturado pelo Vegas e as outras casas que surgiram na região. [...] Foi exatamente nesse período que a expressão “Baixa Augusta”, se transformou em “Baixa Augusta” em diversas mídias que anunciavam o bairro mais agitado de São Paulo. Além de todos aqueles negócios que ferviam na rua, muitos outros foram surgindo, ou redescobrimo suas voca-

ções diante do enorme movimento de jovens que a região passou a atrair” (YOUSSEF, 2008, p. 89).

V. Anos 2010 até 2023: o caso Vision Paulista

"Só tem três coisas nessa rua hoje: adolescente bebendo, família morando e amiga da mulher na balada, pra você encontrar e se foder", diz ele, que agora prefere bares no largo da Batata para as noites de quinta. "As boates que sobraram na Augusta tem cara de museu, algo do passado." (MARLON - frequentador das casas de prostituição da Augusta - apud FOLHA DE SÃO PAULO, 09 de junho de 2013).

Por outro lado, a história do Baixo Augusta também gerou um efeito colateral indesejado: a especulação imobiliária. [...] Prédios e mais prédios subiram pelas ruas do Baixo Augusta e mesmo os negócios que não estavam arriscados de serem demolidos pelas incorporadoras, tiveram seus aluguéis reajustados, com preços que dificultaram a vida dos empreendedores da cultura alternativa. Entretanto é notável como o bairro resiste. (YOUSSEF, 2018, p.120).

Estava consolidado o Baixo Augusta e a nova noite da Rua, porém as próprias baladas que auxiliaram nesse processo também começaram a sofrer as consequências do avanço do mercado imobiliário, especialmente a partir dos anos 2011 (PISSARDO, 2013). As grandes demolições se tornavam cada vez mais frequentes, abrindo espaço para os enormes novos empreendimentos. A Boate Vegas, por exemplo, foi fechada nesse contexto: a dona do imóvel recebeu uma proposta de uma imobiliária que construiria um edifício no local e, conseqüentemente, o clube encerrou suas atividades. O prédio, porém, nunca chegou a ser construído (VICE, 2015). A aparência da Augusta, que já vinha passando por um processo de mudança intenso, muda ainda mais nesse

momento: no caso da Vegas não foi construído um novo edifício em seu lugar, mas no caso de muitas outras boates e estabelecimentos da rua e da região sim.

Por meio do recurso de imagens históricas do Google Street View foi possível identificar e materializar algumas dessas mudanças e para o trabalho em questão foram selecionados três exemplos para discussão, todos inseridos entre as ruas Costa e Dona Antônia de Queirós.

"Através da grande oferta de edifícios passíveis de compra, a promessa de uma melhoria de infra-estrutura, a expulsão das atividades ilegais da rua e a política governamental de reocupação do centro por prédios residenciais e comerciais, a rua parecia preparar-se, a partir de 2009, para receber investimentos da iniciativa privada visando a ocupação de terrenos com grandes torres comerciais e residenciais" (PISSARDO, 2013, p. 188).

CASO 1: Augusta 890, Belaugusta Boulevard Offices



Google Street View, Rua Augusta na altura do número 890 - janeiro de 2010, no sobrado azul mais à direita ficava o Love American Bar e no outro azul o Eclético's Bar. Fonte: Google Maps - Street View.

Este primeiro caso trata da construção de um edifício comercial na Rua Augusta, o “Belaugusta Boulevard Offices”. Realizado pela incorporadora Esser e construído pela construtora Edalco, esse empreendimento foi entregue entre o final de 2015 e o começo de 2016, com conjuntos comerciais de 33 a 431 metros quadrados. Vendo a imagem de 2010 é possível identificar alguns dos estabelecimentos e construções que tiveram que ser demolidas para abrir o terreno para esse novo edifício: Love American Bar e o Eclético's Bar.

“Todas estas boates, em grande parte decadentes e alguns ocupando imóveis centenários em péssimas condições, estão dando lugar a uma nova “Baixa Augusta”, com menos inferninhos e mais edifícios residenciais e escritórios,

para a alegria de alguns e tristeza de outros” (SÃO PAULO ANTIGA, 2011, s/ pg.).

O Eclético's Bar, no número 888, era um conhecido bar do Baixo Augusta, famoso principalmente pela diversidade de público e por abrir todos os dias da semana até altas horas da madrugada: “o único que funciona quando todos os outros já fecharam” (FOLHA DE SÃO PAULO, 04 de abril de 2010). Já o Love American Bar, como o próprio nome já aponta, era uma boate de prostituição e sobre ele ficava um local chamado “Castelão”, que possivelmente também era um estabelecimento com prostituição, por seguir a mesma linguagem do Love, entretanto não foi encontrada nenhuma confirmação.



Google Street View, Rua Augusta na altura do número 890 - março de 2022, edifício Belaugusta Boulevard Offices.
Fonte: Google Maps - Street View.



Anúncio do edifício Bela Augusta Boulevard Offices.
Fonte: O Estado de São Paulo, 13 de Novembro de 2012.

"Quem ainda não ouviu falar no bar que está rompendo fronteiras no Baixo Augusta, está perdendo tempo literalmente !!!...O ECLETICO'S BAR chegou pra inundar a noite paulistana de novidades...a começar pelo comportamento de seu público, uma mistura finíssima de intelectuais do Baixo Augusta aliado a um desfile de homens e mulheres únicos, além da cultura gay friendly e do povo alegre que passa todos os dias aos milhares pela Rua Augusta...ECLETICO'S não tem público, tem todos os públicos e já é eleito pelos queridinhos da moda e noite como o novo after intimista de SAMPA" (BNPRESS, 20 de julho de 2011, s/ pg.).

Ambos os estabelecimentos foram demolidos por volta do

final de 2011 e pelo Google Street View é possível ver que o "Belaugusta" já estava sendo construído em 2014.

"Com um design contemporâneo e alta tecnologia, o edifício tenta atrair o público executivo através de uma comunicação focada na localização privilegiada, com acesso às ruas Augusta e Bela Vista, além de estar próximo à estação de metrô Consolação" (PISSARDO, 2013, p. 192).

Outro fato interessante a ser ressaltado é que nesse ponto pelo menos desde 1985, como mostra o anúncio no jornal O Estado de São Paulo, já funcionava uma casa de massagem, o Relax Palace, ou seja, antes mesmo de se instalar o Love American Bar, cuja data de inauguração não foi encontrada, o local já tinha relação com a prostituição.



Google Street View, Ecletico's Bar e Love American Bar ainda abertos em janeiro de 2010. Fonte: Google Maps - Street View.



Love American Bar já em processo de demolição e Ecléticos já fechado.
 Fonte: São Paulo Antiga, 27 de dezembro de 2011.



Fonte: O Estado de São Paulo, 22 de março de 1985.

CASO 2: Augusta 810, iQuali Augusta



Google Street View, Rua Augusta na altura do número 810 - janeiro de 2010, do lado esquerdo da foto é possível identificar a boate AS822 e ao seu lado o Bar do Netão. Fonte: Google Maps - Street View.



Google Street View, Rua Augusta na altura do número 810 - março de 2022. Fonte: Google Maps - Street View.

Como no caso anterior, para a construção do novo edifício foram demolidos, dentre outras construções, um famoso bar do Baixo Augusta – Bar do Netão – e uma boate de prostituição – AS822. No entanto, nesse caso o empreendimento era residencial.

Com apartamentos de 47 ou 63 m², o condomínio iQuali Augusta da incorporadora QDI, localizado no número 810, foi entregue por volta de 2017, mas os processos de demolição começaram antes: pelo Google Maps é possível ver os dois estabelecimentos ainda funcionando em fevereiro de 2011, porém na próxima imagem disponível, em fevereiro de 2014, tudo já foi colocado abaixo e a placa da incorporadora está instalada na frente do terreno vazio. Segundo o blog Blogay, da Folha de São Paulo, a última festa do Bar do Netão aconteceu em fevereiro de 2013.

O Bar do Netão abriu suas portas provavelmente antes de 2008, mas foi a partir desse momento que se consolidou na noite do Baixo Augusta, com festas independentes e entrada franca (PISSARDO, 2013). O estabelecimento encerrou suas atividades em 2013, porém “voltou num novo endereço mais arrumadinho em 2016, uma vibe diferente” (TAB UOL, 30 de junho de 2022, s/ pg.).

“A Rua Augusta de repente começou a ser hype. A fama do bar do Netão começou a crescer, e a gente percebia que não tinha um público específico, era uma mistura muito louca de pessoas de diferentes classes sociais, níveis e credos... E o diferencial do Bar do Netão era justamente ser um local aberto, onde as pessoas não precisavam pagar para entrar, o som vazava para a calçada, um lugar muito democrático, difícil de ser rotulado. Tanto é que a maioria das vezes tinha tanta gente pela calçada e invadindo a rua

que praticamente os carros não conseguiam passar: a festa acontecia também na rua” (MUSIC NON STOP, UOL, 07 de outubro de 2016).

Uma das festas independentes que o Bar do Netão realizava era a Voodoohop e pelo Facebook foi possível identificar a relação desse evento com a AS822: uma postagem de 2011 indica a que a localização da “afterparty” daquela edição da Voodoohop seria no número 822 “puteiro do lado do Netão [sic]” (FACEBOOK, 18 de novembro de 2011). Também foi encontrado um anúncio de outra festa dos mesmos organizadores, com apoio da Boate Vegas, porém na Nova Babilônia, outra casa de prostituição da Augusta.



Divulgação da festa Voodoohop em cama alheia, organizada em conjunto com a Boate Vegas, na boate Nova Babilônia - 2009.

Fonte: Blog Inn Augusta Style, 01 de junho de 2009.

A AS822, no número 822, era, portanto, uma das inúmeras casas de prostituição da Rua Augusta dos anos 2000. No site GP Guia – Fórum de Acompanhantes e Garotas de Programa – foram encontrados alguns relatos sobre a boate datados de 2005 até 2011, os últimos indicando o fechamento do estabelecimento. Pelo fórum também foi obtida a informação que a casa mudou de nome, e provavelmente de proprietário, pelo menos quatro vezes ao longo dos anos, chamando além de AS822, Augusta Shows, Gold Club e Sex Appeal.

O número 810, assumido pelo novo condomínio iQuali Augusta, também já foi revendedora de carros Lara Campos S/A em meados dos anos 1960 e loja de carpetes Isparta do

é luxo!
é conforto!
é Willys Itamaraty 66
o carro de padrão internacional



é Lara Campos s.a.
quem convida para conhecê-lo.
Reserve o seu hoje mesmo.

**Garantimos a entrega
antes do Natal!**

 Rua **Augusta, 810**
(Aberta até 22 hs)

 **LARA CAMPOS S.A.**
ESTACIONE EM NOSSA LOJA

Fonte: O Estado de São Paulo, 30 de novembro de 1965.

**AS MELHORES OFERTAS EM CARPETES
E TAPETES DE TODAS AS MARCAS
ESTÃO NA**

ISPARTA

**COLOCAÇÕES COM FELTRO GRATIS
SOLICITE ORÇAMENTO S/ COMPROMISSO**

ISPARTA: RUA **AUGUSTA, 810**
TELS.: 256-6411. • 256-6216 • 256-5048 •
256-9860
ESTACIONE DENTRO DA LOJA

Fonte: O Estado de São Paulo, 09 de maio de 1976.

LANCHONETE

Passo ponto, c/equip., R\$12mil.
R. **Augusta, 810** F:(11)8241-5912

Fonte: O Estado de São Paulo, 28 de novembro de 2004.

final dos anos 1960 até o final dos anos 1970. Ainda, antes de 2004 abrigava uma lanchonete.

Essas mudanças sofridas ao longo dos anos nesse local exemplificam bem a ideia de Ruas Augustas tratada anteriormente: acompanhando as lógicas da Augusta e também da cidade de São Paulo como um todo o ponto vai se adaptando, até chegar nos dias atuais no qual se consolida um edifício residencial para o moradores com o novo perfil da rua.

“É interessante observar como o processo de revitalização das regiões centrais se concretizou na rua Augusta através de um processo ativo de gentrificação mascarado

socialmente pelo desenvolvimento de uma mancha de lazer voltado às classes médias e uma identidade ligada ao conceito de “diversidade” de pessoas, mesmo que para que essa diversidade tenha sido possível muitos grupos foram excluídos” (PISARDO, 2013, p.193).

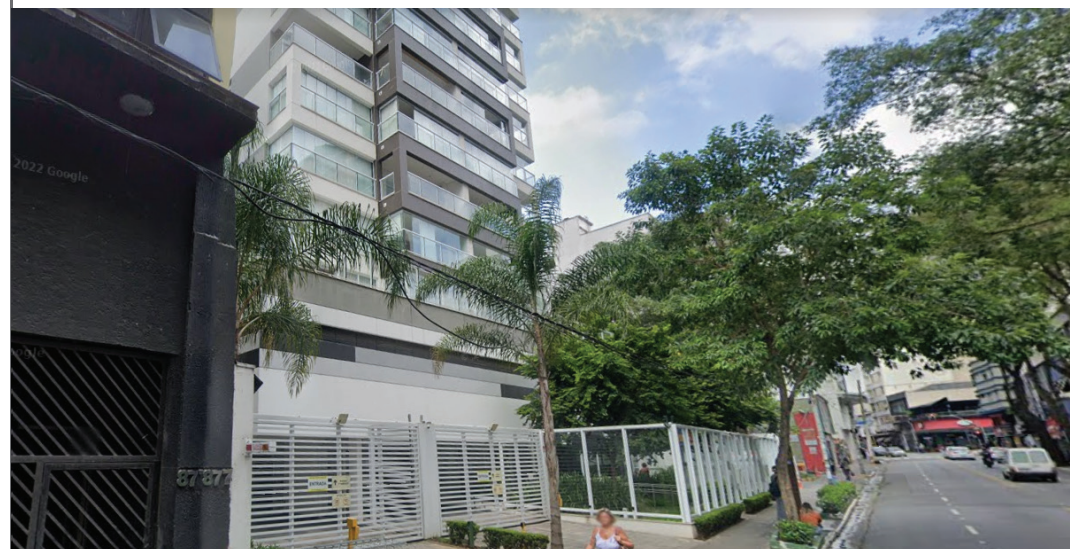
Ainda, é interessante observar que entre os dois empreendimentos analisados nos casos 1 e 2 foi construído mais um edifício, o Edifício Bela Cintra, com entrada pela Rua Bela Cintra número 201 e fundos voltados para a Augusta, com um enorme paredão correspondente aos andares de garagem do condomínio.

CASO 3: Augusta 901, Vision Paulista



Google Street View, Rua Augusta na altura do número 901 - janeiro de 2010, na primeira casa, cor de rosa, da esquerda para a direita localiza-se o Giva Hair; e na quarta casa a boate Vira Virou.

Fonte: Google Maps - Street View.



Google Street View, Rua Augusta na altura do número 901 - março de 2022. Fonte: Google Maps - Street View.

Entretanto, o caso mais representativo das mudanças na Augusta Centro ao longo dos anos talvez seja o da altura do número 901, onde hoje encontra-se o chamado “Vision Paulista”, da incorporadora Gafisa, entregue em dezembro de 2018. Como em muitos dos edifícios inaugurados mais recentemente na Rua Augusta, os apartamentos são pequenos estúdios, tendo 34, 35 ou 41 m², e o empreendimento tem um apelo para os jovens de classe média e alta, com spa, lavanderia comum, “game room”, bar, entre outros espaços confinados à área do condomínio.

“O Vision Paulista, da Gafisa, é um projeto que não poderia estar em outro lugar de São Paulo, além da Rua Augusta. Moderno, jovem e descolado, o Vision esbanja estilo e arte, assinada por Loro Verz. Para curtir com os amigos, há lazer na cobertura, com paredes de vidro para você aproveitar o máximo da vista. Isso se você não quiser sair do

seu condomínio, porque ali está a rua mais cosmopolita de São Paulo” (PLATAFORMA APTO, c2023, s/ pg.).

Antes de ser instalado esse empreendimento, porém, o terreno abrigou uma gama bastante diversa de edificações e usos ao longo do tempo, acompanhando as mudanças da Rua Augusta. Por exemplo, entre 1933 e 1934 foi construído no número 901 o Edifício Nicolau Schiesser, do renomado arquiteto Rino Levi, entretanto a esse pequeno edifício foram acrescentados quatro salões comerciais nos anos 1980.

“O declínio do edifício começou nos anos 1980, seguindo o padrão de outros prédios da primeira metade do século passado: empolgados com o vaivém da Augus-



Edifício Nicolau Schiesser, 1934 - é possível notar como aparência da Rua Augusta era diferente na época, principalmente observando o casarão vizinho e o fato de que não há edificações altas.

Fonte: Minha Cidade, Vitruvius, março de 2014.

ta, seus donos ergueram lojas na entrada, escondendo o desenho original” (REVISTA SÃO PAULO, 09 de fevereiro de 2014).

Os estabelecimentos comerciais acabaram escondendo e modificando intensamente a fachada do edifício, mas essa mudança não é um caso isolado, representa as transformações sofridas pela Augusta: com o passar dos anos, mesmo após o abandono do comércio de luxo pelas classes médias-altas e elites por volta dos anos 1970, a rua se reafirmou como ponto de comércio, agora popular, no anos 1980 (PIS-SARDO, 2013), exatamente quando acontecem as alterações na frente do prédio de Rino Levi.

Na sequência de fotos da página 129, em um período de um pouco mais de três anos, é possível observar outras transformações importantes. Na imagem de janeiro de 2010 vê-se as lojas já firmadas a frente e o prédio ao fundo, dentre os estabelecimentos comerciais foram identificados o cabeleireiro Giva Hair – primeira edificação, pintada de rosa – e a boate Vira Virou – quarta casa da esquerda para a direita, logo após o portão de entrada do condomínio residencial.

Segundo o relato de Paulo Machado, cabeleireiro no Retrô Hair desde 2014 e frequentador da Augusta desde 2004 - entrevista concedida em abril de 2023 - o Giva Hair era um salão de cabeleireiro de uma travesti, o qual possuía um terreiro na cobertura - terreiro do pai de santo Amaro de Ogun, fechado e junho de 2013 (FOLHA DE SÃO PAULO, 06 de junho de 2013). Já a Vira Virou era uma boate de prostituição que, pelas postagens encontradas no GP Guia, existia pelo menos desde 2003, mas em maio de 2010 se encontra o seguinte relato anônimo:

"Seguinte, esta casa já era. Virou balada. A casa não era grandes coisa, mas é um sintoma de que o baixo meretri-

cio da Augusta está perdendo sua vez. Sinal dos tempos, a tendência é a puturia sair dali" [sic] (GP Guia, 22 de maio de 2010).



Pai de Santo Amaro de Ogun com sua namorada Ray Soares em seu terreiro, um dos estabelecimentos que foram demolidos para abrir lugar para o Vision Paulista.

Fonte: Folha de São Paulo, 06 de junho de 2013.

A imagem do Street View de fevereiro de 2011 comprova o relato anterior: no lugar da Vira Virou abre o Rocker Club. A casa noturna parece ter substituído a boate de prostituição por volta do final de 2010, trazendo não só rock mas uma programação eclética (O ESTADO DE SÃO PAULO, 22 de outubro de 2010), atraindo assim um público diversificado, como era comum no Baixo Augusta. No entanto, em 2014 o Google Street View já mostra todas as edificações demolidas e o início da construção do Vision Paulista no lugar.

Em um reflexo dos processos experienciados pela Augusta como um todo o número 901 da rua vai se adaptando com o passar dos anos, o baixo edifício residencial cede es-



Street View - Rua Augusta na altura do número 901 em janeiro de 2010. Fonte: Google Maps, Street View.



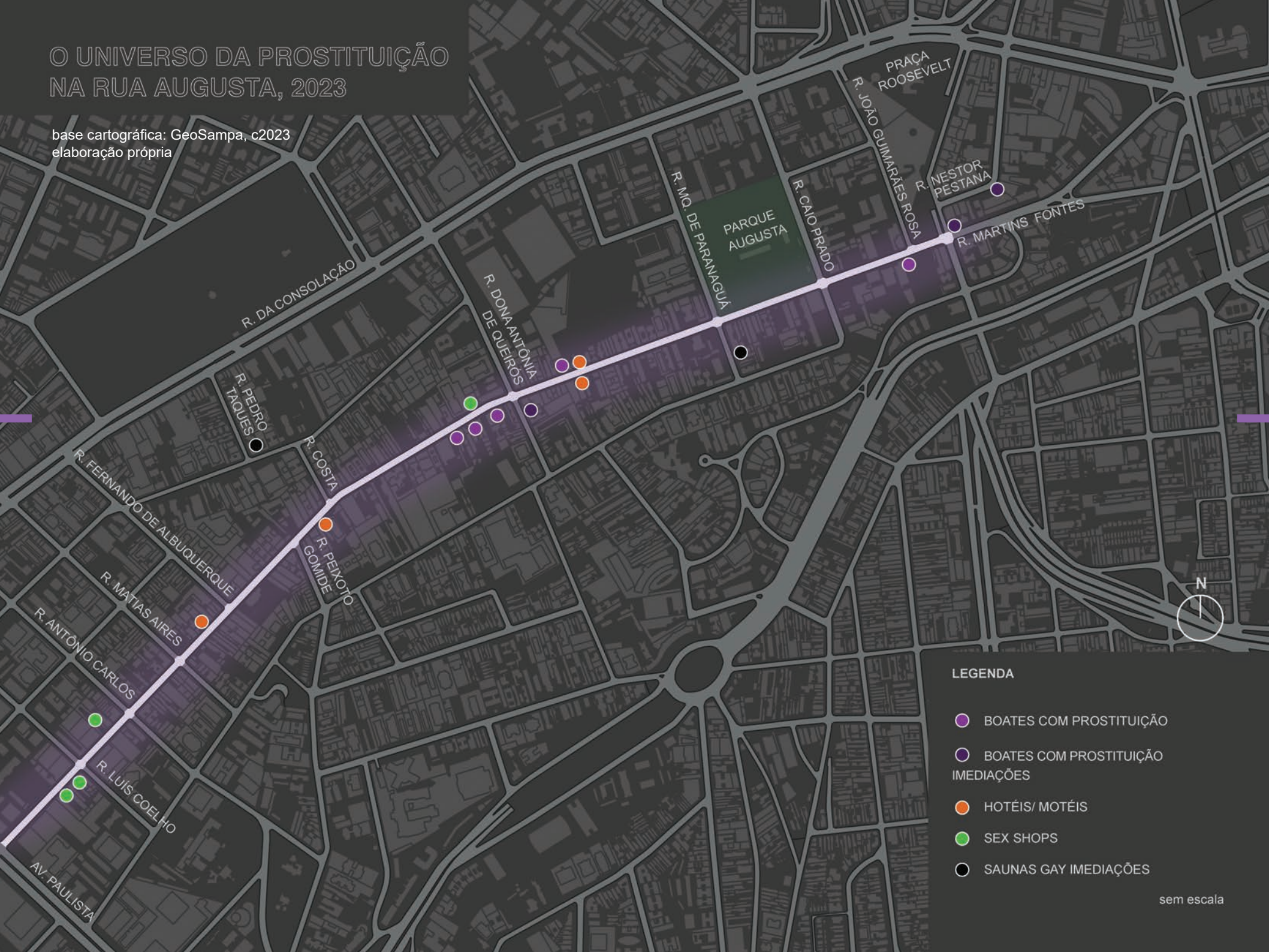
Street View - Rua Augusta na altura do número 901 em fevereiro de 2011. Fonte: Google Maps, Street View.



Street View - Rua Augusta na altura do número 901 em março de 2014. Fonte: Google Maps, Street View.

O UNIVERSO DA PROSTITUIÇÃO NA RUA AUGUSTA, 2023

base cartográfica: GeoSampa, c2023
elaboração própria



LEGENDA

- BOATES COM PROSTITUIÇÃO
- BOATES COM PROSTITUIÇÃO IMEDIAÇÕES
- HOTÉIS/ MOTÉIS
- SEX SHOPS
- SAUNAS GAY IMEDIAÇÕES

sem escala

paço para o comércio, que engloba uma diversidade de usos e funções, incluindo a prostituição. Esse ponto de prostituição depois é substituído por uma balada típica do universo do Baixo Augusta e, por fim, nem a baixa e nem o Baixo Augusta resistem, abrindo espaço para o novo empreendimento imobiliário que ali se estabelece.

Especificamente sobre a prostituição, além das demolições de boates, o *trottoir* na Augusta também sofreu alterações significativas com o passar dos anos. O processo de “revitalização”, como o próprio nome sugere, inseriu na Augusta uma nova vida, mas para isso há uma tentativa de expulsão de pessoas que já estavam inseridas no local. As prostitutas, especialmente as que trabalham na rua, passam a não ser bem vindas por grande parte do novo público que se instala ali, não se inserindo na vida noturna que os novos empreendimentos imobiliários trazem como argumento de venda para seus clientes, jovens de classe média e média-alta.

Além disso, seu trabalho, que no geral requer certa discriminação, é afetado pelo novo movimento de jovens na região. Algumas das prostitutas passam a ocupar ruas menos movimentadas nas proximidades da Augusta, como é o caso na Rua Fernando de Albuquerque, enquanto algumas poucas dividem espaço com jovens em filas de baladas nas calçadas da Rua Augusta.

“A augusta já teve tempos áureos, com muita garota mesmo. Agora está lotada de baladinha alternativa, com uma garotada estranha, que parece ter espantado as garotas. Agora as gps ficam limitadas ao quarteirão do Casarão (poucas mesmo) e uma quantidade maior na baixa augusta, em frete ao bar do Libano(acho q ficam na casa mas saem para serem abordadas ali na esquina), e em frete ao Hotel Braston” [sic] (GP Guia, 30 de dezembro de 2022).

Analisando o mapa das páginas 130-131, dos estabelecimentos relacionados à prostituição na Augusta hoje, fica nítida a enorme redução no número de boates se comparado a mapas anteriores. Foram identificados apenas cinco boates em funcionamento, estando quatro delas próximas à Rua Dona Antônia de Queirós e uma perto da Praça Roosevelt. Apesar da diminuição significativa é importante ressaltar como a prostituição na Rua Augusta resiste tanto fisicamente, apesar das enormes pressões, quanto no imaginário dos paulistanos. A Augusta ainda é comumente associada às prostitutas e seu tempo de “zona”, ainda que hoje só restem essas cinco boates deste lado da rua e mais uma do Lado Jardins. Também foram indicadas no mapa, nas imediações da Augusta, as boates La Licorne, na Nestor Pestana, a Caribe Night Show, na Dona Antônia de Queirós, e o Bar do Líbano, na Martins Fontes

“Garotas de programa contam que algumas colegas de trabalho que ficaram sem boate estão indo para o interior ou para casas em regiões mais afastadas, como Tucuruvi (zona norte), Campo Limpo e avenida Robert Kennedy (ambos na zona sul). A maioria delas, no entanto, migra para as que permanecem abertas, como Coco Bongo, Las Jegas e Casarão. Elas dizem não acreditar que a prostituição vá sumir dali” (FOLHA DE SÃO PAULO, 20 de fevereiro de 2011)

No mapa estão indicados os hotéis/motéis da Augusta os quais encontrou-se alguma referência à prostituição, ao seu uso como estabelecimento de apoio, seja para a realização de programas com prostitutas que trabalham nas calçadas ou com as que trabalham dentro de boate

Também inseridas no universo do sexo, foram indicadas duas saunas gay nas imediações da Rua Augusta, uma na

Pedro Taques e outra na Rua Marquês de Paranaguá. Esses estabelecimentos são exclusivos para homens e há alguns registros de prostituição masculina nas casas.

Ainda, foram apontados quatro sex shops em funcionamento ao longo da Augusta Centro. No caso dessas lojas há um avanço em direção à Avenida Paulista enquanto as boates continuam mais restritas em sua distribuição espacial, ou seja, esses estabelecimentos por mais que se relacionem ao sexo conseguem ultrapassar uma barreira moral invisível que as boates não conseguem. Recentemente os sex shops parecem estar se inserindo mais explicitamente e cada vez mais tanto no contexto urbano quanto no cotidiano das pessoas, há uma redução no tabu em falar de sexo, principalmente no que se relaciona ao prazer feminino, e essas lojas se inserem nesse contexto, podendo se disseminar com a expansão de mercado. Entretanto, quando se fala de prostituição o tabu ainda segue bastante firme, o que dificulta com que casas de prostituição ou mesmo prostitutas em seu *trottoir*, consigam se aproximar de algumas áreas, principalmente as mais valorizadas, como é o caso da Avenida Paulista.

"[...] é notável como o bairro resiste. Mesmo com número de arranha-céus construídos, batendo o limite do permitido pelo plano diretor da cidade, a efervescência das ruas do bairro permanece e todos os meses temos novidades, novos projetos e negócios. [...] Esse aspecto resistente também é notado quando observamos em meio aos barbeiros e cabelereiros bacanas, lojinhas descoladas, food trucks, estúdios de tattoo e casas de shows, a presença de algumas saunas e casas de massagem remanescentes" (YOUSSEF, 2018, p.120).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Estudando as transformações da Rua Augusta ao longo dos anos, principalmente no que diz respeito à vida noturna da região, foi possível compreender como a prostituição e as prostitutas são fundamentais na composição desse espaço. A Augusta ainda é tida por muitos frequentadores e também pela mídia como espaço de diversidade se comparada a outras localizações da cidade de São Paulo, entretanto fica claro como a noite da rua mudou com o passar do tempo.

A partir da década de 1980 a prostituição dominava a Augusta Centro, atraindo, além dos clientes, outras pessoas interessadas no universo de “submundo” que se fixava na rua. Nos anos 2000 a prostituição que havia sido “abraçada” e englobada pelo novo movimento que se instala na rua passa, aos poucos, a ser substituída pelas novas baladas do Baixo Augusta. Boates viram baladas, o *trottoir* se desloca para outras ruas e é substituído por filas e jovens bebendo nas calçadas, a baixa Augusta tem cada vez mais aparência de Baixo Augusta. Ainda, a prostituição como um todo passa por mudanças, a internet, por exemplo, afeta a relação entre a prostituição e seus territórios na cidade.

Entretanto, o Baixo Augusta, considerado responsável por consolidar um novo olhar sobre a rua, muito difundido pela mídia, também sofre significativamente com o avanço do mercado imobiliário em meados dos anos 2010. Se antes as baladas substituíam as boates, hoje os grandes empreendimentos cada vez mais substituem essas baladas. Hoje, tanto a baixa quanto o Baixo Augusta tentam resistir em meio às pressões imobiliárias.

Para quem os espaços urbanos são transformados? Quem é o agente e o público alvo dessas ações? As putas,



Se discute, no entanto, que foi a própria prostituição que fez da rua como ela é hoje, com a diversidade que convive que bares e baladas, festas e cafés e criam uma atmosfera de aceitação entre, em sua maioria, jovens. Assim, podemos dizer que o caráter plural e festivo da Augusta hoje difundido pela mídia e por nós tomado como verdade é fruto de diversos processos sociais, políticos e econômicos, muitas vezes contraditórios, que envolveram a Rua desde sua criação.

(REVISTA MEMÓRIA LGBT, 15 de junho de 2020)

por mais que tenham seu trabalho oficializado e nas conformidades da lei, são vistas por muitos como figuras opostas à ordem no espaço público, por mais que estejam inseridas na Augusta, nas suas imediações e na cidade de São Paulo há muitos anos, quando os interesses no local mudam, impõe-se um deslocamento desses corpos.

Apesar de tentativas moralizadoras de apagamentos físicos e simbólicos, é inegável que as prostitutas são parte constituinte da Augusta, tanto espacialmente quanto na formação da memória do local. Não é possível dissociar a história da Rua da história da prostituição, que ainda hoje resiste e se recoloca nesse espaço.

O caso da Rua Augusta mostra que mais do que possível, é necessário fazer análises urbanas putafeministas, reconhecendo e compreendendo as relações dos territórios da prostituição com o restante da cidade e as prostitutas como agentes ativas dela, como usuárias e produtoras do espaço. As cidades se colocam como locais de disputa de discursos e narrativas e as prostitutas se inserem nesse contexto, se apropriando e tensionando estigmas e moralidades impostas tanto nos espaços públicos quanto privados.

A presença ou não de corpos dissidentes nos espaços, como é o caso das prostitutas, também é uma espécie de termômetro dos interesses naquele local. Como coloca Gabriela Leite e, como aconteceu na Augusta, as “prostitutas sempre estão em áreas a serem revitalizadas. Quando vem a revitalização são as primeiras a serem expulsas” (2006, p.30).

Por mais que em um primeiro momento a prostituição seja inserida na formação do chamado Baixo Augusta, com o avanço do mercado imobiliário e um retorno do interesse de classes mais altas pela rua a expulsão se intensifica. Muitas vezes discursos moralizadores, de proteção à ordem e à segurança da cidade, são utilizados como justificativa para

políticas higienistas nas ruas e para a alteração de territórios, que agora mostram-se atraentes aos olhos do mercado.



Acesso ao mapa completo MyMaps do universo do sexo da rua Augusta e arredores

NOTAS

¹ Marina Harkot estava preparando seu memorial de qualificação para doutorado na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo quando foi atropelada no dia 08 de novembro de 2020. A pesquisadora se dedicou a diversos trabalhos que atravessavam o tema gênero e cidade e o doutorado de Marina, intitulado "Corpos e fronteiras: a construção de territórios a partir das subjetividades", tinha como objeto os territórios da prostituição e as relações de criminalização e controle dos mesmos.

² Paula Janovitch se iniciou na temática de gênero através de sua dissertação de mestrado em antropologia "O Menir de Pommery" (1994), baseada em uma obra literária, *Madame Pommery* de Hilário Tácito, cuja protagonista, *Madame Pommery*, é uma paródia às transformações da cidade de São Paulo no início do século 20. Retoma os projetos voltados a temática gênero com os percursos que passa a fazer com o coletivo PISA: pesquisa + cidade. Como foco principal constrói um trajeto de pesquisa/roteiro "Entre dois mundos: vida e morte das polacas na cidade de São Paulo" para evento "Degeneradas" do Sesc Santana (2017). A partir desta pesquisa sobre os caminhos da prostituição estrangeira na cidade, anualmente participa da jornada do Patrimônio Histórico, assim como fazendo aulas abertas no percurso "antiga zona do baixo meretrício do Bom Retiro" com estudantes universitários das mais diversas áreas. Fez um podcast sobre a antiga zona do meretrício "Zona" que integra a série de episódios "Bom Retiro é o mundo", da Casa do Povo (2023). Já apresentou inúmeras palestras sobre a prostituição judaica e seus cemitérios em São Paulo. Ofereceu uma eletiva na Escola da Cidade "Mulheres públicas: territórios históricos da prostituição na área central da

cidade de São Paulo" (2019) na qual intermediava percursos pelo território e aulas teóricas a fim de sensibilizar e dar visibilidade às questões de gênero/ prostituição. Com o PISA ainda desenvolveu o percurso/ pesquisa Sesc Consolação "3 Donas: Angélica, Veridiana e Maria Antonia (2019), assim como faz cursos anuais no CPF Sesc sobre gênero e cidade com o Antropólogo Bruno Puccinelli (2023).

³ O GPGuia - Fórum de Acompanhantes e Garotas de Programa se autointitula como "o maior fórum sobre acompanhantes e garotas de programa do Brasil" (GP Guia, c2023) e se trata de uma plataforma online colaborativa na qual majoritariamente homens postam sobre suas experiências com prostitutas, sobre boates de prostituição, indicações, etc. As postagens são feitas de forma anônima.

⁴ Durante a pesquisa foi possível identificar muitas boates da "Boca do Luxo" e algumas da "Boca do Lixo", principalmente por meio do jornal Notícias Populares. A partir das informações obtidas elaborou-se um mapa na plataforma MyMaps, o qual inclui esses dados que não foram indicados cartograficamente nesse trabalho. É possível acessar o mapa completo, com informações da Augusta e outros pontos importantes, pelo QR Code disponível na página 139.

⁵ O nome deste capítulo foi inspirado pelo curta-metragem "Nunca é noite no mapa", de Ernesto de Carvalho, Recife, 2016. O trabalho também estimulou diversas reflexões sobre o tema.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARRUDA, Maria Almeida Ferraz de Arruda. A memória no resgate do passado - a Rua Augusta em São Paulo. Dissertação (Mestrado em Cultura e Comunicação) - Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa, 120 p., 2016.

AZEVEDO, Carlos Roberto de. Praça Roosevelt: ocupação e transformação do espaço público (1967 - 2018). Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) - Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2018.

AKOTIRENE, Carla. Interseccionalidades. São Paulo: Sue-li Carneiro; Pólen, 2019. (Feminismos plurais/ coordenação de Djamila Ribeiro)

BORGES, Sofia Villela. Corpo estranho confinado: zona de prostituição do Bom Retiro e o sacrifício da modernização em São Paulo. Trabalho de conclusão de curso - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Escola da Cidade, São Paulo, 2018.

CHASSAIGNE, Philippe. Du Guide Rose au « Rainbow Flag »: la géographie du « Paris défendu » au xxe siècle, entre clandestinité et visibilité In: Clandestinités urbaines: Les citadins et les territoires du secret (XVIe-XXe). Rennes: Presses universitaires de Rennes, 2008. p. 295-308. Disponível em: <http://books.openedition.org/pur/5660>. Acesso em: 01 de abril de 2023.

DEL VALLE, Ricardo Mingareli. Entre a Belle Époque, Zonas e Trottoir: as transformações cidadinas e as rupturas arquitetônicas com a prostituição paulistana - história e contemporaneidade (1860-2020). Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) - Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2022.

_____. Da Instituição à Dissolução da “Zona De Baixo Meretrício Paulistana”: A segregação do gênero prostitucional diante das questões de tolerância, gentrificação e salubridade.

In: XII Seminário Internacional de Investigação em Urbanismo, 2020, São Paulo - Lisboa.

FELDMAN, Sarah. Segregações espaciais urbanas: a territorialização da prostituição feminina em São Paulo. 1989. Dissertação (Mestrado) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 1989. Acesso em: 02 abr. 2023.

FRÚGOLI JR, Heitor. São Paulo - Espaços Públicos E Interação Social. São Paulo: Editora Marco Zero, 2018.

HELENE, Diana. Mulheres, direito à cidade e estigmas de gênero: A segregação urbana da prostituição em Campinas. 1ª Edição. Annablume Editora, 2022.

JOSÉ, Beatriz Kara. A popularização do centro de São Paulo: um estudo de transformações ocorridas nos últimos 20 anos. 2010. Tese (Doutorado em Planejamento Urbano e Regional) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

LEITE, Gabriela. Daspu, uma grife surpreendente. [Entrevista concedida a] Natalia Viana. Caros Amigos, São Paulo, ano IX, n. 106, p. 28 - 31, jan. 2006.

LENZ, Flavio. Daspu: a moda sem vergonha. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2008.

MOIRA, Amara. E se eu fosse puta. São Paulo: Hoo Editora, 2016.

MONTEIRO, Laraly; CASTRO, Luiz. Baixo Augusta em transformação: As novas tipologias residenciais e seus impactos. Revista Nacional de Gerenciamento de Cidades, v. 08, n. 63, 2020. Disponível em: https://publicacoes.amigosdanatureza.org.br/index.php/gerenciamento_de_cidades/article/view/2472/2322 Acesso em: maio de 2023.

MOURA, Gabriela Pinto de. Prostituição e espaço urbano: a perspectiva “putafeminista” nos escritos de três prostitutas ativas-

tas brasileiras. Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais, [S. l.], v. 23, 2021. Disponível em: <https://rbeur.anpur.org.br/rbeur/article/view/6675>. Acesso em: 01 de abril de 2023.

PISSARDO, Felipe Melo. A rua apropriada: um estudo sobre as transformações e usos urbanos na Rua Augusta (São Paulo, 1891-2012). Dissertação (Mestrado em Projeto, Espaço e Cultura) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

PRADA, Monique. Putafeminista. São Paulo: Veneta, 2018. (Coleção Baderna) E-book Kindle.

PUCCINELLI, Bruno. Se essa rua fosse minha: sexualidade e apropriação do espaço na rua “gay” de São Paulo. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais - Unifesp, São Paulo, 2013).

PASINI, Eliane. “Corpos em evidência”, pontos em ruas, mundos em pontos: a prostituição na região da Rua Augusta em São Paulo. Dissertação (Mestrado em Antropologia) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, 2000.

PISCITELLI, Adriana. Interseccionalidades, categorias de articulação e experiências de migrantes brasileiras. Sociedade e Cultura, São Paulo, v. 11, n. 2, p. 263 - 274.

RAGO, Luzia Margareth. Os prazeres da noite: prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo (1890 - 1930). Tese (Doutorado em História) - Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 1990.

RECHTMAN, Enio. Itaboca, rua de triste memória: imigrantes judeus no bairro do Bom Retiro e o confinamento da Zona do Meretrício (1940 a 1953). Dissertação (Mestrado) - Centro de Estudos Árabes e Judaicos do Departamento de Letras Orientais da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

RIZZO, Paula Karine. O Quadrilátero do Pecado: A Formação da Boca do Lixo em São Paulo na Década de 50. Dissertação (Mestrado em História Social) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 200 p., 2017.

ROSIN, Maíra. Dos bêbados, das putas e dos que morrem de amor: Os marginais do embelezamento e dos melhoramentos urbanos (1905-1938). Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, 2021.

ROLNIK, Raquel. São Paulo: o planejamento da desigualdade. São Paulo: Fósforo Editora, 120 p., 2022. E-book Kindle.

SHIBAKI, Viviane Veiga. A Avenida Paulista: da formação à consolidação de um ícone da metrópole de São Paulo. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Geografia Humana) - Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

VILLAÇA, Flávio. Espaço intra-urbano no Brasil. São Paulo: Studio Nobel, 2001.

YOUSSEF, Alê. Baixo Augusta: a cidade é nossa. Belo Horizonte: Editora Letramento, 144 p., 2019.

ACERVO HEMEROTECA MÁRIO DE ANDRADE

Jornal Notícias Populares - 1978 a 1990

HEMEROTECA DIGITAL BRASILEIRA, FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL

ANTÔNIO, João. A morte da “boca do luxo”. Opinião, Rio de Janeiro, 25 de abril de 1975.

APROVEITE para pular a cerca. Jornal da República, 10 de novembro de 1979.

KOSTCHO, Ricardo. As loucas noites destes tempos de crise.

Jornal da República, 18 de dezembro de 1979.

_____. Corrupção, violência e miséria: é a guerrilha da noite. Jornal da República, 19 de dezembro de 1979.

_____. Lá vem o rapa: a ordem da polícia é limpar as ruas. Jornal da República, 20 de dezembro de 1979.

_____. Memórias da última grande dama da noite. Jornal da República, 22 de dezembro de 1979.

ACERVO ONLINE ESTADÃO

O Estado de São Paulo. Anúncio: Os bares, boites e restaurantes. São Paulo, 23 de julho de 1958.

_____. Rua Augusta: “snob” em francês e em italiano. São Paulo, 23 de dezembro de 1960.

_____. Uma rua chamada Augusta. São Paulo, 31 de maio de 1966.

_____. Governo quer coibir “trottoir”. São Paulo, 10 de março de 1967.

_____. Ministro tem sala na sede do BNH. São Paulo, 19 de março de 1970.

_____. Só explorar o lenocínio é crime. São Paulo, 08 de agosto de 1971.

_____. Noite em crise, mulheres na rua. São Paulo, 08 de agosto de 1971.

_____. É denunciada dona de boate. São Paulo, 05 de novembro de 1971.

_____. Rua Augusta, Rua Augusta, rua augusta. São Paulo, 23 de janeiro de 1972.

_____. Anúncio Relax Center Lar de Cesar. São Paulo, 04 de março de 1975.

_____. Anúncio massagistas. São Paulo, 02 de abril de 1975.

_____. Augusta: uma rua sempre nova. São Paulo, 22 de julho de 1977.

_____. Anúncio massagistas. São Paulo, 09 de agosto de 1978.

_____. Anúncio massagistas. São Paulo, 02 de janeiro de 1979.

_____. Anúncio massagistas. São Paulo, 24 de agosto de 1979.

_____. Anúncio Relax Center Augusta. São Paulo, 27 de dezembro de 1979.

_____. Anúncio massagistas. São Paulo, 22 de julho de 1981.

_____. Anúncio Homem nota 10 vai ao Relax. São Paulo, 18 de setembro de 1981.

_____. Anúncio massagistas. São Paulo, 11 de setembro de 1981.

_____. Anúncio Massagistas só japonesas. São Paulo, 06 de outubro de 1981.

_____. Anúncio Relax Club. São Paulo, 03 de março de 1982.

_____. Anúncio Relax Club. São Paulo, 02 de junho de 1982.

_____. Augusta tenta se recuperar. São Paulo, 28 de outubro de 1982.

_____. Morre Oswaldinho, um brincalhão de S. Paulo. São Paulo, 08 de outubro de 1983.

_____. Anúncio massagistas. São Paulo, 05 de junho de 1984.

_____. Do bonde camarão a ‘Nova York’. São Paulo, 12 de setembro de 1984.

_____. Anúncio Relax Palace. São Paulo, 22 de março de 1985.

_____. Anúncio Clube p/ cavalheiros. São Paulo, 03 de maio de 1985.

_____. Arruaça e desacato dos PMs. São Paulo, 11 de março de 1986.

_____. Falso mendigo fatura Cz\$ 6 mil por dia. E tem até seguranças. São Paulo, 09 de julho de 1986.

_____. Traficante de mulher é detido. São Paulo, 26 de maio de 1988.

_____. Anúncios massagistas. São Paulo, 27 de setembro de 1989.

_____. O charme está de volta à Rua Augusta. São Paulo, 19 de agosto de 1990.

_____. Dona da La Licorne fecha boate e morre. São Paulo, 09 de junho de 1991.

_____. Sampa por Glória Menezes. São Paulo, 25 de setembro de 1993.

_____. Para Dulcinéia, que nunca foi del Toboso. São Paulo, 06 de fevereiro de 1994.

_____. Helena Rosén expõe figuras ingênuas. São Paulo, 14 de novembro de 1994.

_____. Anúncio Boite Est. Plaza. São Paulo, 24 de maio de 1995.

_____. Rua Augusta teve vários cinemas. São Paulo, 25 de agosto de 1995.

_____. Sampa por Marcos Caruso. São Paulo, 30 de setembro de 1995.

_____. Sampa por Betty Gofman. São Paulo, 19 de setem-

bro de 1997.

_____. Augusta exhibe 'última moda' dos ilegais. São Paulo, 24 de janeiro de 1999.

_____. Polícia realiza operação na Rua Augusta. São Paulo, 03 de abril de 2000.

_____. Noitadas na Augusta, lição para Macedo. Campinas, 05 de dezembro de 2001.

_____. Esta rua já foi nobre. São Paulo, 25 de janeiro de 2003.

_____. Sampa por Juca Chaves. São Paulo, 30 de janeiro de 2004.

_____. Quando a Praça Roosevelt era o coração. São Paulo, Caderno 2, 06 de fevereiro de 2004.

_____. Anúncio Malu massagista. São Paulo, 13 de outubro de 2005.

_____. A Praça Roosevelt e o Arena. São Paulo, Caderno 2, 25 de novembro de 2005.

_____. Meu todo mundo. São Paulo, Caderno 2, 10 de junho de 2006.

_____. Augusta: onde as tribos se divertem. São Paulo, 25 de janeiro de 2008.

_____. Anúncio Travesti Eduarda. São Paulo, 08 de novembro de 2009.

REPORTAGENS, NOTÍCIAS E ENDEREÇOS ONLINE

ANGELO, Vitor. Em sua última festa, bar fecha rua Augusta e mostra que é possível existir diversidade em São Paulo. Blogay, Folha de São Paulo, 10 de fevereiro de 2013. Disponível em: <https://blogay.blogfolha.uol.com.br/2013/02/10/em-sua-ulti->

ma-festa-bar-fecha-rua-augusta-e-mostra-que-e-possivel-existir-de-forma-viva-diversidade-em-sao-paulo/ Acesso em: maio de 2023.

AUGUSTA da balada tem cada vez mais gente e problemas. Folha de São Paulo Cotidiano, 25 de julho de 2010. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff2507201018.htm> Acesso em: maio de 2023.

BAR que está fazendo diferença nas noites do Baixo Augusta, E-CLETICO'S lança bottons para clientes especiais. Blog BNPress, 20 de julho de 2011. Disponível em: <https://bnpress.wordpress.com/2011/07/20/bar-que-esta-fazendo-diferenca-nas-noites-do-baixo-augustaecleticos-lanca-bottons-para-clientes-especiais/> Acesso em: maio de 2023.

BENEDITO, Mouzar. Os bares de São Paulo: Bar das Putas. Portal Vermelho, 26 de julho de 2012. Disponível em: <https://vermelho.org.br/2012/07/26/os-bares-de-sao-paulo-bar-das-putas/> Acesso em: 31 de agosto de 2022.

BERGAMO, Mônica. A noite Daspu na rua Augusta. Folha de São Paulo Ilustrada, 12 de abril de 2006. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq1204200609.htm> Acesso em: maio de 2023.

CASTRO, Luciane de. A Boca do Luxo nos anos 1970: das páginas policiais para as páginas do esporte amador. Ludopédia, 31 de agosto de 2020. Disponível em: <https://ludopedio.org.br/arquivancada/a-boca-do-luxo-nos-anos-1970/> Acesso em: 22 de novembro de 2022.

CARVALHO, Ernesto de. Nunca é noite no mapa. Vimeo, 2016. Disponível em: <https://vimeo.com/175423925>. Acesso em: 25 de maio de 2023.

CIMINO, James. No centro das baladas, alternativa para morador é se adaptar. Folha de São Paulo Cotidiano, 04 de abril de

2010. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff0404201002.htm> Acesso em: maio de 2023.

_____. Prédios expulsam clubes masculinos e mudam Augusta. Folha de São Paulo Cotidiano, 20 de fevereiro de 2011. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff2002201112.htm> Acesso em: maio de 2023.

DA zona para a telona: o glamour de uma cafetina. Revista online Doc.Londrina, 15 de novembro de 2013. Disponível em: <http://doclondrina.blogspot.com/2013/11/da-zona-para-telona-o-glamour-de-uma.html> Acesso em: maio de 2023.

DASPU coloca prostitutas de verdade para desfilar em balada de SP. Vírgula Brasil, 11 de abril de 2006. Disponível em: <https://www.virgula.com.br/famosos/idaspui-coloca-prostitutas-de-verdade-para-desfilar-em-balada-de-sp/> Acesso em: maio de 2023.

DIMENSTEINS, Gilberto. Facundo arriscou economias numa rua em que, para muitos, seria improvável uma casa noturna descolada dar certo. Folha de São Paulo, 24 de maio de 2006. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff2405200603.htm> Acesso em: maio de 2023.

_____. Refundação da rua Augusta. Folha de São Paulo Colunas, 28 de maio de 2008. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/folha/dimenstein/colunas/gd280508.htm> Acesso em: maio de 2023.

FELITTI, Chico. Inferninhos dão lugar a hotéis que cobram por hora na Rua Augusta. Folha de São Paulo Colunas, 23 de novembro de 2014. Disponível em: <https://m.folha.uol.com.br/colunas/cidadona/2014/11/1551180-inferninhos-dao-lugar-a-hoteis-que-cobram-por-hora-na-rua-augusta.shtml> Acesso em: maio de 2023.

Ferro's Bar. Memorial da Resistência. Disponível em: <https://memorialdaresistencia.org.br/lugares/ferros-bar/> Acesso em:

maio de 2023.

GARCIA, Roosevelt. Alguns points de paquera de antigamente. Veja São Paulo, Blog Memória, 08 de maio de 2017. Disponível em: <https://vejasp.abril.com.br/coluna/memoria/alguns-points-de-paquera-de-antigamente> Acesso em: maio de 2023.

HELENE, Diana. “As primeiras a serem expulsas são as prostitutas”. Feminismurbana, 02 de dezembro de 2017. Disponível em: <https://feminismurbana.wordpress.com/2017/12/02/as-primeiras-a-serem-expulsas-sao-as-prostitutas/> Acesso em: agosto de 2022.

HISAYASU, Alexandre. Preso acusado de explorar prostituição. Folha de São Paulo Cotidiano, 06 de agosto de 2005. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff0608200519.htm> Acesso em: junho de 2023.

J.P relembra o Spazio Pirandello, cenário emblemático da noite paulistana nos anos 80. Glamurama, Uol, 08 de novembro de 2015. Disponível em: <https://glamurama.uol.com.br/notas/j-p-relembra-o-spazio-pirandello-cenario-emblematico-da-noite-paulistana-nos-anos-80/> Acesso em: maio de 2023.

JR, João Batista. Rua Augusta é diversificada por bares e baladas descolados. Veja São Paulo, 18 de setembro de 2008. Disponível em: <https://vejasp.abril.com.br/cidades/rua-augusta-diversificada-por-bares-baladas-descolados/> Acesso em: junho de 2023.

LIBIDO baixa no Baixo Augusta. Folha de São Paulo Fotografia, 06 de junho de 2013. Disponível em: <https://fotografia.folha.uol.com.br/galerias/16734-libido-baixa-no-baixo-augusta>. Acesso em: maio de 2023.

LOPES, J.A. Dias. Bife do bordel. Revista Veja, 25 de novembro de 2016. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/coluna/dias-lopes/bife-do-bordel> Acesso em: maio de 2023.

MORI, Kiyomori. IGUATEMI inaugurou comércio "indoor" na

cidade. Folha de São Paulo Cotidiano, 25 de novembro de 2003.

NASCIMENTO, Douglas. Kilt Shows (antiga). São Paulo Antiga, 27 de setembro de 2012. Disponível em: <https://saopauloantiga.com.br/kilt/> Acesso em: maio de 2023.

_____. Ecletico's Bar – Rua Augusta. São Paulo Antiga, 27 de dezembro de 2011. Disponível em: <https://saopauloantiga.com.br/casas-rua-augusta-878-a-896/> Acesso em: maio de 2023.

_____. Edifício Nicolau Schiesser. Vitruvius, Minha Cidade, 164.06 patrimônio, 14 de março de 2014. Disponível em: <https://vitruvius.com.br/revistas/read/minhacidade/14.164/5105> Acesso em: maio de 2023.

_____. Edifício Nicolau Schiesser. São Paulo Antiga, 05 de junho de 2013. Disponível em: <https://saopauloantiga.com.br/edificio-nicolau-schiesser/> Acesso em: maio de 2023.

NEY, Thiago. Vegas faz festival na rua Augusta. Folha de São Paulo Ilustrada, 05 de maio de 2006. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq0505200629.htm> Acesso em: maio de 2023.

OLIVEROS, Ricardo. Rua Augusta é meu antídoto contra a monotonia. Folha de São Paulo Coluna Gilberto Dimenstein, 28 de maio de 2008. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/folha/dimenstein/noticias/gd280508.htm> Acesso em: maio de 2023.

Parque Augusta em fotos inéditas: escola, shows em lona de circo e estacionamento. Acervo Estadão, 06 de novembro de 2021. Disponível em: <http://m.acervo.estadao.com.br/noticias/acervo,parque-augusta-em-fotos-ineditas-escola-shows-em-lona-de-circo-e-estacionamento,70003854812,0.htm> Acesso em: maio de 2023.

PINTÃO, Daniele. Rua Augusta vive dias de silêncio e tristeza com gatos pingados de copo na mão. Folha de São Paulo, 14 de

julho de 2020. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2020/07/rua-augusta-vive-dias-de-silencio-com-gatos-pingados-de-copo-na-mao.shtml> Acesso em: março de 2023.

Prefeitura de São Paulo fecha boate Kilt; castelo será demolido. Uol Notícias, 24 de agosto de 2012. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/album/2012/08/24/prefeitura-de-sao-paulo-fecha-boate-kilt-castelo-sera-demolido.htm#fotoNav=6> Acesso em: maio de 2023.

Prefeitura inicia demolição de prédio da boate Kilt, no Centro de SP. Portal G1, Globo, 08 de setembro de 2012. Disponível em: <https://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2012/09/prefeitura-inicia-demolicao-de-predio-da-boate-kilt-no-centro-de-sp.html> Acesso em maio de 2023.

REDETV. Documento Verdade. Youtube, 11 de maio de 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=2Ubqi-5dz-0> Acesso em: maio de 2023.

RIBEIRO, Lúcio. Um adeus à Funhouse, a balada que ajudou os indies a sair de casa e transar. Música Uol, 07 de julho de 2017. Disponível em: <https://musica.uol.com.br/noticias/redacao/2017/07/07/um-adeus-a-funhouse-a-balada-que-ajudou-os-indies-a-sair-de-casa-e-transar.htm> Acesso em: maio de 2023.

SÁ, Xico. Prostituição está quase extinta na rua Augusta. Folha de São Paulo Blog, 02 de junho de 2012. Disponível em: <https://xicosa.blogfolha.uol.com.br/2012/06/02/prostituicao-esta-quase-extinta-na-rua-augusta/comment-page-1/> Acesso em: março de 2023.

SALLES, Renato. Os clássicos da cena alternativa de SP que deixaram saudade. Chicken or Pasta, 11 de julho de 2017. Disponível em: <https://chickenorpasta.com.br/2017/os-classicos-da-cena-alternativa-de-sp-que-deixaram-saudade> Acesso em: 22 de maio de 2023.

SÃO Paulo em Hi-Fi. Folha de São Paulo fotografia, 20 de maio de 2016. Disponível em: <https://fotografia.folha.uol.com.br/galerias/44020-sao-paulo-em-hi-fi> Acesso em junho de 2023.

SAYURI, Juliana. Augusta, rua 'vanguardista' de SP, vive dias de nostalgia e clima 'cringe'. TAB Uol, 30 de junho de 2022. Disponível em: <https://tab.uol.com.br/noticias/redacao/2022/06/30/augusta-a-badalada-rua-vanguardista-vive-dias-de-nostalgia.htm> Acesso em: maio de 2023.

SENRA, Ricardo. Prédio modernista construído em 1933 será demolido na Rua Augusta. Folha de São Paulo, 09 de fevereiro de 2014. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/saopaulo/2014/02/1409013-predio-modernista-construido-em-1933-sera-demolido-na-rua-augusta.shtml> Acesso em: maio de 2023.

SESC TV. Arquiteturas: Rua Augusta. Youtube, 2016. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=aJScWgkB_yo Acesso em: fevereiro de 2023.

SIMÕES, Katia. Ele reinventou as baladas: Saiba quem é Facundo Guerra, um intelectual argentino que não entendia nada de música eletrônica, mas fez do Vegas Club um dos endereços mais disputados da noite paulistana. Revista Pequenas Empresas Grandes Negócios, Globo, junho de 2013. <https://revistapegn.globo.com/Revista/Common/0,ERT102881-17171,00.html> Acesso em: março de 2023.

STEFFEN, Lufe. Do footing aos afters: vem com a gente fazer uma viagem pela noite gay de São Paulo nos últimos 100. Music Non Stop, Uol, 06 de junho de 2017. Disponível em: <https://musicnonstop.uol.com.br/uma-viagem-pela-cena-noturna-lgbt-de-sao-paulo-nos-ultimos-100-anos/> Acesso em: maio de 2023.

VANNUCHI, Nivaldo. Conte Sua História de São Paulo: a passageira do La Licorne no meu táxi. Milton Jung CBN, 08 de dezembro de 2018. Disponível em: <https://miltonjung.com>.

br/2018/12/08/conte-sua-historia-de-sao-paulo-a-passageira-do-la-licorne-no-meu-taxi/ Acesso em: maio de 2023.

VIANA, Ananda; ALVES, Edilson. Rua Augusta: reconstruindo a história através da vida noturna. Revista Memória LGBT, 12ª Edição, 15 de junho de 2020. Disponível em: <https://memoriaslgbt.com/2020/06/15/augusta/> Acesso em: maio de 2023.

VISION Paulista. Plataforma Apto. Disponível em: <https://apto.vc/br/sp/sao-paulo/consolacao/vision-paulista>. Acesso em: maio de 2023.

UM dos points mais loucos de SP, Bar do Netão está de volta na mesma rua Augusta. Music Non Stop, Uol, 07 de outubro de 2016. Disponível em: <https://musicnonstop.uol.com.br/o-bar-netao-de-volta-a-ativa-depois-de-ler-este-texto-e-ver-estas-fotos-voce-vai-entender-por-que-esse-foi-um-dos-points-mais-loucos-de-sp/> Acesso em: maio de 2023.

@PUTEIRO. Blog Inn Augusta, 01 de junho de 2009. Disponível em: <http://innaugustastyle.blogspot.com/2009/06/puteiro.html> Acesso em: maio de 2023.

FÓRUNS E GUIAS ONLINE

GPGuia - Fórum de Acompanhantes e Garotas de Programa.

ATAS E ANAIS DA CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO

ATAS E ANAIS DA CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO. São Paulo: Centro De Memória CMSP, 291ª Sessão Ordinária, 11 de novembro de 1957.

_____. São Paulo: Centro De Memória CMSP, 93ª Sessão Ordinária, 14 de outubro de 1960.

_____. São Paulo: Centro De Memória CMSP, 319ª Sessão Ordinária, 17 de setembro de 1962.

_____. São Paulo: Centro De Memória CMSP, 85ª Sessão Ordinária, 30 de setembro de 1964.

_____. São Paulo: Centro De Memória CMSP, 9ª Sessão Ordinária, 19 de fevereiro de 1964.

_____. São Paulo: Centro De Memória CMSP, 270ª Sessão Ordinária, 19 de fevereiro de 1966.

_____. São Paulo: Centro De Memória CMSP, 392ª Sessão Ordinária, 12 de junho de 1980.

_____. São Paulo: Centro De Memória CMSP, 233ª Sessão Ordinária, 06 de maio de 2003.

ARQUIVO HISTÓRICO MUNICIPAL

São Paulo antigo: plantas da cidade. Informativo do Arquivo Histórico Municipal Washington Luís, São Paulo, ano 4, n. 20, setembro/ outubro de 2008. Disponível em: <http://www.arquiamicigos.org.br/info/info20/index.html> Acesso em: junho de 2023.

SECRETARIA MUNICIPAL DE URBANISMO E LICENCIAMENTO (SMUL)

Histórico Demográfico do Município de São Paulo. Secretaria Municipal de Desenvolvimento Urbano. Disponível em: http://smul.prefeitura.sp.gov.br/historico_demografico/index.php Acesso em: março de 2023.



MARCIA THERAPY
climass./taxana com
1.500. R. Marques de Itu, 95 -
3ª. cl. F. R. Augusta, 134 - F.:
221-1833.
MASS. Só japonesas taxa única
clisaua R. Augusta, 136 -
10/24hs.
MASS Inaugurando cl/18 flores
n/seu relax. Novidade diferente
R. Augusta, 1035.

MALU MASS.
Anti relaxante. R. Augusta,
guel. ☎8527-9947

Augusta exhibe 'última moda' dos il

Venha Inaugura

alace. Rua Augusta, 890.

GOLDEN, jóia de b
incrustada no esto
de luzes da August

Elas Voltaram!

Relax girl's. C/renovação mensal e rigoroso crité-
de seleção. O gabarito do Relax Center é compro-
o, pergunta... conheça. Rua Augusta, 83 -
258-2840

MASSA
Vitór
está l
das 8
ming
horas
lhor
83, 1
Rua
5118

**Até que enfim uma casa de
massagens com terceiras
intencões!**

A primeira intenção é fazer você entrar num ambiente de sonho: climatizado,
bem decorado, original, gostoso. A segunda, é oferecer serviços reais, que nin-
guém tem: saunas dinamarquesas, banhos exóticos com sais aromáticos, suítes
de massagem relax, show "alive" com drinks afrodisíacos. E a
terceira é ter sempre a mais luxuriante equipe de "hostesses"
e massagistas... Todas essas ótimas intenções custam
menos do que você pensa. E são muito mais
interessantes...

Relax Center

Conheça São Paulo, conhecendo a noite
da Augusta.

- GOLDEN BELL'S

Shows. Garotas. Música ao vivo.
Rua Augusta, 722



Grandes todos os Cantões de Crédito

MASSAGISTAS só J
R. Augusta, 36 E ma
diaplas jovens, sal